

Pedro Nunes de Castro

**TODOS OS NOMES DA CEGUEIRA DE RICARDO REIS:  
ESTRATOS ESTOICOS NA OBRA SARAMAGUIANA**

Tese submetida ao curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de doutor em Literaturas

Orientador: Professor Dr. João Eduardo P. Basto Lupi

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Castro, Pedro

Todos os nomes da cegueira de Ricardo Reis : estratos  
estoicos na obra saramaguiana / Pedro Castro ; orientador,  
João Eduardo Basto Lupi - Florianópolis, SC, 2016.  
213 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós  
Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. O ano da morte de Ricardo Reis. 3.  
Ensaio sobre a cegueira. 4. Todos os nomes. 5. Estoicismo.  
I. Basto Lupi, João Eduardo. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura.  
III. Título.

Dedico esta tese a:

Vó Itelvina Vitorina Nunes; Vô Maximiano de Castro; Tia Jurema Felícia Soares; Padrinho Carlos Buglione; Amiga Fabiana Baségio; primo Maicon de Castro – todos *in memoriam*, que vivos no meu coração permanecem.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, a Nossa Senhora da Imaculada Conceição, aos familiares Rose Wegner, Maria Tereza Nunes, Vivaldino de Castro, João Roque Nunes de Castro, Alexandre Wegner, Domingos V. Nunes, Nestor de Castro, Cristina, Emanuelle, Gabriela, Daniel. Dom Sinésio Bohn, Professor Dr. Hilário Bohn, Professor Dr. João Lupi, orientador desta tese. Professora Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo, Professor Dr. Jorge H. Wolff, coordenadores do Programa de Pós-graduação em Literatura, Professora Dra. Simone Schmidt, Professor Dr. José Ernesto Vargas, Professor Dr. Antônio Nery, Professor Dr. Jorge Molina, Professora Dra. Eunice Piazza Gai, Professora Dra. Rosângela Gabriel, professora Dra. Salma Ferraz. À Mônica Barreto, a Giulia Rury Venturieri, ao Frei Luiz Antônio Frigo e à equipe do SAV – Serviço de Animação Vocacional, ao Marcus Vinícius, a Clara Neckel, ao Rodrigo Gomes Ferreira, a Júlia Telésforo, Tarissa Stern, Ângela Teodósio, Guilherme Bueno, Cléber Bosetti. Aos afilhados Gabriel Luís Wegner e João Victor de Castro, que têm muito para aprender e que tanto me ensinam.



## RESUMO

Esta tese versa sobre a presença do Estoicismo na obra de José Saramago e os livros analisados são *Todos os nomes* (1997), *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e *O Ano da morte de Ricardo Reis* (1984). O Estoicismo estabeleceu diretrizes para que o ser humano consiga chegar à felicidade. No entanto, existem múltiplas possibilidades interpretativas dessas orientações e a principal é a decorrência para a exortação à ação, notabilizada pela personagem da mulher do médico, ou para a apologia à inação, representada pelo protagonista Ricardo Reis. Neste trabalho trazemos a lume a ênfase ética e essas polaridades hermenêuticas, denominadas como estratos estoicos, que estão presentes nas narrativas. A partir dos tópicos, a primazia da razão, o destino e a indiferença, evidenciamos as confluências e as divergências do prêmio Nobel de Literatura em relação aos preceitos estoicos.

Palavras-chave: cegueira, razão, destino, indiferença, ação e inação.





## ABSTRACT

This thesis deals with the presence of Stoicism in the work of José Saramago and the analyzed books are *Todos os nomes* (1997) *Ensaio sobre a cegueira* (1995) and *O Ano da morte de Ricardo Reis* (1984). Stoicism has established guidelines for the human being achieve happiness. However, there are multiple possible interpretations of these guidelines, and the main one is the result for the call to action, emphasized by the character of the doctor's wife, or the apology for inaction, represented by the protagonist Ricardo Reis. In this work we bring to light the emphasis on ethics and these hermeneutical polarities, called as Stoics *strata*, which are present in the narratives. From the topics, the primacy of reason, fate and indifference, we noted the confluences and divergences of the Nobel Prize for literature in relation to the Stoics precepts.

Keywords: blindness, reason, destiny, indifference, action and inaction



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
1 ESTOICISMO: EDIFICAÇÃO DO PÓRTICO.....	21
1.1 A PRIMAZIA DA RAZÃO .....	25
1.2 DESTINO.....	41
1.3 INDIFERENÇA .....	51
1.4 ESTOICISMO: DUPLA INTERPRETAÇÃO.....	64
2 UMA VISÃO HOLÍSTICA DO <i>CORPUS</i> LITERÁRIO ...	73
2.1 O DUPLO.....	74
2.2 AS INTERMITÊNCIAS DA VIDA.....	82
2.3 A ILHA .....	94
3 A PRIMAZIA DA RAZÃO.....	99
3.1 A MAIS TERRÍVEL DAS DESGRAÇAS .....	100
3.2 A RAZÃO ESTÁ CEGA.....	112
3.3 O SENHOR É UMA CRIANÇA .....	125
4 DESTINO .....	130
4.1 O QUE TEM DE SER, TEM DE SER E TEM MUITA FORÇA.....	131
4.2 ENIGMÁTICO DESTINO .....	138
4.3 O QUE TIVER DE SER, SERÁ.....	141
5 INDIFERENÇA .....	148
5.1 NA INDIFERENÇA DOS DEUSES.....	148
5.2 METADE DE INDIFERENÇA.....	157

5.3 ESTAS PALAVRAS ESTOICAS .....	163
6 ESTRATOS ESTOICOS .....	169
6.1 TODOS OS NOMES .....	169
6.2 DA CEGUEIRA .....	174
6.3 DE RICARDO REIS .....	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	190
REFERÊNCIAS .....	194

“Intento ser, à minha maneira, um estoico prático, mas a indiferença, como condição de felicidade, nunca teve lugar na minha vida, e se é certo que busco obstinadamente o sossego do espírito, também é certo que não me libertei nem pretendo libertar-me das paixões.”

José Saramago (2009a)



## INTRODUÇÃO

A crítica literária efetuada nesta pesquisa ocorre pelo viés da Filosofia. Essa área de conhecimento esteve sempre ligada à Literatura, vide como exemplos as tragédias de Sófocles (1991), Ésquilo (1991) e Eurípidés (2007) que desenvolvem temáticas filosóficas. Se fosse para escolhermos uma imagem que retrata o entrelaçamento entre esses dois âmbitos de saber, seria a de duas crianças entretidas contando histórias e se perguntando sobre a vida. Crianças para quem o universo é uma imensa cortina a ser manuseada com pensamentos oblíquos e singulares. E essa é uma forma de progredir no conhecimento, ancorando-se na dúvida e fazendo dela a mais salutar das certezas. José Saramago apanha a Literatura pela mão e vai ao encontro da Filosofia para que ambas possam deambular pelo mundo no intuito de interpretá-lo e transformá-lo.

A palavra filosofia não é estranha ao senso comum, porquanto ela emerge nele assiduamente. Em conversas informais não é raro ouvirmos a constatação: *Como você está filosófico!* Mas pouca gente se interroga sobre o que é ser ou estar filosófico. Caso se perguntasse já o estaria sendo. Portanto, *grosso modo*, asseveramos que a filosofia é a arte de questionar. E a ferramenta adequada para esse mister é o estranhamento através de imersões em temas pertinentes à condição humana. É o método socrático, a maiêutica, em que o autor da frase “conhece-te a ti mesmo” inquiria seus interlocutores que por fim

enleavam-se. E há uma amostra da filosofia inserta no cotidiano não-acadêmico em *Claraboia* (2011a), pois o personagem Silvestre é um sapateiro-filósofo.

Certificamos que a pujante ficção saramaguiana possui uma essência filosófica e por isso outorga várias indagações, e uma delas é: “Quem somos?” O prêmio Nobel de literatura encara a esfinge, assumindo o risco de ser devorado. É uma questão similar a do Rei Lear que se inquieta e clama no ato IV: “Quem me dera saber quem sou, realmente” (SHAKESPEARE, 2010, p. 161). No campo do nominável a ilação feita é a de que somos estoicos. Salientamos que além dos antigos continuadores da seita zenoniana que assim se autodenominariam de forma suspeita, mais alguém, com interesse na verdade, assume-se em tal condição.

É evidente que a hipótese de que o estoicismo esteja intrínseco à obra saramaguiana, não implica colocá-la no leito de Procusto, como a defesa de que esta seja a única lente plausível de análise. Ilustramos essa resolução com *O conto da ilha desconhecida* (1999) em que o personagem requisita ao rei um barco para viajar à ilha intitulada. Este replica que todas as ilhas estão no mapa, que é um desígnio vão. Todavia, o requerente argumenta que aquelas contidas no mapa são as conhecidas, e ele está à procura da inédita. “E que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura, Se eu to pudesse dizer, então não seria desconhecida” (SARAMAGO, 1999, p. 17). Devido a essa persistência e à clarividência da alegação, o rei cede o barco para a sonhada viagem. Ainda a intenção do personagem: “Quero saber quem sou eu quando nela [na ilha desconhecida] estiver, Não o sabes, Se não saís de ti, não



chegas a saber quem és” (SARAMAGO, 1999, p. 40). O conto é assim finalizado: “Pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma” (SARAMAGO, 1999, p. 62). Em consequência da escassa bibliografia sobre o estoicismo na obra de Saramago, estamos estreado este périplo a ignotas áreas que muito sofreu a pecha de impossível por não estar inventariado.

Para alcançarmos o respectivo intento amparamo-nos no alvitre drummondiano que preconiza a polissemia dos vocábulos. “Chega mais perto e contempla as palavras./ Cada uma / tem mil faces secretas sob a face neutra / e te pergunta, sem interesse pela resposta, / pobre ou terrível que lhe deres:/ Trouxeste a chave?” (ANDRADE, 2000, p. 14). O termo estoico, sendo multifacetado, amolda-se a esses versos. Aderindo ao tino poético, o estoicismo além da chave de interpretação será o fio de Ariadne que nos dará guarida no labirinto dos romances sondados.

E a intimidade de Saramago com a filosofia do pórtico é evidenciada em toda a sua obra, afinal ela é referenciada desde a fase incipiente da carreira de escritor. Em *Manual de Pintura e Caligrafia* (1992<sup>1</sup>), que é denominado como o mais autobiográfico “pelas referências, pequenas notas, que se vão sucedendo ao longo do livro à laia de flashes, de iluminações” (SARAMAGO, 2008, p. 80) um personagem é designado pela letra S. O narrador dá uma lista de nomes que corresponderiam a este signo. Destacamos uma passagem:

Nenhum Séneca pode administrar hoje a SPQR.  
(Séneca, Lucius Annaeus Seneca [4-65], nasceu em Córdova, filósofo latino, foi preceptor de

---

<sup>1</sup> Publicado em 1977.

Nero, depois caiu em desgraça e recebeu dele ordem para se suicidar, abrindo as veias. Tratados: *Da tranquilidade da Alma, Da brevidade da Vida, Questões Naturais, Cartas a Lucílio* (SARAMAGO, 1992, p. 25).

Estão arroladas as principais obras da fase imperial, do qual Sêneca é um prestigiado nome. A ele e à sua produção Shakespeare também se reporta: “A tragédia de Sêneca não muito pesada e a comédia de Plauto não demasiado leve” (SHAKESPEARE, 2009, p. 58). Sem que nos desviemos deste tema, delimitaremos o *corpus* literário através de uma vista panorâmica na obra saramaguiana.

Em uma conferência “A estátua e a pedra”, o escritor utiliza imagens homônimas para representá-la. O título *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) e todos os anteriores corresponderiam à estátua, os posteriores, à pedra; ou seja, a investigação ao interior da pedra (SARAMAGO, 1999b). A estátua abriu o caminho para chegar à pedra e a pedra, do seu interior sustentou a estátua. Concebemos outra imagem para ilustrar a obra de Saramago: a de um aclave em que todos os livros precedentes ao *Ensaio sobre a cegueira* enfileiram-se sustentando-o no topo, e, no lado oposto, todos os vindouros, em declive, deslizam como uma queda d’água que tem sua nascente nele. Este, do topo, é o principal romance a ser analisado, pois subscrevemos Seixo em *Lugares da ficção em José Saramago* ao afirmar que ele representa “a crônica sobre um livro anunciado” (1999, p. 97). E sendo que para o *Ensaio* (1995) tudo converge e de onde tudo diverge, escolhemos para auxiliar um anterior *O ano da morte de Ricardo Reis* (2011), publicado em 1984, e um posterior, *Todos os nomes* (1997). Ambos têm a incumbência de ser suporte ao primeiro.

No papel de crítico, Saramago exprime sua visão sobre a instância narrativa. Em uma conferência com escritores negou a existência do narrador e perguntou onde está o de uma peça de teatro e o de uma pintura. Afirmou ironicamente que foi embora sem resposta (SARAMAGO, 1999b). Ao receber o título de doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal de Santa Catarina, ele proferiu o discurso “A história como ficção, a ficção como história”, no qual advoga que a voz do autor e do narrador podem se confundir porquanto o primeiro tem a primazia sobre o segundo (SARAMAGO, 2000, p. 15). Essa é uma ideia que intenta expandir a responsabilidade do criador. Visão endossada por sua tradutora Pilar Del Río: “Há poucas diferenças entre o autor do livro, a voz do narrador e o que expressa o livro (...). Não há uma construção do narrador. É o autor” (DEL RIO, 2012, p. 60). Nas suas narrativas, portanto está exposta a aceção de mundo do escritor. “Embora eu não faça da literatura panfletos, nunca fiz, qualquer leitor atento perceberá, numa leitura de um romance meu, o que é que eu penso sobre o mundo, sobre a vida, sobre a sociedade...” (SARAMAGO, 2010, p. 208). E a obra de ficção soma-se a outras intervenções, tais como, artigos jornalísticos, entrevistas, conferências, pois nela sobressai um matiz ético, constituindo-se um itinerário que leva à reflexão sobre situações vivenciadas no cotidiano hodierno. Como protótipo reportamo-nos a um trabalho publicado postumamente: *Alabardas, alabardas* (2014), romance incompleto cujo protagonista é Artur de Paz Semedo que trabalha numa fábrica de armas e muito se orgulha desse ofício. Por seu turno, repara “os efeitos mortais que

costumam ter as pistolas” (SARAMAGO, 1995<sup>2</sup>, p. 161), o que desencadeia em Artur um conflito interno. Globalmente ecoa, na obra galardoada, a mesma inconformidade expressa por Lady Macduf da peça *Macbeth*: “(...) Mas lembro-me agora de que estou num mundo em que fazer o mal é sempre louvável, fazer o bem, muitas vezes, é considerado loucura perigosa” (SHAKESPEARE, 1978, p. 170). E o escritor optou por não ficar indiferente diante desse contexto social. Asseguramos que a literatura de Saramago é a lanterna de Diógenes que guia os cegos. A Academia Sueca, ao comunicar o vencedor do prêmio Nobel, sintetizou os méritos de seu trabalho mencionando, entre outros pontos, a verve sociológica. “É um texto multifacetado e plurissignificativo que tem, ao mesmo tempo, uma perspectiva histórica, social e individual” (apud LOPES, 2010, p. 196).

A epígrafe do livro *Objecto Quase* (1994), corrobora o engajamento social do autor, porquanto cita uma frase de *A sagrada família*: “Se o homem é formado pelas circunstâncias, é necessário formar as circunstâncias humanamente” (MARX; ENGELS, apud SARAMAGO, 1994). Em semelhante vigor ele reverbera Almeida Garret, na também epígrafe de *Levantado do Chão* (1999c), em que é delatada a exploração dos camponeses pelos que detêm os meios de produção:

E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infância, à ignorância crapulosa, à desgraça

---

<sup>2</sup> *Ensaio sobre a cegueira.*

invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico? (GARRET apud SARAMAGO, 1999c, p. 07).

É uma questão pertinente que, entretanto pode soar como inoportuna, sob o alibi de evitar desassossegos supérfluos. Esta narrativa é considerada realista, onde a magia da arte está em reproduzir fatos corriqueiros, no entanto em sua obra a recíproca também é verdadeira, pois inclusive o criador sente-se afetado pelas suas criaturas. Na ocasião da condecoração do prêmio Nobel discursou sobre como “a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz” e confidencia que: “(...) tenho vindo, sucessivamente, a implantar no homem que fui as personagens que criei<sup>3</sup>” (SARAMAGO apud FERRAZ, 2012, p. 20). O homenageado creditou também a seus ascendentes a pessoa que é, reputando a eles “uma atitude naturalmente estoica perante a vida” (SARAMAGO apud FERRAZ, 2012, p. 21-22). Em uma circunstância distinta reassume o parâmetro mencionado, pois se admira dos Indígenas de Chiapas que vivem como personagens heroicos. “Enfrentam a guerra com esse estoicismo que tanto me impressionou, um estoicismo quase sobre-humano que não aprenderam na universidade, que construíram durante séculos de humilhação” (SARAMAGO, 2010, p. 401).

Abordando a interação entre o *homo fictus* e o *homo sapiens* (FORSTER, 1998), retomamos o conteúdo predominante. Em ambas as

---

<sup>3</sup> Em uma peça de Pirandello é exemplificada a inevitável interação do personagem com o diretor: “(...) e torno a perguntar-lhe, a sério: quem é o senhor?” Diante da surpresa do diretor ele prossegue: “Um personagem, senhor diretor, sempre pode perguntar a um homem quem ele é. Por que um personagem tem de fato uma vida própria, uma vida que tem sua marca, e por isso é sempre ‘alguém’. Já um homem – não estou falando do senhor – mas um homem qualquer, em geral, pode perfeitamente não ser ‘ninguém’” (PIRANDELLO, 2004, p. 122).

referências acima o termo *estoico* poderia ser substituído por *sabedoria*. Testamos a alteração: “Uma atitude naturalmente *sábia* perante a vida; Enfrentam a guerra com essa *sabedoria* que tanto me impressionou;” e “uma *sabedoria* quase sobre-humana”. Portanto ele está utilizando, nesses posicionamentos, o nome desta corrente filosófica de uma forma positiva. Nos dois exemplos as pessoas convivem com a dor de forma ativa, a pujança da desventura alicerça a serenidade.

No entanto, no texto citado na epígrafe da tese, o escritor adere a ela parcialmente certificando a polissemia deste vocábulo. Ela foi registrada ao menos duas vezes: em *Cadernos de Lanzarote* (1997a) e *O Caderno* (2009a). Este texto dilucida um princípio, seguido de uma dupla dicotomia, tese e antítese. O princípio é assumir-se um estoico prático e que adapta essa doutrina segundo a própria subjetividade, *à sua maneira*. E explicita as adaptações. Na primeira há uma inversão, iniciando com a antítese que repudia a indiferença como condição para chegar à felicidade, que é a tese. Afiançando que, se a única via é essa, então não almeja ser feliz. No segundo par, adere ao sossego de espírito, tradução do termo grego *ataraxía*, mas a antítese é o repúdio ao meio estabelecido, a libertação das paixões. E a síntese está nas narrativas, porquanto essa relação ambivalente com o estoicismo é transferida para elas. Saramago, portanto não faz uma leitura superficial dessa linha de pensamento, ele a coteja sob diversos enfoques. Somando-se a estes antagonismos, esmiuçamos uma duplicidade hermenêutica: há os estudiosos que dos princípios estoicos inferem uma apologia à inação, outros, porém interpretam dos mesmos princípios, uma exortação à ação. Por apologia à inação entende-se que o sujeito deva adaptar-se às

circunstâncias e por exortação à ação, moldar as circunstâncias de acordo com as suas convicções.

No romance *Ensaio sobre a lucidez* (2004), a filosofia glosada alteia-se novamente. É relatado que o primeiro ministro recusou “com estoica impaciência a injeção antitetânica” (SARAMAGO, 2004, p. 84). Esse romance dialoga com o *Ensaio sobre a cegueira* (1995), porquanto há personagens comuns entre as duas narrativas, tais como, a primeiro cego, a mulher do médico e o médico. Além disso, os acontecimentos afluem quatro anos depois da epidemia, denominada como cegueira branca. A lucidez é de cunho político, pois a “calamidade” é a do voto em branco, que questiona a legitimidade das eleições numa determinada capital. E a expressão ‘estoica impaciência’ é um oxímoro, uma vez que estoico denota serenidade, portanto está no avesso campo semântico de impaciência. Além das sentenças antitéticas que se revelarão recorrentes, estaremos atentos se a repetição de personagens se verificará entre os romances do *corpus* literário selecionado.

Uma dúvida que poderá eclodir: estudar narrativas do século XX com base numa teoria da Grécia Antiga e do Império Romano, estabelecendo parâmetros entre elas, é uma prática imune a anacronismos? Certamente não, contudo teremos o cuidado de não transpor os conceitos temporalmente sem circunstanciá-los. O objetivo é demonstrar que a literatura saramaguiana não apenas tem um viés filosófico, o que é vago e muito sabido, senão precisar qual é o viés. Adotamos o postulado de que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”

(KRISTEVA, 1974, p. 64). Sendo assim, pretendemos destacar alguns tons filosóficos deste quadro, acentuá-los e desta ação auferir a relevância dos resultados.

No primeiro capítulo, explanamos em quatro tópicos o que há de mais relevante na ética estoica, a saber: o elogio à razão, os preceitos sobre o destino, sobre a indiferença e por último, a polaridade hermenêutica – Estoicismo: dupla interpretação. No segundo capítulo explicitaremos o corpus literário de uma forma geral dialogando com a fortuna crítica, deslindando as convergências e divergências com a corrente filosófica. O terceiro, quarto, quinto e sexto capítulos serão tecidos, com uma análise mais detalhada, a partir de fios puxados do primeiro. No terceiro, detectaremos a presença da temática que versa sobre a primazia da razão em cada obra selecionada. No quarto e no quinto analisaremos igualmente os argumentos sobre o destino e a indiferença nas narrativas. No sexto realçaremos a polaridade consignada nesta introdução através dos três protagonistas, o Sr. José, a mulher do médico e o médico e poeta Ricardo Reis.

Iniciamos com o alicerce da pesquisa, o Estoicismo e o seu respectivo contexto.



## 1 ESTOICISMO: EDIFICAÇÃO DO PÓRTICO

Antes de apresentarmos as ideias nucleares do Estoicismo, exporemos, *en passant*, o cenário em que ele vigorou. Esta corrente filosófica foi criada no período helenístico, que Long (1984) delimita entre o século IV. a.c. até o ano 31 d.c. Além do platonismo e do aristotelismo dos quais terá herdado algumas características, sobressaem mais três doutrinas coetâneas: Epicurismo, Cinismo e Pirronismo. Sendo incontestável que a rivalidade entre estas diferentes escolas auxiliou a delinear o estoicismo, relataremos, no decorrer do trabalho, algumas noções elementares das mesmas. Na literatura encontramos o entendimento de que são permeáveis as principais doutrinas. Bernardo Soares, o auxiliar de guarda-livros, semi-heterônimo de Fernando Pessoa compartilha sua aspiração: “Como todo o estoicismo não passa de um epicurismo severo, desejo, quanto possível, fazer que a minha desgraça me divirta” (PESSOA<sup>4</sup>, 2006, p. 367). Com esse intuito ele se propõe a tanger o prazer do epicurismo pelo sofrimento do estoicismo. Sêneca, na obra epistolar, cita algumas máximas do *filósofo do jardim*<sup>5</sup>,

---

<sup>4</sup> 1888-1935.

<sup>5</sup> Epicuro.

fato que solidifica a proximidade teórica destas correntes<sup>6</sup>. Outra aproximação feita frequentemente é do estoicismo com o cristianismo. Duhot é um dos muitos estudiosos que evidencia pontos em comum afirmando que aquele “tornou-se um pouco o passageiro clandestino do cristianismo” (DUHOT, 2006, p. 215). No decorrer do trabalho exporemos mais ideias similares<sup>7</sup>.

O radical da palavra do qual se origina o nome desta escola é *Stoa*. Zenão, o mentor, encontrava-se com os alunos na colunata pintada, *poikile stoa* (LAERTIUS<sup>8</sup>, 1988). É também designada como filosofia do pórtico devido à tradução desse termo grego. As três fases dividem-se em Estoicismo Antigo, Médio e Imperial. A primeira é representada por Zenão, Cleantes e Crísipo, a segunda teve entre os pensadores, Panécio e Possidônio, e no Imperial relevam-se os nomes de Epicteto, Marco Aurélio, Mussônio Rufo e Sêneca, semi-biografado por Saramago na introdução.

O Estoicismo divide suas teorias em três áreas. Para elucidar a tripartição delas idealizou-se uma analogia com um corpo segundo a qual, a lógica é os ossos e músculos, a física é a alma e a ética é a carne. Ou se compara com um ovo, na qual a lógica é a casca, a física é a gema e a ética é a clara. Por último, equipara-se a um pomar, no qual as árvores representam a física, a cerca, a lógica e os frutos, a ética

---

<sup>6</sup> Entendemos ser oportuno diferenciar o estoicismo antigo, apregoados pelos filósofos da forma como escritores, tais como Fernando Pessoa e Saramago interpretaram esta corrente filosófica, sendo que entre estas duas realidades existem similaridades e não identidade.

<sup>7</sup> O mesmo autor cita excertos de São Jerônimo, Santa Teresa D'Ávila e Santo Ambrósio provando as profundas semelhanças entre as duas doutrinas.

<sup>8</sup> Viveu do ano 200 a 250 d.c. aproximadamente.

(OLIVEIRA, 2010). As três interagem, sendo que as teorias da lógica são base para a física e para a ética, e esta também se assenta nas anteriores. De acordo com Ildefonse, são complementares: “(...) o local da representação dentro da lógica, o local do corpo dentro da física e o local da tendência ou impulso (*hormè*) dentro da ética” (ILDEFONSE, 2007, p. 127). Não obstante, serem complementares, houve ênfases diversas de acordo com o período. A fase imperial sobrevalorizou a ética, empenhando-se em atender ao questionamento de como devemos proceder. Sêneca professa: “Por isso não tenho vagar para bagatelas, estou ocupado com tarefa mais importante. Como hei-de agir?” (SÊNECA<sup>9</sup>, 2004, p. 168). A teoria só é relevante à medida que incidir na prática e impelir o homem à virtude.

No que tange à ética, nosso âmbito de pesquisa, três conceitos são determinantes, virtude, sabedoria e felicidade. O sábio, através da virtude, alcança a felicidade. Portanto, só ele é virtuoso e plenamente feliz. Schofield certifica que a virtude é *conditio sine qua non* para a felicidade. “(...) a virtude permanece a condição necessária e suficiente para a felicidade” (SCHOFIELD, 2006, p. 273). Em *A Megera domada*, a primeira alusão ao estoicismo é esta: “E assim, Trânio, enquanto eu estudar, virtude, e procurarei me aplicar a essa parte da filosofia segundo a qual a felicidade está na virtude” (SHAKESPEARE<sup>10</sup>, 2010a, p. 27- 28). Esse excerto é um testemunho de que para o pórtico a felicidade é inerente à virtude e ela é o magno horizonte a se aportar.

---

<sup>9</sup> Viveu do ano 4 a.c. a 65 d.c.

<sup>10</sup> Viveu do ano de 1564 a 1616.

Perscrutando as faces da palavra estoicismo, expomos os sentidos do vernáculo. O Aurélio indica que corresponde à “austeridade de caráter e impassibilidade em face da dor ou do infortúnio” (FERREIRA, 1999, p. 838). Já o Michaelis consente com a definição anterior e acrescenta que: “aconselha a indiferença e desprezo pelos males físicos e morais” (MICHAELIS, 1998, p. 898). Esta última caracterização é contestável, pois a indiferença não ocorre justamente no que tange aos males morais. O dicionário de filosofia, por sua vez, agrega informações pertinentes:

“Conceito de uma razão divina que rege o mundo e todas as coisas do mundo, segundo uma ordem necessária e perfeita” (2007, p. 438);

“Condenação total de todas as emoções e exaltação da apatia como ideal do sábio” (ABAGNANNO, 2007, p. 438).

São itens medulares que serão retomados. Dos três dicionários, um deles especializado, nenhum se posiciona quanto aos estratos estoicos, apontados na introdução, a saber: a dedução para a ação ou para a inação. Procedemos às circunstâncias que ensejaram a edificação do pórtico.

Diógenes Laertius narra que o fundador Zenão de Cítio (334 a.c. – 262 a.c.) consultou o oráculo de como poderia ser o mais sábio possível e obteve a resposta de que “teria de igualar-se aos mortos” (LAERTIUS, 1988, p. 181). Obediente ao conselho, leu *Memoráveis* (2009) de autoria de Xenofonte e se encantou com Sócrates. No projeto de aderir a seus ensinamentos passou a conviver com Crates, adepto do

cinismo<sup>11</sup> (LAERTIUS, 1988). Depois de reprovado em alguns desafios<sup>12</sup> o cita abandonou-o e conquistou os próprios seguidores. Reuniam-se, ao abrigo do pórtico, para as conversações, sendo que Zenão “dava as suas lições passeando de um lado para o outro” (LAERTIUS, 1988, p. 182). Ele teve como sucessores, na coordenação da escola, Cleantes e Crísipo, este tido como o escritor mais prolífico.

Galgamos à exposição dos tópicos indicados na introdução. O primeiro enfatiza a superioridade da razão.

### 1.1 A PRIMAZIA DA RAZÃO

Neste item congregaremos a concepção física do universo com os preceitos éticos. Incorporando a analogia idealizada, sobrevirá o vínculo intrínseco entre a árvore e os frutos. Sob o enfoque ético, há uma norma bastante clara de que o *summum bonum*<sup>13</sup> é viver de acordo com a natureza. Mas para assimilarmos este conceito, natureza, é preciso recorrer à física.

---

<sup>11</sup> O fundador do Cinismo é Antístenes. Hoje o termo cínico possui um sentido depreciativo que não corresponde ao original, pois tal escola preconizava o desapego dos bens materiais e desdém às convenções sociais. “Os cínicos afirmam que se deve viver frugalmente, comendo apenas os alimentos necessários à nutrição e vestindo um simples manto, e desprezando a riqueza, a fama e a nobreza de nascimento” (LAERTIUS, 1988, p. 179). Diógenes andava, durante o dia, com uma lanterna acesa, insistindo: ‘Procuro um homem honesto’ (LAERTIUS, 1988).

<sup>12</sup> Uma das tarefas foi carregar, em público, ervilha numa peneira. Notando o constrangimento do aspirante à sabedoria, Crates teria partido o recipiente num golpe, ruborizando o aluno (LAERTIUS, 1988).

<sup>13</sup> Grafia adotada por Brennan (2010).

Os estoicos apropriaram-se da palavra *logos* de Heráclito, para denominar a força que, na concepção deles, rege o mundo. E a principal característica dela é a racionalidade, logo apregoar que devemos viver de acordo com a natureza ou viver de acordo com a razão são normas idênticas. Para elucidar essa ordem racional a que todos estamos sujeitos, Sêneca clarifica: “E a razão outra coisa não é senão uma parcela do espírito divino inserida no corpo do homem” (SÊNeca, 2004, p. 240). E o *logos*<sup>14</sup>, princípio imanente, que permeia todos os seres e todo o universo, faz deste um ‘organismo’ contínuo, uno e indivisível. Um dos pontos de divergência com o platonismo é a defesa de que a razão e tudo o que é ser são corpóreos<sup>15</sup>, até mesmo a virtude, a verdade, a alma são materiais. Isso porque o *lógos* é ativo na condução do universo e se postula que a intervenção em um corpo só é factível por outro corpo.

Outros conceitos concernentes ao âmbito da física é o de conflagração universal, degeneração da matéria pelo fogo, e o de palingenesia, regeneração desta matéria infinitas vezes sob idêntica forma. É o conhecido mito do Eterno Retorno assumido por Nietzsche e que nos auxilia no entendimento. O autor de *A Gaia Ciência* propõe imaginar que se hominizasse, na mais absoluta solidão, um espírito com o prenúncio de que a vida, tal como a vives repetir-se-á em minuciosos detalhes e cada sensação, boa ou ruim, infinitas vezes. “A eterna

---

<sup>14</sup> Duhot, relaciona o *lógos* estoico com o Espírito Santo do cristianismo, ao menos como “um instrumental conceitual do Pórtico” (DUHOT, 2006, p. 202).

<sup>15</sup> Salvo a exceção de quatro incorpóreos: o exprimível, o vazio, o espaço e o tempo.

ampulheta da existência será sempre virada outra vez – e tu com ela, poerinha da poeira!” (NIETZSCHE<sup>16</sup>, 1978, p. 208-9) Não só existirá outro Sócrates, como ele será posto entre a fuga e a cicuta e sempre optará pela segunda.

Mencionando a adesão voluntária de Sócrates à morte, vem à tona outra teoria estoica, que é o instinto da auto-preservação<sup>17</sup>. Essa inclinação à conservação é denominada como *oikeíosis*. Rist consente que esse princípio é basilar: “Pohlenz tem certamente razão ao acreditar que a *oikeíosis* é fundamental para o estoicismo desde o princípio<sup>18</sup>” (RIST, 1995, pp. 80-81, tradução nossa). Essa propensão está concatenada com a fórmula de viver de acordo com a natureza, sendo que a adesão a ela implica ter consciência de si mesmo e cultivar o amor próprio. Reale acentua que embora seja uma tendência universal, nos animais e nas plantas não se dá de forma deliberada: “(...) enquanto no homem esse impulso é ulteriormente especificado e sustentado pela *intervenção da razão*” (REALE, 1994, p. 330, grifo do autor). Diógenes ratifica que o impulso axial do ser vivo, atribuído pela natureza, é o da sobrevivência e que se manifesta quando ele rejeita o nocivo e se refugia no vantajoso e semelhante (LAERTIUS, 1988, p. 201). Os semelhantes formam comunidades e se fortalecem cumprindo o instinto

---

<sup>16</sup> 1844 – 1900.

<sup>17</sup> Para os epicuristas, o primeiro instinto é a busca do prazer. “Dizemos que o prazer é ponto de partida e o fim de uma vida bem aventurada. Porque reconhecemos como bem primário e co-natural” (LONG, 1984, p. 69, tradução nossa). - “Decimos que el placer es punto de partida y el fin de una vida bienaventurada. Porque reconocemos como bien primário y connatural”.

<sup>18</sup> “Pohlenz tiene ciertamente razón al creer que la *oikeiosis* es fundamental para el estoicismo desde el principio”.

de preservação, pois a vida contém em si a própria defesa e resguardo. Um argumento sólido em favor dessa tendência à conservação é o fato de que a morte nunca ou raramente é retratada como benevolente<sup>19</sup>, por vezes de uma forma ambígua<sup>20</sup>. No tópico sobre a indiferença aprofundaremos a relação dos estoicos com a morte.

Passamos a visualizar mais nitidamente as cores estoicas que emitem um parecer sobre os acontecimentos. Inspirado no pré-socrático, Zenão teoriza que o fogo, que é um elemento substancial, não só é o agente organizador e transformador do mundo, mas o faz de forma promissora. “(...) um sopro ígneo e artesão que por todas as coisas, vela e provê o útil e o vantajoso” (ILDEFONSE, 2007, p. 55). Desponta assim, o finalismo ou a teleologia estoica que consiste em presumir que os eventos são resultantes da vontade divina (DUHOT, 2006). É uma força inteligente que vai movendo as peças como num tabuleiro de xadrez, sempre a vencer. Consoante o dicionário de filosofia bem constatou, a natureza é perfeita e a sua intervenção na totalidade também é impecável. Portanto: “(...) tudo é como a razão quer que seja e como não pode não querer que seja, tudo é como deve ser e como é bom que seja, e o conjunto de todas as coisas é perfeito” (REALE, 1994, p. 313). Em um dos poucos escritos que foram preservados da primeira fase,

---

<sup>19</sup> Extraímos um exemplo de Augusto dos Anjos: “É a morte – essa carnívora assanhada – / Serpente má de língua envenenada” (ANJOS, 2003, p. 146).

<sup>20</sup>“Negrura luminosa que virás algum dia/cortar o raizame de nossa soledade/para comunicar-nos com a imensa harmonia/pressentida a partir de nossa eterna maldade.//Entretanto, uma vez que sentimos o perfume/de tua boa vinda, e já que tu nos resumes/todas as ansiedades de nossa plenitude,//terás de vir aladamente e muito logo/e nos dar com teus lábios esse beijo de fogo/que vagamente então se mudará em quietude...” (NERUDA, 1982, p. 30).



Zeus é qualificado como “fonte de todo bem” (CLEANTES apud DUHOT, 2006, p. 89). A providência divina, que propugna a plena ventura, é cultuada.

Adentrando ainda mais à esfera da ética desdobramos destas teorias três decorrências: a) forma de encarar o mal, b) relação com as paixões e c) o cosmopolitismo.

Quanto à primeira, expomos o questionamento milenar: se Deus ou deuses são bons porque existe o mal? A resposta poderia ser lacônica: ele, pois, não existe. Entretanto, ela vai além desta superficialidade porque tal denegação é fundamentada. Dada a premissa de que o universo é um todo contínuo, é inadequado analisar os eventos de forma isolada. Apreciando os acontecimentos de uma forma holística, depreendemos que estão contribuindo para o bem da totalidade. Por isso não há razões para insatisfação e descontentamentos: “O sofrimento não é, portanto, um mal em si, ele só aparece na superfície do real” (DUHOT, 2006, p. 63). Vale citar a fonte romana que preconiza a benignidade ligada à completude:

A substância do universo é dócil e maleável – a razão que a rege não tem em si nenhum motivo de fazer o mal; não tem maldade, não faz mal nenhum e dela nada recebe nenhum dano. Tudo se produz e completa de acordo com ela (MARCO AURÉLIO, 1980, p. 283).

Ademais, o pörtico advoga que do mal sempre é possível extrair algo de bom. Embasando-se “numa ética da ascese” (BRUN, 1986, p. 82), o mal configura-se como uma oportunidade para altear-se ao bem (BRUN, 1986). Na maioria das vezes, a atitude estoica eclode em contextos adversos. A narrativa *Mrs. Daloway* realça esta antinomia: “Lágrimas e pesares; coragem e resistência; uma conduta perfeitamente

a prumo, estoica” (WOOLF<sup>21</sup>, 2011, p. 17). Diante de um obstáculo (mal), maior deve ser a habilidade e a inteligência (bem), para transpô-lo. Shakespeare sofisticada em *A vida do Rei Henrique V*:

No mal há sempre uma alma de bondade, que os homens, se atenção prestassem, destilar poderiam. Desse modo, nossos ruins vizinhos nos obrigam a madrugar, o que é saudável e útil. Além do mais, eles também nos servem de consciência exterior e o papel fazem de pregadores que a morrer ensinam. Assim, tiramos mel de erva daninha e aprendemos moral com o próprio diabo (SHAKESPEARE, s.d., p. 91).

Portanto, o virtuoso tem essa compreensão de que insuladas análises são inexatas e não se entedia ou enfurece. “Não existem males de que deva doer-se, dado que conhece a perfeição do universo” (ABBAGNANO, 1992, p. 30). Alguns autores utilizam os membros do corpo como metáfora para dissertar sobre este tema: “Reclamar de nosso infortúnio pessoal, (...) é comportar-se como o pé que reclama de sua má sorte quando está coberto de lama” (SEDLEY, 2013, p. 105).

Prosseguimos nesta mesma perspectiva:

Se o pé apenas compreendesse por que foi colocado neste mundo, ou seja, para fornecer um sistema de transporte para o resto do corpo, ele aceitaria seu trabalho com entusiasmo. Ser estoico é pensar a si mesmo como se fosse um pé (SEDLEY, 2013, p. 105-106).

Essa citação ilustra que o coletivo tem prevalência sobre o individual. Veiculamos o drama *Coriolano*, em que é narrada uma revolta do povo contra os senadores, pois aquele não é atendido em suas necessidades elementares. Menênio, interlocutor do governo, a esse

---

<sup>21</sup> 1882 – 1941.

propósito, conta uma fábula em que os demais membros do corpo contra a barriga protestaram.

(...) acusavam a barriga/de como um golfo, ela ficar sozinha/Sem fazer nada, no meio do corpo,/Sempre a guardar reservas de comida/Sem trabalhar; os outros, instrumentos/Olham, ouvem, pensam, andam, sentem,/E participam todos no atender/Aos apetites e afeições comuns ao corpo todo (SHAKESPEARE, 2006, p. 1122).

E o líder governista faz um suspense quanto à resposta da barriga. O objetivo dele, com a fábula, é pulverizar as reivindicações. Deixamos em suspenso a continuação da fábula. Por ora notamos que os membros do povo não estão se reconhecendo como um ‘pé’.

Nesta esteira, prescreve-se que não é sábio investigar a autoria dos infortúnios que nos assolam: “É próprio de um homem sem formação atribuir aos outros seus infortúnios, quem começou a se formar atribui a si e quem terminou a sua formação não atribui nem a um outro nem a si mesmo” (EPICTETO<sup>22</sup> apud DUHOT, 2006, p. 105). Isto porque os infortúnios, se analisados detidamente, não são desventuras. Baudelaire em ‘As velhinhas’ enaltece este parecer: “Ides assim, sem queixa a estoicas como tantas, / Em meio ao caos e ao pó dos bairros agitados,/Mães de peito sangrento, cortesãs ou santas,/Cujos nomes outrora eram sempre citados” (BAUDELAIRE, 2012, p. 329). E temos o representante brasileiro simbolista em cujos poemas ideias estoicas igualmente transparecem:

(...) Fica sereno, num sorriso justo,/Enquanto tudo em derredor oscila./Ondas interiores de grandeza/Dão-lhe essa glória em frente à Natureza/Esse esplendor, todo esse largo

---

<sup>22</sup> 55 – 135 d.c.

eflúvio/O ser que é ser transforma tudo em flores/E para ironizar as próprias dores/ Canta por entre as águas do Dilúvio!” (CRUZ E SOUSA, 2008, p. 296)

Notamos que em ambos os poemas não há nenhuma investigação ou questionamento sobre a desventura, apenas aconselha ser, em cenário plúmbeo, pluma. Quanto ao mal, há apenas uma exceção, que será esmiuçada no tópico sobre a indiferença.

Procedemos à letra “b”. A esse conteúdo Saramago fez alusão na epígrafe ao reprovar a resistência às paixões. Propugnadores da prevalência da razão, os estoicos veem-nas como um entrave para a paz de espírito. Eles proclamam que elas interditam o dileto caminho da virtude. São tidos como estúpidos aqueles que se deixam dominar pelas paixões, pois abdicam de sua autonomia. O dicionário de filosofia já esclareceu que a postura ideal do sábio é a apatia e a censura às emoções.

Somente uma alma sem paixão pode fazer os homens perfeitamente felizes, ao passo que uma alma agitada, arrastada para longe de uma razão completa e segura, perde não apenas seu acordo consigo mesma, mas também a saúde (ILDEFONSE, 2007, p. 144).

As emoções são classificadas como doenças que afetam apenas o estulto. A analogia é de que como um sangue não saudável produz doenças, as paixões acarretam distúrbios (ILDEFONSE, 2007). O mal físico provém do mal de espírito. As emoções estão, Horácio, entre os espectros com os quais a filosofia estoica sequer sonha. “(...) a paixão é substancialmente má, porquanto perturba a quietude da alma humana” (CABRAL, 2006, p. 102). Elas são piamente transgressivas e inexoravelmente volúveis.

Em um excerto de *Otelo* há uma contenda em que elas são protagonistas:

Rodrigo- Que devo fazer? Confesso que é para mim uma vergonha estar tão apaixonado assim, mas não existe em mim coragem para remediá-la.  
Iago- Coragem! Uma figa! Só de nós mesmos depende ser de uma maneira ou de outra. Nossos corpos são os jardins e nossa vontade é o jardineiro. (...) Se a balança de nossas existências não tivesse o prato da razão como contrapeso ao da sensualidade, o sangue e a baixaza de nossa natureza nos conduziriam às mais desagradáveis consequências. Mas possuímos a razão para esfriar nossas furiosas paixões, nossos impulsos carnis, nossos desejos desenfreados. Donde conluo que chamais de amor o que não passa de uma vegetação enxertada ou parasita (SHAKESPEARE, 1978, p. 350- 351).

Sentir vergonha por estar apaixonado deixa implícito que são acidentes que depreciam os que por eles são apanhados. A razão figura como remédio, para impedir que as paixões dominem o ser humano e acarretem catastróficas consequências. Iago, por sua vez, ao reforçar a autoridade da razão, com a expressão “Uma figa!” e a utilização poética da linguagem, é encoberto pela emoção.

A taxonomia das paixões, elaborada pelos estoicos, divide-as em primárias e subordinadas: as primeiras são dor, prazer, medo e desejo. Diversos estudiosos expõem esta conceituação sucinta de cada uma delas:

Desejo é a opinião de que alguma coisa futura é um bem de tal ordem que devemos buscá-la. Medo é a opinião de que alguma coisa futura é um mal de tal ordem que devemos evitá-la. Prazer é a opinião de que alguma coisa presente é um bem de tal ordem que devemos nos exaltar diante dela. Dor é a opinião de que alguma coisa presente é

um mal de tal ordem que devemos nos deprimir diante dela (BRENNAN, 2010, p. 100).

Dessas principais, nos restringiremos, por ora, ao desejo. Ele é uma paixão impossível de ser erradicada em sua completude, pois levaria a um contrassenso, desejar não desejar. Por isso os estoicos aconselham desejos de acordo com a virtude. Onde se preconiza ausência deles, leia-se ausência dos que não levam à sabedoria, tais como, da fama, da riqueza e do poder. Essa é uma das bases doutrinárias: “(...) nossa noção de natureza humana não pode ficar confinada à reflexão sobre o impulso de preocuparmo-nos com saúde, posses, etc.: a isso podemos chamar o meramente humano” (SCHOFIELD, 2006, p. 273). Conforme o poeta Horácio lapidou: “Quanto mais nos privamos, mais os deuses nos concedem. Desprovido de tudo, alinhoe-me porém no campo dos que nada desejam... A quem muito pede, muito falta” (HORÁCIO apud MONTAIGNE, 2001, p. 321). A minimização dos desejos são vistas como meios para aproximar-se da divindade. Os deuses são vistos como protótipos de virtuosidade e autossuficiência, havendo uma obsessão em igualar-se a eles. “Aquilo que a filosofia me prometeu foi tornar-me igual à divindade. Foi esse o convite que recebi. Por isso vim. Respeite-se, portanto, a palavra dada” (SÊNECA, 2004, p. 165). A supressão dos desejos a filosofia do pórtico herdou do Cinismo, Fernando Pessoa cita o filósofo mais famoso, no *Livro do desassossego*: “Como Diógenes a Alexandre, só pedi à vida que me não tirasse o sol. Tive desejos, mas foi-me negada a razão de tê-los” (PESSOA, 2006, p.

367). A alusão é ao episódio em que o suntuoso governante encantou-se pelo cínico<sup>23</sup>.

Uma paixão, subordinada ao desejo, é a ira, que está entre as mais intensas e indômitas (REALE, 2011). Sêneca reservou um livro para ela, recomendando sua completa erradicação da alma. A ira é a principal desestabilizadora da constância peculiar dos sábios. Por ela ser denominada como “loucura breve” (SÊNECA, 1952, p. 399), depreendemos que é a emoção mais subversiva à razão. O filósofo de Córdova argumenta que ela é contra a natureza pelo fato de que produz a vingança e que essa não é natural no homem. “O homem não é, pois, ávido de vingança por natureza, e, por conseguinte, se a ira é ávida de vingança, deduz-se que não está conforme à natureza do homem<sup>24</sup>” (SÊNECA, 1952, p. 404, tradução nossa). Ele predica que nem em doses moderadas ela é benfazeja: “Livre-se da desgraça de ver alguma vez a razão recorrer aos vícios<sup>25</sup>” (SÊNECA, 1952, p. 406, tradução nossa). Seria um desatino o bem barganhar com o mal para fortalecer-se, segundo a constatação de Hamlet: “É! Na velhacaria destes tempos flácidos,/A virtude tem que pedir perdão ao vício;/ Sim, curvar-se e

---

<sup>23</sup> Diógenes vivia apenas com o sumamente necessário, sendo que fez de um barril o próprio lar. A alimentação e a luz do sol eram tudo o que precisava para ter uma vida bem aventurada. Ele foi perguntado por Alexandre Magno o que ele desejava, pois seu poder era o suficiente para conseguir as coisas mais improváveis. De dentro de seu barril, o cínico teria ‘ensinado’: *Quero que saia da frente e deixe a luz do sol entrar* (REALE, 1994). Depois disso o Imperador segredou “que se não tivesse nascido Alexandre gostaria de ter nascido Diógenes” (LAERTIUS, 1988, p. 160).

<sup>24</sup> “El hombre no es, pues, ávido de venganza por naturaleza, y, por conseguinte, si la ira es ávida de venganza, dedúcese que no está conforme con la naturaleza del hombre.”

<sup>25</sup> “Librese la virtud de la desgracia de ver alguna vez a la razón recurrir a los vicios.”

bajulá-lo pra que ele permita que ela o beneficie” (SHAKESPEARE, 2009, p. 92). O preceptor de Nero contradiz também a possibilidade de que o sábio vá se irritar com os maus. “Não é próprio do sábio odiar aos que se extraviam: de outra maneira, odiaria a si mesmo<sup>26</sup>” (SÊNECA, 1952, p. 410, tradução nossa). Segundo ele, o sábio está imune a toda paixão e a todo ódio. O conselho de extirpar as paixões por completo é pelo fato de que elas não se submeteriam aos limites impostos, na hipótese de aceitá-las parcialmente. Para os estoicos as paixões são irracionais e cegam o espírito.

Dando sequência à exposição e lembrando que a tese está calcetada em duplicidades, mencionamos que o princípio de expurgar as paixões suscita uma bifurcação. De acordo com Laertius:

Os estoicos dizem ainda que o sábio é imune às paixões porque não pode cair diante delas. Mas, o termo ‘apatia’, que designa propriamente a ausência de paixões, pode aplicar-se também ao homem mau, no sentido de que ele é insensível e não se deixa comover (LAERTIUS, 1988, p. 208).

Esta ambiguidade foi identificada por outros estudiosos. “Há, portanto, uma forma ruim de apatia, uma indiferença, que se transforma em desumanidade, e uma forma boa, que se caracteriza pela ausência de paixões excessivas (...)”<sup>27</sup> (LÉVY, 2002, p. 124-125). Registramos que da apatia pode decorrer a serenidade interior, mas também a

---

<sup>26</sup> “No es próprio del sábio odiar a lós que se extravian: de outra manera, se odiaría a si mismo.”

<sup>27</sup> Existe a teoria da *eupatheia*, segundo a qual algumas paixões são racionais e devem ser buscadas, são elas: a volição, a precaução e a alegria, alternativas ao desejo, medo e prazer (BRENNAN, 2010).



insensibilidade. A reação de Trânio em *A Megera Domada* ao propósito de Lucêncio de se dedicar ao estoicismo reforça a ambivalência:

[Estou] contente de que persista no intento de aspirar às doçuras da doce filosofia. Apenas, meu bom amo, por mais que admiremos essa virtude, essa disciplina moral, rogo-lhe, não nos tornemos estoicos ou insensíveis (SHAKESPEARE, 2010a, p. 28).

O dramaturgo justapõe o termo insensível ao lado de estoico com a ligação da partícula “ou” indicando sinonímia entre os vocábulos. Trânio julga auspiciosa a decisão de Lucêncio, contudo adverte para que não converta o trigo em joio. Depreendemos que a apatia é um remédio ou veneno, dependendo da dose absorvida<sup>28</sup>.

Além desta que é uma das ambiguidades possíveis divisamos outras sutilezas na interpretação dos fundamentos estoicos. Os meios propostos para alcançar o ideal de sabedoria tornaram-se campo profícuo para sátiras. La Fontaine, na fábula “o Filósofo Cita”, moteja:

Só lhes corto o supérfluo, Porque mais vingue o resto. – À sua triste pousada indo de volta, Toma o cita o podão, talha e retalha; E aconselha aos vizinhos, Aos amigos, cabal e inteiro corte. O seu vergel destronca-o A esmo, e sem razão, sem tomar tino De estação, nem de tempos, Lua nova, nem velha. Tudo langue, Tudo perece. O cita debuxa ao vivo o 'stoico indiscreto. Este da alma decota O mau e o bom, paixões, desejos, E inda inocentes votos. Gente é contra quem sempre pugno e clamo; Que os corações nos privam Do elástico resforço, e antes da morte Nos descartam da vida (LA FONTAINE<sup>29</sup>, s.d. p. 373).

---

<sup>28</sup> Essa analogia com fármacos já foi concebida por Epicteto: “E quanto a ti, abre um consultório médico sem nada ter senão medicamentos” (EPICTETO apud DUHOT, 2006, p. 146).

<sup>29</sup> 1621 – 1695.

Ele detecta um paradoxo nas proposições zenonianas: viver estoicamente é antecipar a morte. Esta crítica focaliza os preceitos que serão expostos no item 1.3, em que prazeres, riquezas e até saúde são vistos como indiferentes por não contribuírem para a virtude. Montaigne consigna que “Zenão abraçava apenas a alma, como se não tivéssemos corpo” (MONTAIGNE<sup>30</sup>, 2001, p. 487).

Nietzsche seguindo o mesmo raciocínio de La Fontaine achincalha que o modo de vida estoico seria mais dispendioso do que enfrentar os reveses corriqueiros. “Não estamos passando *mal o bastante* para termos de passar mal à maneira estoica” (NIETZSCHE, 1978, p. 205, grifo do autor). Estariam provocando aquilo que almejavam evitar, como se a precaução para fugir de uma fera fosse alimentá-la no jardim da própria casa. E evidenciou mais contradições:

Ele [o estoico], que de resto só procura retidão, verdade, imunidade a ilusões, proteção contra as tentações da fascinação, desempenha agora, na infelicidade, a obra-prima do disfarce, (...); não traz um rosto humano, palpitante e móvel, mas como que uma máscara com digno equilíbrio de traços, não grita e nem sequer altera a voz: se uma boa nuvem de chuva se derrama sobre ele, ele se envolve em seu manto e parte a passos lentos, debaixo dela (NIETZSCHE, 1978, p. 52).

O filósofo alemão escarnece deles que pretendendo ascender à autenticidade convertem-se em idólatras da dissimulação. O insólito é que a última parte da crítica provavelmente seria recebida como um elogio: sob a tempestade, impassível te manterás. Outro que ironizou foi Filêmon: “A filosofia desse homem [Zenão] é de fato original; ele ensina a ter fome e consegue discípulos” (FILEMON apud LAERTIUS,

---

<sup>30</sup> 1533 – 1592.

1988, p. 187). Como a sátira é característica, apela-se à caricatura: enquanto eles preconizam frugais hábitos alimentícios, o crítico diz que ele ‘ensina a ter fome’.

Progredimos à diretriz ética sobre o cosmopolitismo, ponto referente à letra C. Kant se alicerçou no Estoicismo para escrever *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (1986). É um texto dividido em oito proposições que apregoam a teleologia da natureza tendo a razão como “fio condutor” (KANT<sup>31</sup>, 1986, p. 11)<sup>32</sup>. Essa publicação, por sua vez, foi inspiração para a criação da Organização das Nações Unidas. Conforme Rohden: “O Estoicismo formulou um conceito de cosmopolitismo que se tornou determinante [ou paradigmático] para os séculos helenísticos e o Império Romano” (ROHDEN, 2005, p. 247). E o autor complementa que não foram agregados, substancialmente, novos pensamentos a esse modelo. Tais teorias são ensaios perspicazes que põe o ser humano “em consonância com o cosmo e seja um ser cosmopolita, cidadão do cosmo. Sua cidade será, então, a Cosmópolis, o mundo sem fronteiras individualizadas” (GAZOLLA, 1999, p. 47). O altruísmo é proposto, pois o entendimento é que todos estão sob a égide do mesmo *logos*, portanto são todos irmãos. Além disso, evocando o conteúdo que decorreram destes itens, o agente de solidariedade é, em última instância, beneficiário dela, porquanto “formamos todos um só corpo” (FERACINI, 2011, p. 92). O

---

<sup>31</sup> 1724 – 1804.

<sup>32</sup> Outra convergência do filósofo de Königsberg com o estoicismo é através do Imperativo Categórico, exposto na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*: “Devo proceder sempre de maneira que *eu possa querer também que a minha máxima se torne uma lei universal* (KANT, 2007, p. 33, grifo da edição).

imperador Marco Aurélio adere a essa perspectiva universal: “Como um Antonino, minha cidade e minha Pátria é Roma, como homem, o mundo” (AURÉLIO<sup>33</sup>, 1980, p. 287). Gazolla realça que no pórtico nasceram ideias que tiveram desdobramentos relevantes na história e que são identificados em: “(...) vários textos desses séculos modernos, quer na França, quer na Inglaterra” (GAZOLLA, 1999, p. 39). Os estoicos preconizaram a universalidade do ser humano e se opuseram que ela seja obliterada e adstrita a fronteiras geográficas. Notamos que o Estoicismo é uma corrente filosófica que lega para a modernidade esta inovadora proposta política.

Encerrando este item trazemos uma metáfora que consta nos textos estoicos e é referendada por José Saramago: a da cegueira. Segundo eles, estão acometidos dela aqueles que vivem de forma inadequada. “Imagina qual será teu estado diante da cegueira e diante do erro, e constatarás que estás longe de ter a atitude que convém diante dos bens e dos males” (EPICTETO apud DUHOT, 2006, p.134). A cegueira que perturba a sensatez é uma alusão não à visão física, mas à visão mental em que o discernimento entre o bem e o mal sofre avarias. Sêneca disserta sobre a relação com o tempo. “Vê bem a cegueira de nossas mentes: o que chamamos futuro já está acontecendo, uma boa parte dele já pertence mesmo ao passado” (SÊNECA, 2004, p. 675). Ullman, estudioso contemporâneo, tonifica esta analogia: “Os que não se pautam pelo *lógos* são como cegos” (ULLMANN, 1996, p. 101). É um assunto que afluirá nos capítulos posteriores.

---

<sup>33</sup> 121-180 d.c.

Evoluindo na explanação, abordaremos um tema metafísico, instigante e inesgotável, o destino.

## 1.2 DESTINO

Destino, o que é? Será ele uma carta fechada à espera de que o destinatário a leia? (SARAMAGO, 1995). Será ele o guia dos obedientes e o algoz dos insurretos? Ou quem sabe aquele que astuciosamente os pés cinge-nos para melhor nos carrear? Iniciamos este tópico com perguntas porque é uma temática filosófica por excelência, que incita mais questionamentos do que respostas. Supondo a sua existência, é o que está mais perto de nós e do qual menos conhecimento dispomos. Ele tem o poder de contrair o tempo ou subsumi-lo. Eventos futuros podem ser previstos porque já estão determinados e não são reconhecidos como contingenciais, mas necessários. Antecipamos que neste item nos depararemos com uma aporia, qual seja, alegar o concerto do determinismo com a liberdade.

Os estoicos entendem o destino como uma força natural que trama e guia os seres, é o *logos*, o comandante universal. No hino à divindade cuja autoria é de Cleantes transparece limpidamente a ideia determinista: “Guia-me, Ó Zeus, e tu, Destino, ao termo, Qualquer que este seja, que te aprouve atribuir-me. Seguirei imediatamente, porque se me demoro, Por ser vil, do mesmo modo deverei alcançar” (CLEANTES apud REALE, 1994, p. 328). O verbo ‘aprouve’, no passado, demonstra que o enredo e o desfecho são irrevogáveis. O autor se coloca numa posição de submissão, inclusive diminuindo-se perante

Zeus, ‘sou vil’. São inescapáveis os designios, porquanto será vã qualquer tentativa em evadir-se deles.

Uma imagem sugerida<sup>34</sup> para elucidar a existência do *fatum* é a de: “um cão amarrado atrás de uma carroça: podemos seguir de bom grado ou ser puxados com força, mas seguiremos, de todo modo, o movimento” (SEDLEY, 2013, p. 105). O destino é a carroça; o ser humano, o animal. Atribui-se ao homem uma condição subalterna, como se o centro das decisões estivesse alhures. Dessa imagem surgiu a sentença: “o destino guia quem o segue, arrasta quem lhe resiste<sup>35</sup>” (CLEANTES apud SÊNECA, 2004, p. 590). E a tal determinação os deuses estão tão submetidos quanto os mortais. Sêneca disserta:

O que é próprio do homem bom? Render-se ao fado, por ser grande consolo ser arrebatado com o universo. Que razão tem para mandar-nos viver e morrer assim? A mesma necessidade obrigou aos deuses, porque um irrevogável curso leva com igualdade as coisas humanas e as divinas<sup>36</sup> (SÊNECA, 1952, p. 35, tradução nossa).

Adeptos da causalidade, eles apregoam que de uma causa desencadeiam-se, sob a supervisão da *physis* universal, diversos efeitos necessários. Mas sobre esse decurso, dos eventos mais extraordinários aos mais triviais, detemos módicos conhecimentos. Na peça *Antônio e Cleópatra* o personagem Menecrates frisa a pequenez e a limitação da compreensão humana: “Nós, sendo ignorantes,/ Pedimos nosso mal, que

---

<sup>34</sup> Alguns autores, tais como Brennan (2010), atribuem a Hipólito a autoria desta metáfora.

<sup>35</sup> “Volentem fata ducunt; nolentem trahunt.”

<sup>36</sup> “Qué cosa es propia del varón bueno? Rendirse al hado, por ser grande consuelo el ser arrebatado con el universo. Qué razón hubo para mandarnos vivir e morir así? La misma necesidad obligó a los dioses, porque um irrevocable curso lleva con igualdad las cosas humanas y las divinas.”

as forças sábias./Para nosso bem nos negam. Assim lucramos/Ao perder nossas preces” (SHAKESPEARE, 2006a, p. 987). No sabor inebriante do licor ocultar-se-ia a impávida gadanha<sup>37</sup>. Estabelecendo uma diferenciação, neste tópico existe a contraposição às teorias de Demócrito e epicuristas, pois os estoicos não dão espaço à participação do acaso. A existência do acaso exclui a concepção do universo organizado e harmonioso e também é incompatível com a arte da adivinhação, da qual os estoicos são adeptos. Como demonstra Cássio em *Júlio César*: “De Epicuro, bem o sabeis, sou/fervoroso adepto e de sua doutrina./Mas agora mudei de parecer e em parte/creio que pode haver presságios” (SHAKESPEARE, 2007, p. 142). O raciocínio é que a divindade tendo a percepção de todos os desencadeamentos que ensejarão e sabendo que esse conhecimento é útil aos humanos, certamente dão indícios do futuro (SEDLEY, 2013).

Os conteúdos entre os dois tópicos têm intersecções, mas enquanto no precedente está em destaque a concorrência da razão com as paixões, neste enfatizamos a querela do destino com a liberdade. No anterior, por exemplo, a decorrência ética era de que o mal não existe, que é uma forma errônea de sondar isoladamente os eventos. Segundo a amostra em *Cândido ou o Optimismo*: a despeito de todas as desgraças e calamidades Pangloss afiança a benigna sucessão dos episódios. “Todos os acontecimentos (...) estão devidamente encadeados no melhor dos mundos possíveis; pois, afinal, se não tivesses sido expulso de um lindo

---

<sup>37</sup> “Quem sabe se, entre a taça que esvazias, / e ela de novo enchida, não te a sorte/Interpõe o abismo?” (PESSOA, 2007, p. 20).

castelo, a pontapés no traseiro (...)” (VOLTAIRE<sup>38</sup>, s.d., p. 220). O preceito ético era de que devemos agir diante de fatos aparentemente ruins com serenidade e otimismo. E agora, neste tópico, a guinada ética é estabelecermos procedimentos para nos acastelar e aderir ao pensamento otimista e sereno de Pangloss, o meio para alcançar tal objetivo.

Todas as diretrizes apontam para conjugar a vontade própria com a vontade universal ou do destino. “Ninguém é infeliz quando faz algo porque o mandam, mas sim quando o faz de má vontade” (SÊNECA, 2004, p. 218). Ou seja, ficar insatisfeito com o destino torna a pessoa infeliz, enquanto fazer seus, os desígnios dele, leva a uma vida venturosa. “Que o sábio nunca faz nada contra vontade: ele escapa à lei da necessidade precisamente por querer aquilo a que a necessidade o constrangerá” (SÊNECA, 2004, p. 187). Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, indica um caminho a ser trilhado: “Como acima dos deuses o Destino/É calmo e inexorável,/Acima de nós construíamos/Um fado voluntário/Que quando nos oprima nós sejamos/Esse que nos oprime” (PESSOA, 2007, p. 40). Um dos lemas em favor dessa perspectiva seria aderir ao alvitre de Epicteto de não querer sujeitar os acontecimentos à sua vontade, mas que esta se sujeite àqueles. Não se deve apenas resignar-se às agruras, mas abraçá-las. Revoltar-se contra o inelutável leva à frustração. “É tolice chorar o inevitável<sup>39</sup>” (SHAKESPEARE, 2006, p. 1212). E outra medida sugerida pelos

---

<sup>38</sup> Essa opinião do personagem não corresponde à do autor, pois Voltaire está sendo irônico nessa narrativa e provavelmente contestando Espinoza e Leibniz. Voltaire viveu do ano 1694 a 1778.

<sup>39</sup> Coriolano.



estoicos com vistas a suportar as severas adversidades é adotar a metáfora do teatro: “Lembra-te de que és ator de um drama que o autor assim quer: curto, se ele é curto; longo se ele é longo. Se é um papel de mendigo que ele quer para ti, mesmo este interpreta-o com talento...” (EPICTETO apud GAZOLLA, 1999, p. 202). É preciso imaginar-se que se está desempenhando um papel e que o que está ocorrendo é ao personagem e não ao ator. Ele está apenas emprestando o corpo ao personagem e “não devemos nos tomar pelos personagens que interpretamos” (DUHOT, 2006, p. 123). Se após uma vida de rei, Deus te dá um papel de mendigo, viva-o como uma peripécia de seu personagem e não “como uma infelicidade pessoal” (DUHOT, 2006, p. 128).

Em outra peça de Shakespeare, diante de contrariedades, distinguem-se duas posturas opostas:

Frei Lourenço - Eu te darei uma armadura para suportar tal palavra; o doce leite da adversidade, a filosofia. Ela te consolará, embora estejas banido.  
 Romeu – Ainda ‘banido’? Enforcai vossa filosofia! A não ser que a filosofia possa criar uma Julieta, transportar uma cidade ou derrubar a sentença de um príncipe, para nada serve, para nada vale. Não me faleis mais (SHAKESPEARE, 1978, p. 72).

Pelo contexto, é plausível alegar que a filosofia referida é o estoicismo. E o propósito não é que ela opere milagres, mas leve a prescindir deles. No entanto, Romeu náufrago da paixão sequer cogita sujeitar-se à oferta do Frei Lourenço. E a réplica do religioso é: “Oh! Vejo bem agora que os loucos não têm ouvidos” (SHAKESPEARE, 1978, p. 73). Ele lhe oferece as “advogadas vãs da dor perdida”

(SHAKESPEARE<sup>40</sup>, 2013, p. 129) como bálsamo para a dor, mas Romeu não as acata. Ele não teve a compreensão estoica de que era apenas um personagem.

Virgílio transmite o que significa viver: “Vivi; cumpro a tarefa que o destino me determinou” (VIRGÍLIO apud MONTAIGNE, 1962, p. 386 V. II). Virgílio louva o *fatum*, exatamente *Do jeito que você gosta*: “O mundo é um palco e todos os homens e mulheres são na verdade atores: têm suas saídas e suas entradas e no decorrer da vida atuam em vários papéis (...)”. (SHAKESPEARE, 2011, p. 54).

Na obra de Diderot, este excerto resume, anedoticamente, a crença no destino: “Se estiver escrito lá em cima que serás corno, Jacques, por mais que faças, tu o serás; se estiver escrito ao contrário, que tu não o serás, por mais que façam, tu não o serás (...)” (DIDEROT, 2006, p. 373). Esse personagem é estoico, segundo explicita-se: “Jacques obteve o lugar [do porteiro] e desposou Denise, com quem se ocupa em suscitar discípulos de Zenão” (DIDEROT<sup>41</sup>, 2006, p. 373).

Tal entendimento de suportar e acolher os fatos como pré-determinados pelo destino, granjeou opositores que intentam refutá-lo pelo que se nomeia ‘raciocínio preguiçoso’. Ele consiste na seguinte ponderação: se o que é para acontecer, acontecerá, independente daquilo que fizeres, então não faça nada. Cícero (106 – 43 a.c.) exemplifica: se é para te curares, curar-te-ás, independente de chamares o médico ou não, portanto não o chame (CÍCERO, 1993). A réplica de Crísipo é sintetizada numa palavra: ‘confatalidade’. Ele argumenta que um

---

<sup>40</sup> *Ricardo III*.

<sup>41</sup> 1713 – 1784.

acontecimento fatal traz consigo outros acontecimentos denominados confatais. Ou seja, estar determinado que aconteça a cura, implica estar determinado que se chame o médico, este último evento confatal ao primeiro (SEDLEY, 2013).

Estamos na objeção à possibilidade de concertar o destino com a liberdade. Ela se desdobra em dois pontos. 1. Se tudo está determinado (eventos fatais e confatais), a ética, que preceitua como se deve agir, sucumbe. 2. Não havendo possibilidade de deliberação, o erro dissipa-se.

Crísipo contrapõe distinguindo dois tipos de causalidades, a externa e a interna. Quando se enuncia necessidade pensa-se numa “perspectiva cósmica” quando se menciona a responsabilidade pensa-se “numa perspectiva do agente” (SEDLEY, 2013, p. 113-114).

É certo que tudo o que acontece é determinado por uma série ininterrupta de causas, que designamos de *fatum* (ou em grego *heimarméne*); entretanto, o nosso instinto, nossa atitude, nossa anuência é assunto apenas do *lógos* em nós e, dessa forma, está em nosso poder (ALGRA, 2002, p. 74).

Sendo o debate sobre um tema abstrato, a menção a imagens facilita o entendimento e para isto retomamos o exemplo do teatro: é-lhe facultado escolher apenas como desempenharás o papel que te foi dado. Há, portanto um grau de autonomia no que diz respeito às reações ao que nos apanha e estas reações são fruto do estado interior (FREDE, 2006). Inclusive Laertius conta uma anedota, na qual Zenão flagra um ladrão, em pleno exercício, e ao dar um corretivo, este interpela: “- Meu destino era roubar. - E ser espancado, replicou Zenão” (LAERTIUS, 1988, p. 186). A postura do filósofo repudia que a ideia de destino sirva

de álibi para ações imorais. Objetivando justificar essa posição intermédia exemplifica-se:

Se alguém dá um empurrão num cilindro num plano inclinado, o cilindro rola; mas o empurrão é só a causa externa e auxiliar enquanto a verdadeira causa, a causa próxima, que leva ao efeito, é a natureza redonda do cilindro (REALE, 1994, p. 318).

Entendemos que a natureza no cilindro corresponda à deliberação nos humanos. Frede ratifica: “(...) o indivíduo constitui um microcosmos no interior da rede macrocós mica de fatores causais. Portanto, entidades individuais gozam de alguma autonomia” (FREDE, 2006, p. 206). Outra analogia é com o clima. Não temos o poder de decidir sobre a temperatura, mas podemos escolher, por exemplo, como reagir diante de um dia de chuva (BRUN, 1986). Recordando a imagem do cão amarrado atrás da carroça, ele não tem o poder de ir em direção contrária, mas tem a faculdade de escolher o caminho à direita ou à esquerda.

A ideia de *logos* ou destino não é incompatível com a ideia de liberdade para o pórtico. Sendo assim, esse conceito recebe outra significação: “Então a liberdade reside nesse modo altaneiro de acolher o inevitável e conviver tanto quanto possível com o mesmo” (FERACINI, 2011, p. 65). Para o sábio há uma sincronia entre aquilo que lhe é obrigado e aquilo que ele deseja. É uma inovadora concepção de liberdade, permanecer sereno diante de todas as carências possíveis sem pretextá-las como motivos de queixas (DUHOT, 2006). O homem não é apenas espectador. “É um estado interior de adesão à ordem divina do mundo, da qual, longe de sermos seus joguetes, participamos plenamente” (DUHOT, 2006, p. 70). Retomando o excerto do Hino a

Zeus em que enuncia “porque se me demoro” é um sinal de que há liberdade de retardar a adesão. Outro fragmento do mesmo hino: “Pois se tivessem a inteligência de segui-la [a lei universal] teriam uma vida nobre” (CLEANTES apud DUHOT, 2006, p. 88). Ou seja, existe a prerrogativa frequentemente usada de rebelar-se contra o *logos*. Inclusive ele lista os desvios frequentes: “zelo briguento, ganhos fraudulentos, desmazelo e prazeres do corpo” (CLEANTES apud DUHOT, 2006, p. 89).

Entretanto, oponentes não se dobram a essa posição intermédia. Eles alegam que liberdade se tornaria um conceito muito estreito, pois consistiria em apenas aderir ou não ao destino. Atribuímos a este tema, no final da seção anterior, os adjetivos de inesgotável e metafísico, portanto não pretendemos elaborar uma resposta cabal sobre a possível conciliação ou incompatibilidade dele com a liberdade. O que propomos, e é esse exercício que Saramago faz nas narrativas, é verificar as consequências possíveis, que serão desenvolvidas nos capítulos posteriores, ao incorporarmos um ou outro entendimento.

Esta aporia de concertar o destino com a liberdade está relacionada por Cícero em *Os paradoxos estoicos*. No entanto, não há contraposições a tal classificação, pois o estoicismo tem orgulho de ser paradoxal (GOURINAT, 2013). Consoante Sêneca: “Nenhum destes paradoxos é falso nem tão estranho como parece à primeira vista” (SÊNECA, 2004, p. 402).

Em favor desta visão estoica existem dois fragmentos: um de Victor Hugo (2010) e outro de Nietzsche (1985)<sup>42</sup>. Eles sustentam que a

---

<sup>42</sup> A palavra contradição é utilizada no sentido enriquecedor, congregacional.

palavra contradição não denota incompatibilidade, porquanto se constitui como uma forma inescapável de apreender a realidade humana. Os contraditórios são polos acoplados, forjando mutuamente as identidades opostas. Deduzimos que o caos e o cosmos são da mesma substância formados. O mesmo aplica-se a outras oposições tais como: abundância x carência, claro x escuro e felicidade x infelicidade. Sobre esta última oposição, demonstraram a reciprocidade, tanto Alberto Caeiro: “Mas eu nem sempre quero ser feliz./É preciso ser de vez em quando infeliz/Para se poder ser natural” (PESSOA, 2011a, p. 61). Quanto Cecília Meireles:

És precária e veloz, Felicidade. / Custas a vir, e, quando vens, não te demoras. / Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo, / e, para te medir, se inventaram as horas. // Felicidade, és coisa estranha e dolorosa. / Fizeste para sempre a vida ficar triste: / porque um dia se vê que as horas todas passam, / e um tempo despovoado e profundo, persiste (MEIRELES, 2006, p. 19).

A visão estoica apregoa que: “Nada existe sem o seu contrário” (BRUN, 1986, p. 60). Inclusive o bem sobressai antepondo-se ao mal,

---

“Onde se viu medalha que não tenha seu reverso? Talento que não traga sombra com sua luz, fumaça com sua chama? Tal mancha pode ser a consequência indivisível de tal beleza. Este toque discordante, que me choca de perto, completa o efeito dá relevo ao conjunto. Apaguem um, apagam o outro. A originalidade se compõe de tudo isso. O gênio é necessariamente desigual. Não há altas montanhas, sem profundos precipícios” (HUGO, 2010, p. 98). Nietzsche apresenta a mesma percepção dialética: “Incessantemente uma qualidade se cinde em si mesma e se divide nos seus contrários: permanentemente esses contrários tendem de novo um para o outro. O vulgo, é verdade, julga reconhecer algo de rígido, acabado, constante; na realidade, em cada instante, a luz e a sombra, o doce e o amargo estão juntos e ligados um ao outro como dois lutadores, dos quais ora a um, ora a outro cabe a supremacia” (NIETZSCHE, 2002, p. 42).

como vimos. Aderindo a esta asserção, afirmar destino implica afirmar liberdade.

### 1.3 INDIFERENÇA

Ao desenvolvermos esse tópico, recordamos que ele é defluência dos anteriores. Como o grau de autonomia não é maior que o condão fatal e há uma lei universal irreversível, a indiferença é a melhor postura. Viver de forma racional e indiferente é a consequência do ato de extirpar as emoções, amoldando-se às sentenças vitais lapidadas pelo destino. Esse conceito, tradução de *adiáphora*, é basilar na escola de Zenão, porquanto propicia que se retifiquem os desejos, rumo à serenidade. Ele funciona como um dispositivo tecnológico de suspensão, em um automóvel, que torna as irregularidades do terreno imperceptíveis.

Laertius consigna dois significados a este vocábulo. Um deles é aquilo “que não provoca propensão nem aversão - por exemplo ter na cabeça um número de cabelos par ou ímpar, ou ter o dedo reto ou dobrado” (LAERTIUS, 1988, p. 205). E o segundo sentido é mais inovador ao elencar riqueza, glória e saúde e dizer que elas não contribuem “nem para a felicidade nem para a infelicidade- (...) de fato, mesmo sem estas é possível obter a felicidade” (LAERTIUS, 1988, p. 205). Ratificando Laertius, Estobeu apresenta uma classificação detalhada daquilo que é bom, mau e indiferente:

Boas são as seguintes espécies de itens: sabedoria, moderação, justiça, coragem e tudo o que é virtude ou participa da virtude. Más são as seguintes: loucura, intemperança, injustiça, covardia, e tudo o que é vício ou participa do

vício. Indiferentes são as seguintes: vida/morte, reputação/má-reputação, prazer/sofrimento, riqueza/pobreza, saúde/doença e semelhantes (ESTOBEU apud SCHOFIELD, 2006, p. 266).

Destas citações auferimos duas assertivas: a) a centralidade da virtude e do vício; b) tudo o que está fora desta dicotomia é considerado indiferente. Na seção sobre “A primazia da razão” foi asseverada a inexistência do mal, que o sábio conhecendo a perfeição do universo não se encoleriza. Entretanto, a exceção é o mal moral, o vício.

Sendo assim, refutamos o que asseverou o dicionário Michaelis<sup>43</sup> (1998) sobre a indiferença quanto à moralidade. “O importante é que a sabedoria consiste na vida virtuosa que faz do bem moral o valor supremo da existência sobre a face da terra” (FERACINI, 2011, p. 43). A única coisa que compete ao ser humano e é-lhe facultada a transformação é a moralidade, portanto ao invés do desprezo ela é enaltecida pelos estoicos. Gazolla corrobora: “A grandeza estoica está mais na descoberta do núcleo interior da ação moral, dependente da escolha de cada um,(...)” (GAZOLLA, 1999, p. 88).

É unânime a visão de que o homem só pode ser responsabilizado em situações em que ele usufruiu de liberdade. Ninguém deve ser punido nem elogiado por ter nascido em determinada época e lugar, ou por seus ascendentes, visto que nada disso foi deliberado. Mas, segundo os estoicos, no âmbito da moralidade o homem deve ser elogiado ou criticado, porquanto é um estado interior que depende de suas decisões. Há uma simetria entre destino e liberdade, estado exterior e moralidade respectivamente. “Haverá, então, oposição radical entre o que depende de nós e pode ser bom ou mau,

---

<sup>43</sup> Acepção exposta no primeiro item deste capítulo.



porque objeto de nossa decisão, e o que não depende de nós, mas de causas exteriores, do destino, e é indiferente” (HADOT, 1999, pp. 188-189). É-nos plausível afirmar sucintamente que o que contribui para a virtude, portanto está de acordo com a natureza, é um bem; o que não contribui para a virtude e não está de acordo com a natureza, é considerado um vício, um mal. E para ser virtuoso, os estoicos preconizam que um dos aspectos é convencer-se de que: “Fora de nós mesmos, nada nos é dado, menos ainda devido” (DUHOT, 2006, p. 106). Internamente a pessoa deve estar bem estruturada para que tal baluarte dispense compensações externas. Assim é condensada a explicação de como se chega à *eudaimonia*: “(...) trata-se da felicidade pela quietude, resultado de uma virtude negativa, de uma indiferença universal, e da renúncia a todos os bens mundanos que, não dependendo de nós, podem nos ser tirados e nos magoar” (CABRAL, 2006, p. 102). Está bem evidente que os estoicos apregoam que há uma cisão, uma fissura entre o exterior e o interior. No texto endereçado a sua mãe, Sêneca reforça que prepondera o estado interior.

“Ninguém pode ser desprezado por outrem, se não desprezou antes a si mesmo” (SÊNECA, 1980, p. 190).

“Nenhum lugar é angusto, se pode conter tantas e tão grandes virtudes, nenhum exílio é tão grave, se nele podemos ir com aquelas virtudes” (SÊNECA, 1980, p. 187).

Já ingressando à segunda inferência, o que não está na dicotomia acima, é indiferente<sup>44</sup>. É indiferente aquilo que não coopera

---

<sup>44</sup> Alguns estoicos propõem sub-categorias, que é a dos indiferentes preferíveis e dos rejeitáveis, mas não aprofundaremos este conteúdo por extrapolar os

para a felicidade ou para a tristeza do indivíduo (BRENNAN, 2006). Para Reale, o conselho é não ambicionar gerir o que está além das próprias capacidades.

De fato, se consideramos livres e em nosso poder as coisas que, efetivamente, não são livres e são totalmente independentes do nosso querer, seremos continuamente desiludidos, lamentaremos a sorte e imprecaremos continuamente contra os homens e contra as coisas (REALE, 1994a, p. 93).

Epicteto ratifica esse pensamento: “Portanto, aquele que deseja ser livre nem deseje algo nem evite algo que dependa de outros; do contrário, ele está determinado a ser um escravo” (EPICTETO in BONJOUR, 2010, p. 720). O raciocínio é que não devem estar em primeiro plano mental aquilo cujo poder está em outras mãos. Sendo bilhões de seres no universo, querer subordiná-los à nossa vontade é equivalente a uma gota d’água cobiçar o comando de todo o oceano.

Portanto o que está no exterior: riquezas, fama, glória e poder são indiferentes, embora a grande maioria das pessoas acredite e aja em sentido oposto. “A felicidade provém da razão em paz consigo mesma e essa tranquilidade não pode ser afetada pelo mundo exterior” (FERACINI, 2011, p. 86). Ainda retomando, as paixões desvirtuam e fazem com se veja como bem ou mal o que é indiferente<sup>45</sup>”.

---

objetivos do trabalho.

<sup>45</sup> Um questionamento que se faz é se a virtude está restrita a alguns privilegiados. A resposta é negativa, pois todos participam da mesma natureza, e ela é acessível e desejável independente das contingências. Outra pergunta é sobre a possibilidade de ter uma partição da virtude, a possibilidade de assenhorear-se dela em sua totalidade ou gradativamente. No entendimento dos estoicos, não há graus intermediários, ou se é virtuoso ou não. Isso porque ela é um todo e não pode ser fracionada (BRUN, 1986). Plutarco utiliza a metáfora da cegueira para blindar a possibilidade de fragmentar a virtude. Segundo ele,

Antecipando-nos, recorreremos novamente a Ricardo Reis, que está sintonizado com o estoicismo: “Abdica e sê/Rei de ti mesmo” (PESSOA, 2007, p. 79).

Desenvolveremos, de forma específica alguns itens da lista que Estobeu classifica como indiferentes. Além do que já foi mencionado, dissertaremos sobre a riqueza, o prazer, a saúde e a morte.

A riqueza é indiferente, porque se dela se fizer mau uso, causará mais danos que a pobreza (SEDLEY, 2006). Conforme Duhot: “(...) O prazer<sup>46</sup> e as riquezas não são bens, pois se assim fossem teríamos razão de procurá-los. Todavia, também não são males (...). Eles são, portanto, indiferentes” (DUHOT, 2006, p. 63). Logo, não é possível assegurar que o detentor de muitas posses seja mais propenso à felicidade do que um mendigo, uma vez que tal critério não é válido. Em *Timon de Atenas* o bardo compôs máximas que testemunham isso:

Se envergasse essas roupas com o fim/De castigar  
seu orgulho, ‘stava bem./Mas é falso. Seria  
cortesão/Não sendo mendigo. Miséria aceita/Dura

---

mesmo os cegos que o deixarão de o ser no próximo minuto ainda são cegos e os insensatos e maus serão reputados assim até que sejam virtuosos (PLUTARCO apud ILDEFONSE, 2007). Portanto a virtude é “uma perfeição em comum com o todo” (BRUN, 1986, p. 78). Existe uma equivalência entre a virtude e o *lógos*, sendo ele indivisível, ela também o é, pois sintonizar a razão particular com a razão do cosmos torna-nos felizes (ALGRA, 2002). “O viver em *homología*, em estado de coerência, no mesmo logos, eis a prática suprema, a grande virtude” (GAZOLLA, 1999, p. 127).

<sup>46</sup> Diferente dos epicuristas que predicam que a felicidade será alcançada pelo prazer, traduzido na ausência de dor. “Todo prazer é bom e toda dor é ruim, mas nem todo prazer vale a pena ser escolhido e nem toda dor deveria ser evitada” (FORSCHNER, 2002, p. 27). Como se busca a tranquilidade da alma e a saúde do corpo, esses são os critérios últimos para almejar determinado prazer e evitar determinada dor.

para sempre, e atinge logo a glória;/Uma se enchendo sempre, não transborda,/A outra é plena. Rico descontente/Tem vida mais sofrida e infeliz/Que o pobre satisfeito./Miserável assim só quer morrer (SHAKESPEARE, 2006b, p. 1349-50).

Há uma gradação de modo que a última sentença denomina o rico como um miserável. Aliás, Sêneca em interlocução com seu amigo Lucílio, propõe uma estratégia para a cura da avareza, demonstrar “que os ricos são, afinal uns miseráveis” (SÊNECA, 2004, p. 481). Para os estoicos, um dos objetivos é perscrutar a identidade humana, responder a disseminada interrogação de quem somos. E sabendo que não são os bens que definem o homem, aufere-se que eles não contribuem para galgarmos ao autoconhecimento. A riqueza é uma maquiagem que turva a fidedigna identidade da pessoa.

O segundo item são os prazeres. Expomos dois específicos exemplos literários, em que o prazer está ligado ao sentimento. Os dois estabelecem um contraponto entre uma postura estoica e uma, digamos, visceral. A segunda está em *Cartas Portuguesas*, de autoria de uma religiosa que se envolveu com um oficial francês e diante da separação não se resignou. Eis um fragmento epistolar:

Ai de mim! Os meus [olhos] encontram-se privados da única luz que os animava e só lhes restam as lágrimas; não os tenho usado senão para chorar incessantemente desde que soube que estavas decidido a um afastamento que não posso suportar e me fará morrer em pouco tempo (ALCOFORADO<sup>47</sup>, 2007, p. 15-6).

De outro lado, o personagem de *Noites Brancas* (2011) adota uma postura diversa quando sua paixão reencontra um antigo namorado.

---

<sup>47</sup> 1640 – 1723.

Sem lamentar a respectiva perda, ele agradece pelos momentos em que ela proporcionou-lhe um efêmero bem-estar. “Que a tua vida seja ditosa e tão diáfana e agradável como teu doce sorriso e bendita sejas [Nastienhka] pelo instante de felicidade que tu deste a outro coração solitário e agradecido” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 94). Pelo fato de a situação extrapolar a sua possibilidade de intervenção, ele pode ter assimilado como se ela tivesse sido requisitada. “E o que te importa por quem aquele que te foi dado te seja requisitado? Enquanto te foi dado, ocupa-te dele como de algo que pertence a um outro, como fazem os viajantes num albergue” (EPICTETO apud DUHOT, 2006, p. 106). Epicteto acentua o caráter transitório das circunstâncias e o conselho é que se esteja preparado para sem elas viver. Romeu, em versão estoica, observaria os conselhos e replicaria que as virtudes dele ninguém poderá subtrair independente de onde estiver e que Julieta não está sendo tomada, mas entregue, e petrificado dormiria. Enquanto a irmã portuguesa, em versão estoica, dificilmente seria recordada na posteridade.

Quanto à saúde, argumenta-se que mesmo sem ela se pode ser virtuoso. Entre as notas coligidas, Ariano relata a lição de desprendimento de Epicteto a um aprendiz: “E se eu adoecer? - Serás um belo doente” (EPICTETO apud DUHOT, 2006, p. 102) - respondeu o mestre. Um fato muito reproduzido é que este filósofo, nas mãos de Epafrodito que o agredia teria advertido que esse comportamento o levaria a quebrar a perna, como o seu senhor prosseguiu e causou o trauma, ele se restringiu a constatar: ‘Eu avisei que quebraria’ (DUHOT, 2006). Foi estoico à medida que não se apegou à saúde, permaneceu

indiferente sabendo que a ruptura não seria capaz de arrebatá-la a sua virtude.

Sobre a morte, enfatizada pelos estoicos, faremos uma exposição mais detalhada. Iniciamos com algumas admoestações de Epicteto: “Não digas nunca de nada: ‘eu o perdi’, mas sim ‘eu o entreguei’. Teu filho está morto? Ele foi entregue. Tua mulher está morta? Ela foi entregue” (EPICTETO apud DUHOT, 2006, p. 106). Evidencia-se assim a efemeridade da vida, dado que a duração dela pode ser a mesma da rosa: “Que em o dia em que nascem, / Em esse dia morrem” (PESSOA, 2007, p. 13).

Diógenes relata que Zenão caminhando, em idade avançada, escorrega, cai e exclama: “Estou indo espontaneamente, por que então me convocas?” (LAERTIUS, 1988, p. 188-189). E teria morrido. Existe esta familiaridade assustadora com a morte, na medida em que ela é inevitável. Inclusive o sábio “desprezará a vida se tiver motivos razoáveis” (LAERTIUS, 1988, p. 211). Sêneca (2004) louva Catão de Útica que se tornou um exemplo de desapego ao cortar “o fatal fio da parca temerosa” (SHAKESPEARE, s.d., p. 132<sup>48</sup>) após Júlio César vencer uma Batalha em que eram inimigos. Ele sob a ordem de Nero, precipitou-se no ofício de Átropos. E consolou os amigos e parentes: “Mas vendo que choravam, entrou a confortá-los” (TÁCITO, s.d., p. 420). Ele foi coerente com os conselhos que deu a Lucílio: “Aplauda e imita o homem que não hesita em morrer, embora a vida lhe agrade! Sair porque é expulso, que coragem há nisso?” (SÊNECA, 2004, p. 186) Na obra ‘*A providência*’ ele diz ser um disparate temer por toda uma

---

<sup>48</sup> *A vida do rei Henrique V.*

vida o que ocorre num átimo (SÊNECA, 1952). Esse filósofo deflagra a unidade que há entre a vida e a morte. “Quem não souber morrer bem terá vivido mal” (SÊNECA, 1980, p. 207). A díade vida-morte retoma a visão estoica sobre os contrários, desenvolvida no item anterior. Um oposto alimenta e forja a identidade do outro, como o cardeal implora em *Henrique VI*, II Parte: “Se és a morte, eu te dou todo o tesouro da Inglaterra, bastante para a compra de uma outra ilha, contanto que me largues e me libertes destas dores. Rei Henrique [responde]: Oh! Que sinal de vida mal vivida, quando a morte é encarada desse jeito!” (SHAKESPEARE, s.d., p. 93).

No que tange a esse tema Shakespeare condensa bem a incerteza agônica entre a vida e o irreversível sono.

Ser ou não ser, eis a questão. Será mais nobre sofrer na alma Pedradas e flechadas do destino feroz Ou pegar em armas contra o mar de angústias – E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir; Só isso. E com o sono – dizem – extinguir Dores do coração e as mil mazelas naturais A que a carne é sujeita; eis uma consumação Ardentemente desejável. Morrer – dormir – Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo! Os sonhos que hão de vir no sono da morte Quando tivermos escapado ao tumulto vital Nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão Que dá à desventura uma vida tão longa. Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo, A afronta do opressor, o desdém do orgulhoso, As pontadas do amor humilhado, as delongas da lei, a prepotência do mando, e o achincalhe Que o mérito paciente recebe dos inúteis, Podendo, ele próprio, encontrar seu repouso Com um simples punhal? Quem aguentaria fardos, Gemendo e suando numa vida servil, Senão porque o terror de alguma coisa após a morte – O país não descoberto, de cujos confins Jamais voltou nenhum viajante – nos confunde a vontade, Nos

faz preferir e suportar os males que já temos, A fugirmos pra outros que desconhecemos? E assim a reflexão faz todos nós covardes” (SHAKESPEARE, 2009, p. 67).

A dúvida e a incerteza são as grandes mantenedoras da vida. E “o resto é silêncio” (SHAKESPEARE, 2009, p. 139). Camus está de acordo com os estoicos ao defender que o suicídio é o problema filosófico por excelência. “Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia” (CAMUS, 1989, p. 23).

Sem a pretensão de responder, mas ampliando a reflexão, notamos outro dilema. o Estoicismo faz apologia ao suicídio, o que é mais um paradoxo, uma vez que a refutação dessa prática está na teoria da *oikeiosis*, o instinto de conservação. O pórtico, se coerente com seus preceitos não aprovaria tal medida, de acordo com o que nos traduz Reale: “O sábio é livre, porque quer tudo o que é necessário, suporta e aceita o que é querido pelo destino” (REALE, 1994, p. 361). A pessoa seria capaz de resistir a todas as agruras e adversidades, por mais severas que fossem. Uma réplica, insuficiente talvez, é que a tendência para se autoconservar não está descartada, uma vez que o intento é cessar o que lhe tortura. Como no diálogo entre Otelo e Iago: “Iago - Estou perdendo sangue, senhor, mas não estou morto. Otelo – Tanto melhor; quero que vivas, pois, segundo penso, morrer é uma felicidade” (SHAKESPEARE, 1978, p. 439).

Bocage (1765- 1805) afirma algo similar: “Ah! Só deve agradar-lhe a sepultura,/Que a vida para os tristes é desgraça,/²A morte para os tristes é ventura” (BOCAGE, 2011, p. 47). Desvendar incógnitos lugares prevaleceria a suportar o fa(r)do patente. Sobre a



serenidade perante a morte temos o irretocável exemplo de Sócrates cujos momentos derradeiros estão narrados no diálogo *Fédon* de Platão (1972). Ele adentrou, “com a leveza de um pássaro” (<sup>49</sup>SARAMAGO, 1995, p. 172), a sólida escuridão.

Na peça *Medida por medida*, “o inventor do humano<sup>50</sup>” faz com que o duque discorra sobre o *não-ser* explanando uma visão totalmente sintonizada com os preceitos estoicos.

Diga à vida:/ Se eu te perder, eu só perco uma coisa/Que só os tolos querem. És um sopro/Sujeito a todas influências celestes,/Que afligem constantemente esta prisão/Em que vives./És o bobo da Morte;/Dela é que buscas ‘star sempre fugindo./ E pra ela é que corres./Não és nobre,/Pois todos os confortos que te envolvem/ Vêm do mais reles. Tampouco és valente;/Pois temes tornar-se a refeição/De pobres vermes. O sono é o repouso,/Que tantas vezes buscas, mas tens medo/Da morte, que é só isso.(...)/ Pois sempre lutas pelo que não tens,/E esquece do que tens. Tu não és firme,/Pois teu aspecto muda estranhamente/Segundo a lua. Sendo rico, és pobre;/Pois qual asno vergado pelo ouro,/Nesta viagem carregas pesadas riquezas/Em que a morte o liberta. Sem amigos,/As próprias tripas que te chamam pai./ E até os eflúvios dessa tua ilharga,/Xingam a gota, a sarna e o catarro/Por não matar-te logo. Não és jovem/Nem velho, mas um sono após a ceia,/Que sonha co’ambos. Pois tua juventude/É qual velhice a implorar esmolos/Ao velho enfermo. E se velho e rico,/Faltam-te fogo, afeto e até beleza/Pra gozar as riquezas. O que, nisso/Podes chamar de vida? Na vida,/Escondem-se mil mortes e nós tememos/A morte que nivela tudo (SHAKESPEARE, 2006c, p. 1558).

---

<sup>49</sup> *Ensaio sobre a cegueira*.

<sup>50</sup> Expressão de Harold Bloom que publicou *Shakespeare: a invenção do humano*.

É retomado o tema das riquezas que se constituem como um jugo a ser carregado e impede a elevação do espírito. Mas destacamos a primeira parte do discurso que contém ponderações bem articuladas e proferidas num tom de especialista, na segunda pessoa do singular: *És o bobo da morte; Pois temes tornar-se refeição de pobres vermes*, mas ao final a emoção sobrepõe-se e o verbo muda a conjugação - *nós tememos/A morte que nivela tudo* - ratificando o princípio de conservação.

Além do que foi exposto no final da seção ‘A primazia da razão’ de que os ideais estoicos de sabedoria contêm paradoxos, existe também a provocação de que nunca se viu um sábio, que esse protótipo alimenta ambições excessivas e sobre-humanas<sup>51</sup>. Nesse sentido Sêneca deu munição aos críticos, pois exortava a austeridade sem que dela fosse adepto. Ele deveria ser o primeiro aluno das lições que ministrava. Similar à Pórcia em *O Mercador de Veneza*:

Se fazer fosse tão fácil quanto saber o que é preferível, as capelas seriam igrejas e as cabanas dos pobres, palácios de príncipes. O bom pregador é aquele que segue seus próprios preceitos; para mim, acharia mais fácil ensinar a vinte pessoas o caminho do bem, do que ser uma dessas vinte pessoas e obedecer a minhas próprias

---

<sup>51</sup> Tal acepção é autenticada no poema “A mesa”: “Mais adiante vê aquele / Que de ti herdou a dura/ vontade, **o duro estoicismo**. / Mas não quis te repetir. / Achou não valer a pena / reproduzir sobre a terra / o que a terra engolirá. / Amou. E ama. E amará. / Só não quer que seu amor / seja uma prisão de dois, / um contrato, entre bocejos / e quatro pés de chinelo. / Feroz a um breve contacto, / à segunda vista, seco / à terceira vista, lhano, / dir-se-ia que ele tem **medo / de ser, fatalmente, humano**” (ANDRADE, 1991, p. 112, grifo nosso). Afora isso, assinala a finitude da vida.

recomendações. O cérebro pode promulgar leis contra a paixão, porém uma natureza ardente salta por cima de um frio decreto; a louca juventude é semelhante a uma lebre franqueando as redes do estropiado bom conselho (1978a, p. 292-293).

Porém, os estoicos admitiam que o sábio seria como uma fênix que aparece a cada quinhentos anos, uma vez que a total identificação com a razão universal seria quase impossível (DUHOT, 2006). E outra réplica é que mais importante que atingir o objetivo final é persistir na sua busca (GAZOLLA, 1999). Vai ao encontro do que Montaigne (1962) apregoa sobre a virtude. Ela ocorre precipuamente na luta, motivo pelo qual, segundo ele, a divindade não pode ser considerada virtuosa, uma vez que é boa sem que precise esforçar-se.

Antes de infiltrarmos nos estratos estoicos aludidos no título, mencionamos uma polaridade sobre o preceito de viver de forma indiferente. Da mesma forma que da apatia decorre a serenidade ou a insensibilidade, a indiferença pode gerar tanto a altivez quanto a estultice, segundo a advertência:

O sábio é igualmente imune à soberba e à vaidade, e é também indiferente à glória e à obscuridade. Entretanto, o termo ‘indiferente’ que designa propriamente a pessoa imune à vaidade, pode referir-se igualmente a quem se inclui entre os temerários, ou seja, a um estulto (LAERTIUS, 1988, p. 208).

Uma reação que pode ser considerada mais estulta do que virtuosa é a de Estilbão que no regresso ao lar, depara-se com sua família e casa carbonizadas e responde simplesmente que tudo o que possui traz consigo (SÊNECA, 2004). A regra de que nada do exterior pode afetar o sábio é a que gera este tipo de ambiguidade, a conclusão é

que: “O sábio estoico (o ser humano totalmente racional e virtuoso) seria feliz sob qualquer circunstância, mesmo quando estivesse sendo torturado” (ALGRA, 2002, p. 79). Ser feliz sendo torturado sob a premissa de que o interior é tão fortalecido que está imune a aspectos exteriores pode ser um ato altamente virtuoso ou estulto, de quem está alienado. Enquanto que o exemplo de altivez encontra-se em um poema de Antero de Quental (1842-1891): “Ergue-te, então, na majestade estoica / De uma vontade solitária e altiva, / Num esforço supremo de alma heroica! // Faze um templo dos muros da cadeia... / Prendendo a imensidade eterna e viva / No círculo de luz da tua Ideia” (QUENTAL, 1989, p. 49).

Tendo expostas as principais normas éticas preconizadas pelos estoicos, evoluiremos à polaridade hermenêutica destes mesmos princípios.

#### 1.4 ESTOICISMO: DUPLA INTERPRETAÇÃO

Como preâmbulo ao conteúdo deste item, ressaltamos uma diferenciação entre o Estoicismo e o estoicismo. O primeiro é o nome da corrente filosófica fundada por Zenão, portanto engloba a ética, a física e a lógica. O segundo, por seu turno, é uma postura adotada perante os eventos da vida e está restrito à ética. O estoicismo deriva do Estoicismo, e se restringe a um âmbito específico deste.

Conforme enunciamos, os preceitos estoicos visam pavimentar o caminho à felicidade, virtude ou sabedoria. Imaginamos a analogia de que as normas correspondem a uma armadura que facilitará para que este horizonte da felicidade seja aportado. A principal ambivalência é

entre aqueles que veem esta armadura como algo que propicia a ação e, de outro lado, os que veem na mesma armadura uma proteção, mas que dificulta a mobilidade. Em síntese, os primeiros veem nos preceitos a possibilidade de levá-los ao horizonte almejado e os segundos, porém, a potência de trazer o horizonte onde se está. Essas duas interpretações são o que denominamos como estratos estoicos. É uma explicação pela qual tal ambiguidade não está registrada nos dicionários é porque eles mencionam os princípios enquanto ela diz respeito à interpretação dos mesmos. Epicteto estava ciente desta diversidade hermenêutica: “Com efeito, parte-se desses princípios sobre os quais todos estão de acordo e chega-se a controvérsias porque não se os aplica corretamente” (EPICTETO apud DUHOT, 2006, p. 137). Ainda neste item veremos as diversas aplicações deste termo na literatura, corroborando que: “(...) a mesma palavra pode expressar coisas diferentes” (DUHOT, 2006, p. 11). Primeiramente vamos demonstrar interpretações em favor do segundo sentido.

Os que defendem tal análise veem no nascimento desta corrente filosófica uma forma de se ajustar aos acontecimentos políticos e não questioná-los, uma apologia à inação. O estoicismo serviria para aceitar o que está posto, independente da situação: “Por não terem admitido outra técnica que a da transformação de si mesmo, incitaram involuntariamente seus adeptos a deixar o mundo tal como está” (CHATELET, 1973, p. 180). De acordo com Reale havia uma classificação tendenciosa entre coisas boas, más e indiferentes.

Todos os males derivados da ruína da antiga *pólis* e todos os perigos, inseguranças e adversidades provenientes das convulsões políticas e sociais que se seguiram àquela ruína, eram simplesmente

negados como males e confinados entre os indiferentes (REALE, 1994, p. 335).

Seguindo esse raciocínio, existia a tendência de ver como imutável todos os acontecimentos externos, confirmando o que foi exposto no tópico sobre a ‘indiferença’ de que nada que é externo pode afetar um sábio.

Bens e males derivam sempre e somente do interior do seu eu e nunca do exterior e, portanto, um modo de convencê-lo de que a felicidade podia ser perfeitamente alcançada de maneira absolutamente independente dos acontecimentos externos (REALE, 1994, p. 335).

Exporemos alguns excertos literários que utilizam a palavra ‘estoicismo’ tendo como postulado semântico a apologia à inação: “Ema mostrou-se estoica no dia seguinte, quando o oficial de justiça Hareng se lhe apresentou em casa com duas testemunhas para lavar o ato de penhora” (FLAUBERT, 1981, p. 220). Ela não se interpôs para tentar impedir a ação do oficial, resignando-se.

Concepção idêntica é apresentada em *Cem anos de solidão*: “Eram seis advogados de fraque e cartola que suportavam com duro estoicismo o bravo sol de novembro” (MARQUEZ, 2012, p. 206). Esse mesmo entendimento é transmitido em um fragmento do romance *Ana Karenina*. Em uma discussão entre Vronski e Ana o narrador expressa que ela tinha a intenção de “Suportar estoicamente a separação” (TOLSTOI, s.d., p. 687).

E é esse partido que toma Menênio na continuação da peça *Coriolano* aludida em ‘A primazia da razão’. A barriga teria assim retrucado: “E se não podem todos/Ver o que entrego eu a cada um,/Posso eu contar tudo, pra que todos/ De mim tenham de volta todo

o trigo, Só me deixando o joio” (SHAKESPEARE, 2006, p. 1124). E o arauto governista moraliza:

Os senadores são essa barriga, / Vocês os revoltosos. Se examinam / Os cuidados que têm e compreendem / Tudo o que toca o bem comum, verão/Que não recebem benefício público / Que não proceda deles pra vocês, / E não de vocês mesmos. (SHAKESPEARE, 2006, p. 1124)

E interroga um cidadão que está protestando. “Que me diz / Você, dedão do pé desta assembleia?” (SHAKESPEARE, 2006, p. 1124). O parâmetro é que as pessoas inconformadas são os membros do corpo. A citação de Sedley<sup>52</sup> que ser estoico é ver-se como um ‘pé’ está alinhada com o conformismo e tem como subjacente a ideia de que o estoicismo está ligado à inação. Duhot conjectura que a doutrina estoica foi útil para calar diante de práticas não virtuosas.

Admite-se frequentemente que o sucesso do estoicismo se deve às perturbações da época que o viu nascer. Diante das angústias de então, os gregos teriam encontrado um refúgio em um pensamento que daria a eles força para permanecer indiferentes em meio às reviravoltas do mundo<sup>53</sup> (DUHOT, 2006, p. 15).

Segundo esta concepção, o estoicismo foi utilizado para que se evitasse protestos como o da peça *Coriolano*, em que um exemplo fisiológico é tido como protótipo para uma realidade social, entendendo-a como natural e imutável.

Saramago aborda situações contemporâneas<sup>54</sup> por isso trazemos um trecho de uma crônica jornalística. “É preciso encarar a situação

---

<sup>52</sup> Primeiro capítulo.

<sup>53</sup> Esta citação é um preâmbulo que o autor faz para refutar esta visão, portanto Duhot não concorda com ela, mas reforça a existência da ambiguidade.

<sup>54</sup> Um exemplo é o conto “Embargo” Objecto Quase (1994) em que narra as

com estoicismo” (SCHWARTSMAN, 09-03-2012, A2). O episódio relatado é que houve prisões de gerentes de postos de gasolina pelo fato de eles terem se aproveitado da escassez do produto por causa de uma greve –SP- e terem aumentado exacerbadamente o valor do litro. O colunista habilmente não repudia a greve para condenar as prisões. A frase citada induz os leitores ao conformismo, pois as leis de mercado são ‘imutáveis’<sup>55</sup>. Não haveria alguma malícia em propagar atitudes estoicas perante situações similares?

---

peripécias na vida de um cidadão por ocasião do racionamento de combustíveis.

<sup>55</sup> **Semana difícil** “Viver em democracia dá trabalho e aceitar as implicações das regras que nós mesmos criamos pode ser frustrante, mas não vejo opção ao Estado liberal de Direito em que supostamente vivemos. Escrevo "supostamente" porque as pessoas andam esquecendo algumas lições do passado. Para começar, a Constituição assegura o direito de greve. Isso significa que os trabalhadores são livres para interromper suas atividades. Fazê-lo gera ônus para a sociedade? É claro que sim. Aliás, se não houvesse prejuízo para ninguém - como, às vezes, parece querer nossa contraditória legislação de greve-, não haveria sentido em convocar o movimento paredista. É perfeitamente legítimo impedir os manifestantes de promover piquetes violentos e tomar medidas para tentar garantir o abastecimento, mas não dá para sustentar que motoristas autônomos não tenham direito de suspender suas entregas. Outro abuso verificado nesta semana difícil em São Paulo foi a detenção de gerentes de postos de gasolina que haviam aumentado seus preços. Concordo que é feio aproveitar a situação adversa para ampliar a margem de lucro, mas ainda não inventaram a prisão estética. É difícil sustentar que haja ilegalidade em fazer reajustes segundo a lei da oferta e da demanda quando os valores dos combustíveis não são tabelados. Se há algo que não faz sentido são os dispositivos legais que vieram em 1994, na esteira do Plano Real, com o objetivo de vetar "reajustes excessivos" ou "aumentos sem justa causa" sem jamais fixar um significado para essas expressões. Nem o Real dispensou um populismozinho econômico. É preciso encarar a situação com estoicismo. A alternativa de viver sob um governo em que greves estavam vetadas e pessoas eram presas ao arripio da lei nós já experimentamos e foi ruim para o país. É preferível amargar uma fila para abastecer o carro a suportar um regime no qual protestos são proibidos e o arbítrio é a regra” (SCHWARTSMAN, Hélio).



E o segundo estrato versa sobre a interpretação de que os preceitos estoicos não são incompatíveis com a ação, mas antes a exortam, ou seja, é uma armadura que propulsiona o movimento ao horizonte da virtude. Nesta interpretação sobressai o entendimento de que a existência do destino não anula a da liberdade, vide o exemplo do cilindro em que se distinguem causas externas das internas, sendo o agente livre em relação às segundas.

Sendo assim, muitos autores enfatizam que as teorias estoicas não requestam a evasão do mundo, sendo que ele é um instrumento para ação competente (DUHOT, 2006). Lembrando a frase de Marx e Engels citada por Saramago: ao homem cabe engendrar novas circunstâncias e não apenas aceitar as existentes como naturais.

Gazolla interpreta que a apatia estoica presta-se para dar leveza e mobilidade ao ser humano. “Nesse sentido, a apatia não deve ser entendida como ausência de ação, e nem a *ataraxia* como alheamento diante da vida” (GAZOLLA, 1999, p. 170). Hirschberger enfatiza essa possibilidade de leitura. “O estoico não pode, se quiser ser virtuoso, cultivar o isolamento, mas deve decidir-se pela vida ativa” (HIRSCHBERGER, 1965, p. 276). Consoante aos fundadores do pörtico, a sabedoria não é discordante da política. “Crisipos sustenta que o sábio participará da vida política, se nada o impedir, pois assim ele conterà a deficiência e propagará a excelência” (LAERTIUS, 1988, p. 209).

Há testemunhos factuais que advogam em favor da posição de que “um homem virtuoso é ao mesmo tempo um meditativo e um homem de ação” (BRUN, 1986, p. 80). Os adeptos dessa corrente não

viam incompatibilidade entre seguir os preceitos e envolverem-se na vida pública (FERACINI, 2011). A filosofia esteve, notavelmente próxima do poder político na época do estoicismo romano, como sugerira Platão em *A República* (1970). Sêneca foi preceptor de Nero; Marco Aurélio, imperador; Marco Túlio Cícero, cônsul<sup>56</sup>, aderindo ao estrato de que “todo o louvor da virtude cifra-se na ação (...)” (CÍCERO, 1999, p. 12).

Um dos autores que defende essa perspectiva ampara-se num pensador da fase imperial: “Não deverás dizer que és filósofo, nem tratar muito de máximas com os teus conhecidos, mas pratica o que resultar das tuas máximas” (EPICTETO apud HIRSCHBERGER, 1965, p. 276). Destacamos mais duas citações em que essa percepção é ratificada:

“O caminho da virtude não é a estrada larga dos acomodados, mas a estreita vereda dos decididos” (HIRSCHBERGER, 1965, p. 275).

“Sendo o estoico um homem de vontade, é, também, um caráter. Aceitar a sequela do próprio ser e agir, é sempre considerado como o supremo dever” (HIRSCHBERGER, 1965, p. 276).

Um exemplo do mesmo livro de Flaubert em que o estoicismo denota ação. O narrador retrata a reação da sogra de Ema após descobrir que seu marido a traía.

Calou-se então, curtindo a raiva num estoicismo mudo, que ela conservou até a morte. Dedicando-se inteiramente aos assuntos e negócios da casa, ia falar com os advogados, com o juiz, lembrava-se do vencimento das letras, obtinha prorrogações; em casa, passava a ferro, costurava, engomava, vigiava os criados, pagava as contas (FLAUBERT, 1981, p. 10).

---

<sup>56</sup> Embora considerado eclético, reproduziu e aprovou muitas teorias estoicas.

O estoicismo da personagem serviu como uma armadura que facilitou a ação. E em *Cem anos de solidão* também há um excerto em que denota o mesmo significado. Referindo-se à habilidade de tocar o clavicórdio: “Meme aguentou as exposições com o mesmo estoicismo com que se dedicou ao aprendizado” (MARQUEZ, 2012, p. 306). O estoicismo fez-se presente enquanto aprendia e se apresentava, logo era propulsor de uma ação.

Epicteto preconizou que a aplicação inapropriada dos princípios produzia controvérsias, disto inferimos que ele alegava haver uma forma correta de aplicá-los. Advogamos, entretanto, que a ética do pörtico suporta essas interpretações contrastivas. O que, aparentemente pode parecer contraditório, mas no item em que discorreremos sobre o destino mencionamos que o estoicismo admite-se, por vezes paradoxal. Ora, uma doutrina que contém alguns princípios paradoxais, não é motivo de estranhar que a interpretação destes preceitos, ou de outros desta mesma doutrina, também o seja.

Neste capítulo que ora se encerra apresentamos a teoria do estoicismo e uma dupla possibilidade interpretativa: a) que decorre do princípio de expurgar as paixões, serenidade ou insensibilidade e b) que advém do princípio da indiferença, altivez ou estultice. E juntamente com ela discorreremos sobre o estrato estoico que foi enunciado na introdução. No próximo capítulo já começamos, panoramicamente a detectar a similitude entre a corrente filosófica e os romances. Ressaltamos, porém, que nas obras literárias selecionadas não há uma reprodução *pari passu* da doutrina estoica, mas alguns de seus ecos

parcialmente esbatidos, sendo que por vezes Saramago distancia-se dela e a questiona.

## 2 UMA VISÃO HOLÍSTICA DO *CORPUS* LITERÁRIO

Neste segundo capítulo, o objetivo é fazer uma apresentação abrangente dos romances. Prendemo-nos ao fio de Ariadne, tal um obsessivo auxiliar de escrita, para verificar se em seus aspectos globais a obra saramaguiana conecta-se ao estoicismo. Para isto citaremos alguns trabalhos acadêmicos sobre os livros em tela, bem como trechos de entrevista em que o autor expressa as motivações para escrevê-los. Esta obra originou diversas pesquisas com enfoques nas áreas de educação, psicologia, teologia e sociologia, entre outras. Destacamos dois trabalhos de Ana Paula Arnaut: *Post-Modernismo no romance português contemporâneo: fios de Ariadne. máscaras de Proteu* (2002) - e *José Saramago* (2008), onde ela expõe extratos da ficção, bem como da fortuna crítica. Maurício Saraiva escreveu *Ética a Saramago: individualismo e valor humano na ética contemporânea* (2012), em que advoga pela necessidade de uma nova ética ao homem contemporâneo.

Na exposição adotamos a imagem da introdução, apresentando primeiro o livro tido como um suporte – *O ano da morte de Ricardo Reis* (2011), depois o que está no topo – *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e o posterior que deste último desliza – *Todos os nomes* (1997). A razão pela qual pusemos o *Ensaio sobre a cegueira* (1995) no topo da obra saramaguiana é porque ele sistematiza determinados temas que estavam apenas em germe nos livros anteriores. Pretendemos seguir esta ordem de exposição em todos os capítulos, entretanto não desconsideramos a possibilidade de uma ou outra exceção.

Reiteramos a ressalva de que a doutrina estoica assumiu, ao longo de 23 séculos, várias conotações, umas mais expressamente filosóficas, outras que resultaram da sua assimilação pela mentalidade comum. Sem chegar à vulgarização do estoicismo os textos de Saramago refletem-no parcialmente.

## 2.1 O DUPLO

No romance *O ano da morte de Ricardo Reis* (2011) realçamos dois componentes intertextuais. O primeiro deles é *Os Lusíadas* (1982), pois as estátuas de Camões (1524 – 1580) e do gigante Adamastor tornam-se referências na narrativa. Em segundo lugar, o protagonista Ricardo Reis, que já foi citado no primeiro capítulo, é um dos heterônimos de Fernando Pessoa (1888-1935). Sendo assim, o personagem principal já existia na literatura portuguesa com seus traços de personalidade e o criador dele, por sua vez, tem a sua condição de *homo sapiens*, encoberta pela de *homo fictus*<sup>57</sup>.

Explanaremos as peculiaridades do heterônimo, porque elas servirão de embasamento para a análise. Na carta a Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa confidencia que em 1912 compôs alguns poemas de caráter pagão cujo estilo diferenciava-se do de Álvaro de Campos. “Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis)” (PESSOA, 1998, p. 96). Nesta missiva, ele decompõe mais atributos do heterônimo: “(...) educado num colégio de Jesuítas é (...) médico; vive no Brasil desde 1919, pois se

---

<sup>57</sup> Terminologia utilizada por Forster (1998).

expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia e um semi-helenista por educação própria” (PESSOA, 1998, p. 98). Fernando Pessoa apregoa sua orientação moral: “Ricardo Reis tem uma ética pagã, meio epicurista e meio estoica, mas uma ética bem definida” (PESSOA, 1998, p. 131). O produto dessa mescla estoico-epicurista são poemas com a tonalidade *Carpe Diem* de Horácio<sup>58</sup>.

Ricardo Reis é íntimo da corrente filosófica fundada por Zenão, pois ele condensa em suas odes as principais teorias éticas dela, como foi exemplificado no primeiro capítulo<sup>59</sup>. Ratificamos esta conexão adicionando outras declarações. Ao opinar sobre Alberto Caeiro ele fala de si: “Por mim, se em mim posso falar, quero ser ao mesmo tempo epicurista e estoico, certo que estou da inutilidade de toda ação num mundo em que a ação está em erro (...)” (PESSOA, 1998, p. 114). Similar ao já citado Bernardo Soares, ele é eclético, transitando entre o

---

<sup>58</sup>“E, como a vida é breve, encurta a longa esp’rança. / (...) trata, pois, de colher o dia de hoje, / que nunca o amanhã merece confiança” (HORÁCIO apud PAIS, 2012, p. 152-3). E o paralelo em Fernando Pessoa: “No mesmo hausto em que vivemos, morreremos. Colhe / O dia, porque és ele” (PESSOA, 2007, p. 107). O heterônimo cita o inspirador: “Bebo, imortal Horácio/Supérfluo, à tua glória” (PESSOA, 2007, p. 68).

<sup>59</sup> Como o trabalho é sobre o estoicismo que alcançou seu zênite durante o Império Romano, recortamos, na narrativa, três alusões a esse contexto. Menciona Marco Túlio Cícero que propagou as teorias estoicas: “(...) que é disso que vivem as gentes no seu quotidiano, não de Cícero ou Espinosa” (p. 153). Recorda a influência do Império Romano: “(...) todos de braço estendido, à romana, ficou-lhes o gesto dos tempos em que Braga se chamava Bracara Augusta” (SARAMAGO, 2011, p. 332). E enumera vários imperadores, entre eles Nero, de quem Sêneca foi assessor. “(...) que a Itália têm alma imperial, por isso se levantaram dos históricos túmulos as sombras majestosas de Augusto, Tibério, Calígula, Nero...” (SARAMAGO, 2011, p. 333).

jardim e o prtico. O poeta português complementa: “Nada quer saber absolutamente dos outros, nem mesmo o bastante para interessar-se pelos seus sofrimentos ou por sua existência” (PESSOA, 1998, p. 131). Como estamos abalizando a proximidade com o estoicismo, ao apreciar a poesia de Alberto Caeiro, Ricardo Reis faz entrever o conteúdo da seo 1.2: “Porque o que foi era o que tinha de ser, que assim o quiseram, sob a mão invisível do *Fado*, os deuses senhores da matéria de nosso mundo” (PESSOA, 1998, p. 122, grifo do autor). Forçosamente serão retomados estes pontos que estão em primeiro plano na tese: o destino, a indiferença e a inutilidade da ação.

O título deste trabalho postula a *cegueira de Ricardo Reis* e em segundo lugar elucubra dar *todos os nomes* a ela. Mas por ora, contentamo-nos em demonstrar que tal cegueira encontra respaldo nas odes heteronmicas.

“Nem destino sabido / Somos cegos, que veem só quem tocam” (PESSOA, 2007, p. 128).

“ a saudade que me aflige a mente/Não é de mim nem do passado visto,/Senão de quem habita/Por trs dos olhos cegos” (PESSOA, 2007, p. 91).

Averiguaremos em que medida o predicativo da cegueira terá recidivas no personagem da narrativa, pois ocorre um conflito entre o Ricardo Reis, criação pessoana e o do romance. O último, de José Saramago, leu lvaro de Campos e foi sublevado pelo ‘Poema em linha reta’. Quando ele teve contato com os referidos versos, foi o ano da sua metamorfose. Afinal ele também foi cmico é criada de hotel e se sentiu, por vezes, um “sedutor ridículo” (SARAMAGO, 2011, p. 106).



Enquanto a proeza de “pedir emprestado sem pagar” (PESSOA, 2007, p. 234) equivale à negligência de não devolver o livro à biblioteca do navio *Highland Brigade*. Revela-se ainda mais transgressivo, porquanto goza *peçoamente* da *Liberdade* de ter esse “livro para ler e não o fazer!” (PESSOA, 1996, p. 47)

Para elucidar o distanciamento entre eles apontamos alguns exemplos em que aquele poeta que aspira ser semelhante aos deuses se depara com “os sinais de nossa humanidade” (SARAMAGO, 2011, p. 22).

“(…) abriu mesmo meia janela para arejar o quarto, aborrece os odores noturnos” (SARAMAGO, 2011, p. 61).

“(…) a ler um romance policial, com uma botija aos pés, à espera de uma criada que lhe venha aquecer o resto” (SARAMAGO, 2011, p. 128).

Expomos mais uma amostra deste embate entre o “quem sou e quem fui” (SARAMAGO, 2011, p. 284; PESSOA, 2007, p. 91). Ao omitir para Lídia a sua relação com Marcenda ele reflete, “consciente de sua duplicidade” (p. 263). Mais uma situação em que a clivagem da personalidade explicita-se:

A si mesmo se vê como um ser duplo, o Ricardo Reis limpo, barbeado, digno, de todos os dias, e este outro, também Ricardo Reis, mas só de nome, porque não pode ser a mesma pessoa o vagabundo de barba crescida, roupa amarrotada, camisa como um trapo (<sup>60</sup>SARAMAGO, 2011, p. 355-6).

Repudia um Ricardo Reis: “Nunca imaginei que você fosse capaz de cenas tão ridículas” (p. 356), o outro anui e “com grande

---

<sup>60</sup> Todas as citações desta obra são do mesmo ano e edição.

vergonha de se ver tão sujo, imundo, puxa a manta por cima da cabeça e continua a dormir” (p. 356).

O heterônimo de Fernando Pessoa é um estoico, conquanto “sem dureza” (PESSOA, 2007, p. 90). O da narrativa de Saramago ainda é estoico, mas em crise, repensando e, por vezes duvidando da validade dos princípios do póstico. O primeiro em relação ao segundo é uma personagem, consoante a classificação de Forster, redonda<sup>61</sup>. Ele teoriza que esta tipologia: “Possui a incalculabilidade da vida, a vida dentro das páginas de um livro” (FORSTER, 1998, p. 75). Ao lermos a narrativa, o personagem Ricardo Reis surpreende, pois toma atitudes diversas do heterônimo e questiona o seu duplo. Na sequência relataremos as circunstâncias que ensejaram a escrita desse romance.

José Saramago lia os poemas de Ricardo Reis desde os 19 anos, tendo só mais tarde descoberto a verdadeira origem do poeta. O escritor confia um sentimento ambivalente com relação a ele, pois se sentia agredido pela ideia de “desprendimento do mundo, das coisas e das pessoas, aquele amor que não chega a ser porque não se realiza nunca” (SARAMAGO, 2008, p. 30). E fascinado pelo “rigor, a expressão medida, mesmo que o verso tivesse de ser violentado” (SARAMAGO, 2008, p. 30). Esta relação dúbia é enfatizada:

Aquilo que me intrigava particularmente (...) era, justamente, aquela indiferença em relação ao mundo. Quando ponho como uma das epígrafes deste romance ‘Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo’, isto é qualquer coisa que sempre me irritou. Mas há entre mim e o Ricardo Reis uma espécie de fenómeno de atracção e

---

<sup>61</sup> “O teste para uma personagem redonda está nela ser capaz de surpreender de modo convincente” (FORSTER, 1998, p. 75).

repulsão e, por outro lado, admiro-o até no seu próprio comportamento em relação à vida, como se em mim houvesse uma necessidade de distância (SARAMAGO, 2008, p. 98).

Sublinhamos neste depoimento a ambivalência em propor, de um lado a crítica à determinada postura e de outro, o enaltecimento da mesma. Entendemos que a “necessidade de distância” reflete-se nas narrativas e será retomada nos capítulos posteriores.

Examinemos as epígrafes da obra, afinal o escritor pontifica que: “(...) com a leitura das epígrafes dos meus romances já se sabe tudo” (SARAMAGO, 2009, p. 209). A primeira já foi antecipada: “Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo”, de Ricardo Reis; “Escolher modos de não agir foi sempre a atenção e o escrúpulo da minha vida<sup>62</sup>”, de Bernardo Soares e “Se me disserem que é absurdo fallar assim de quem nunca existiu, respondo que também não tenho provas de que Lisboa tenha alguma vez existido, ou eu que escrevo, ou qualquer coisa onde quer que seja,<sup>63</sup>” de Fernando Pessoa. É nítida a semelhança de conteúdo entre as duas primeiras, sendo que a terceira é uma defesa das precedentes enquanto a autoridade que as profere. Consoante Carvalho há uma aproximação entre os três emissores: “(...) Ricardo Reis ganha foros de alter-ego de Pessoa, guardadas as características da heteronímia como se fossem dois lados de uma moeda, (...)” (CARVALHAL, 1999, p. 116). Há um diálogo, inclusive que corrobora tal argumento: “Quem estiver a olhar para nós, a quem é que vê, a si ou a mim, Vê-o a si, ou melhor, vê um vulto que não é você nem

---

<sup>62</sup>(PESSOA, 2006, p. 142).

<sup>63</sup> Esta frase é uma alusão a Vicente Guedes e Alberto Caeiro “Que nasceu próximo de Lisboa em 1889 e morreu onde nasceu em 1915” (PESSOA, 1998, p. 82-83).

eu, Uma soma de nós ambos dividida por dois” (SARAMAGO, 2011, p. 101). Esta interação representa também a permeabilidade da arte com a vida, pois o *homo fictus*<sup>64</sup> é apresentado anteriormente ao *homo sapiens*<sup>65</sup> e este possui mais contornos de ficção – invisibilidade, por exemplo - do que de realidade.

Sintetizando, o enredo versa sobre o médico e poeta neoclássico Ricardo Reis, 48 anos, natural do Porto, que regressa do Brasil a Portugal, por ter recebido um telegrama de Álvaro de Campos informando-lhe da morte de Fernando Pessoa. Viaja a bordo do *Highland Brigade* e aterra à chuvosa Lisboa no final de 1935. Consigo traz um romance policial por cujo título, *The god of the labyrinth*, sentiu-se atraído. A autoria é de Herbert Quain, irlandês que, por sua vez, foi buscado no conto “Exame da obra de Herbert Quain” de Borges (1972)<sup>66</sup>. Sem propósitos definidos, o poeta hospeda-se no Hotel Bragança e envolve-se amorosamente com duas mulheres: a criada Lídia e a coimbreense Marcenda que faz um tratamento de saúde na capital do país. Na madrugada do primeiro dia do ano, tendo já visitado o cemitério dos Prazeres, ocorre no hotel, uma das muitas deliberações que terá com Fernando Pessoa. Em pleno regime salazarista, o protagonista deambula entre as turbulências políticas e é investigado e

---

<sup>64</sup> Ricardo Reis.

<sup>65</sup> Fernando Pessoa, mas que na narrativa transmuta-se em *fictus*.

<sup>66</sup> Saramago deu uma conferência intitulada “Algumas provas da existência real de Herbert Quain. Entre as provas está a de que ele foi lido por Ricardo Reis por conta de seu regresso a Lisboa por causa da morte de Fernando Pessoa. E menciona que se alguém duvidar da existência de Ricardo Reis, a prova é de que ele foi lido pelo conferencista e ressalta esperar não precisar provar a própria existência. (<http://www.josesaramago.org/algumas-provas-da-existencia-real-de-herbert-quain/>, acesso em 20-10-2014).

interrogado pela Polícia de Vigilância e Defesa do Estado - PVDE. No desenrolar da trama Ricardo Reis relê e compõe algumas odes, no entanto toda a poesia de Pessoa, heterônimos e ortônimo, goteja na prosa de Saramago e por vezes, esta mescla origina nova forma à primeira.

A paráfrase dos versos de *Os Lusíadas* (1982) principia a narrativa: “Aqui o mar acaba e a terra principia”. (SARAMAGO, 2011, p. 9). Carvalhal (1999) interpreta essa frase como um “ato de chegar. Ali se chega por mar como em uma descoberta, e por isso quando este finda surge o que começa – a terra” (p. 115). Berrini sugere que tal imagem simboliza os portugueses voltados a si mesmos, enclausurados em sua pátria (BERRINI, 1999). Aventamos uma alternativa hermenêutica em que prepondera a simbologia dos elementos físicos terra e água: a terra simbolizando a prosa e a água, a poesia. Ou seja, a água é volúvel e se adapta a diversos recipientes, por isso lugar de múltiplas interpretações, enquanto a terra é rija, por isso menos polissêmica. Conjecturamos como uma chamada à objetividade, a algum consenso simbolizado pelo ato de colocar os pés no sólido. O verso que fecha o livro ratifica tal visão como uma sugestão de diálogo entre terra e água. “Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera<sup>67</sup>” (SARAMAGO, 2011, p. 465). Schwartz alinha-se a nossa percepção: “(...) o elogio da prosa de ficção implica (...) uma possível crítica a um tipo de literatura lírica, simbolizada em *O ano da morte de Ricardo Reis* pelo fantasma de Fernando Pessoa (...)” (SCHWARTZ, 2004, p. 172).

---

<sup>67</sup> Berrini vê a terra como a poesia portuguesa, sólida, *território firme*, que espera seus descobridores (BERRINI, 1999).

Encerrando este item, acercamo-nos do oceânico território do autoconhecimento. A recorrente interrogação do que é o ser humano assoma pela pronúncia do nome do autor do livro que Ricardo Reis folheia. “Quain, quem”? (p. 23) A presença do espelho na narrativa que Saramago (2010) credita a Borges (1899 – 1986) simboliza esta temática. Ele instiga os personagens a pensarem quem eles são, mas demonstra apenas aquilo que parecem ser, não quem são realmente. “Superfície duas vezes enganadora porque reproduz um espaço profundo e o nega mostrando-o como mera projecção” (p. 55). É o mais enigmático dos objetos, pois mostra você para de você esconder-se, provocando-o: “Você nem sabe quem seja” (p. 129). Exceto o grande espelho da natureza, fiel à medida que sobreavisa para a fugacidade da vida. “Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos/Que a vida passa” (PESSOA, 2007, p. 30). Na sinuosidade das contradições, “Ser ou não-ser” são decompostos sinonimicamente<sup>68</sup>, porquanto “(...) o homem, claro está, é o labirinto de si mesmo” (p. 105). Diante deste enigma esfíngico, tornamos nosso olhar mais introspectivo e galgamos a narrativa do vértice.

## 2.2 AS INTERMITÊNCIAS DA VIDA

Entre as motivações para escrever o *Ensaio* (1995), o autor relata que no dia 6 de setembro de 1991, enquanto almoçava num restaurante em Lisboa, surgiu a provisória ideia do título: Estudo sobre a

---

<sup>68</sup> “Hoje, homem, vejo meu rosto na água funda do mundo./Mas se rio é só porque fui outrora/A criança que viu com alegria seu rosto no fundo do poço” (PESSOA, 2007a, p. 193).

cegueira (AGUILERA, 2008). No filme *Janela da alma* ele compartilha um questionamento que foi o mote para o desenvolvimento de toda a narrativa: “E se nós fôssemos todos cegos?” ([http://www.youtube.com/watch?v=56Lsyci\\_gwg](http://www.youtube.com/watch?v=56Lsyci_gwg), acesso em 16-01-2013). Essa é uma temática que já o inquietava anteriormente à carreira de escritor. “Como serão as coisas quando não estamos a olhar para elas? Esta pergunta, que cada dia me vem parecendo menos disparatada, fi-la eu muitas vezes em criança” (SARAMAGO, 2009a, p. 52). Não é uma questão cuja resposta seja isenta de controvérsias, por isso desdobramo-la. Como somos quando não olhamos as coisas? Como somos quando as coisas não nos olham? Um filósofo contemporâneo subscrive: “O que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha” (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 29). Em *A bagagem do viajante* Saramago retoca: “Mas eu, que para tantas outras coisas tenho fama e proveito de distraído, que não olho as coisas, antes sou olhado por elas” (SARAMAGO, 1996, p. 71). A relação dialética é evidenciada, pois olhar é a síntese do sujeito com o objeto. O destinatário do olhar contagia o respectivo remetente. No livro de crônicas ele emenda: “Engano teu, as imagens veem com os olhos que as veem” (SARAMAGO, 1996, p. 302). Essas frases acarretam também a ilação de que a visão não é imparcial, ela amolda o objeto.

Progredindo à análise da obra, mencionamos que uma característica que sobressai é a atemporalidade. Os eventos relatados estão intrinsecamente ligados a toda a história humana, sempre tendo em vista o matiz metafórico. “O carácter ucrônico se esbate para, com base na intemporalidade que implica, manifestar com mais evidência a

dimensão alegórica e a exemplaridade narrativa de uma pura ficção alargada à parábola” (SEIXO, 1999, p. 92). Os personagens permanecem referenciados na imanência, em um mundo sem a interferência do divino, posto que Deus seja mencionado, não exerce influência sobre os eventos.

A história inicia através das lentes do primeiro cego. “O disco amarelo iluminou-se” (SARAMAGO, 1995, p. 11<sup>69</sup>). Enquanto o encerramento advém da comovida assistência da mulher do médico. “A cidade ainda ali estava” (p. 310). Perpassamos os acontecimentos que se concentram entre esses dois olhares.

O episódio que inaugura o romance obstrui o transcorrer dos fatos e dá a eles um novo percurso. Essa é uma técnica utilizada em outros livros deste escritor<sup>70</sup>. É um evento que vai de encontro ao ritmo ordinário e repercute nos personagens que se sentem deslocados e o leitor, por sua vez, é compelido a adaptar-se a um inédito estado de coisas. Um homem, ao parar no semáforo com seu carro, cega e não percebe a mudança para a cor verde. E essa circunstância reverbera a nível local, expandindo-se gradualmente. Similar ao conto *A metamorfose* (1997) de Franz Kafka (1883 - 1924), em que o personagem Gregor acorda vulnerabilizado em um inseto. A realidade latente irrompe e se torna indisfarçável. No *Ensaio* ocorre uma situação congênere, distintos porém, os meios de que se servem os ficcionistas. Enquanto em Kafka um personagem se transforma e todos os outros se

---

<sup>69</sup> Todas as citações posteriores dessa narrativa são da mesma edição.

<sup>70</sup> *As Intermitências da morte* (2005) é um exemplo.



chocam com essa mutação, em Saramago todos cegam e apenas uma personagem contrapõe-se.

A epígrafe dessa narrativa é: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” (1997, p. 10), extraída do imaginado *Livro dos Conselhos*. Frases com a partícula condicional “se” e a sua posterior consequência no imperativo. É um conselho cuidadoso, do qual se pode inferir que ter condições e não fazer é omissão. Padre Vieira ao minuciar uma sentença, atribui à partícula “se”, a dúvida<sup>71</sup>. Seguindo este parâmetro, Saramago duvida duas e aconselha duas, sendo que o primeiro conselho torna-se dúvida. Está duvidando de que alguém possa ver. Entretanto, ressaltamos que o ato de duvidar oculta, muitas vezes, o ato de desafiar. Portanto, seguindo este entendimento, ele está além de duvidando, desafiando que se veja e repare.

Mencionamos na introdução que há um matiz ético perpassando toda a obra saramaguiana e nesta narrativa ele está nítido, elucidado por verbos da epígrafe no imperativo. E este é um ponto em comum com o estoicismo, pois a ética é o foco principal dos estoicos da terceira fase. A obra de Sêneca demonstra estar em sintonia com o conteúdo inicial, pois ela sublinha a pertinência de reparar. “Às vezes sabemos as coisas, e não reparamos nelas. Uma advertência não ensina, mas chama atenção, mantém-nos atentos, conserva a memória concentrada, sem permitir que se disperse” (SÊNECA, 2004, p. 486). Além disso, legitima a forma de aconselhar e advertir.

---

<sup>71</sup> A frase é: “Se alguém quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, toma a sua cruz e siga-me” (Mt, 16, 24). Interpreta o pregador: “Duvida uma, supõe outra e aconselha três (...) Duvida se haverá quem o queira seguir” (VIEIRA, 1998, p. 30).

Estas admoestações de que o olhar seja responsável, amplo e generoso constituem a tônica de todo o livro. “É hoje que tenho a responsabilidade, não amanhã, se estiver cega, Responsabilidade de quê, A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam” (SARAMAGO, 1995, p. 241). Quem assim se posiciona é a mulher do médico, a única que não cegou e que por isto demonstra uma conduta exemplar. Este mesmo tema da epígrafe renova-se em *Todos os nomes* (1997). Ao relatar que o Sr. José poderia sofrer uma queda e morrer o narrador disserta: “(...) sendo a vida biologicamente a mesma, quer dizer, o mesmo ser, (...) o mesmo modo aparente de olhar, ver e reparar” (SARAMAGO, 1997, p. 31).

Como a obra de Saramago caracteriza-se pela recorrência de temas, o diálogo com outros livros auxilia no entendimento. Neste caso, o *Ensaio* será melhor assimilado pondo-o ao lado de *A caverna* (2000), onde há uma atualização do mito elaborado por Platão<sup>72</sup>. A ideia de escrevê-lo surgiu a partir da leitura de um *outdoor* “que anunciava a próxima abertura do Centro comercial Colombo” (AGUILERA, 2008, p. 122). A epígrafe que estampa *A caverna* é: “Que estranha cena descreves e que estranhos prisioneiros, São iguais a nós” (PLATÃO apud SARAMAGO, 2000, p. 1). Esse estranhamento revela demasiada familiaridade e identificação. A condição de prisioneiros está tão impregnada que o distanciamento é imprescindível para compreenderem-se como tais<sup>73</sup>. O escritor preconiza que essa ficção tem

---

<sup>72</sup> Encontra-se no livro VII de *A república* (1970).

<sup>73</sup> Nessa obra é contada a história de Cipriano Algor, oleiro, que mora com a filha e o genro que é guarda do centro. Cipriano e Marta recebem a notícia de que os vasos que fabricam não serão mais comercializados e os que restam

muito da vida real. “(...) talvez não estejamos a reparar nisso, mas a verdade é que desde Platão nós nunca vivemos na caverna dele como agora” (SARAMAGO, 2002, p. 51). Ele deflagra situações na sociedade hodierna em que os seres humanos embasbacados assistem a simulacros. “Estamos a ver imagens, e não a realidade” (SARAMAGO, 2002, p. 51). Teresa Cerdeira da Silva evidencia a sintonia que há entre os dois títulos: “Esses homens, cegos que se ignoram, são de outro modo, como aqueles prisioneiros da caverna que não suspeitam que vivem na sombra” (SILVA, 2007, p. 363). Contudo, na cegueira há um matiz que sobressai, ver é um ato deliberado, pois “o pior cego foi aquele que não quis ver” (SARAMAGO, 1995, p. 283).

É detalhado o estado de cegueira que correspondia a uma “brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis” (p. 16). Ou seja, os personagens viam algo que se sobrepunha à realidade existente. A alegoria começa a desvelar-se, é uma cegueira que vê. Para os cegos “a cegueira não era viver banalmente rodeado de trevas, mas no interior de uma glória luminosa” (p. 94). O timbre metafórico se tonifica, pois a mulher do

---

devem ser recolhidos. Sr. Algor e seu genro Marçal defrontam-se, pois este ambiciona a promoção a guarda-residente pelo mesmo centro que menospreza o trabalho do sogro. Cipriano e sua filha se dispõem, como alternativa, a fabricar bonecos. O comprador assente desde que se façam alguns ajustes a seu bel-prazer. Nesta narrativa, o centro figura como um todo-poderoso que molda as pessoas. Porém Cipriano arditamente transgride as normas impostas e vai até a caverna, oportunidade em que se vê nos prisioneiros ali mumificados. Essa descoberta o faz decidir retornar ao lugarejo em que antes residia e reatar os laços amorosos com a Isaura Estudiosa.

médico teria acendido duas velas para ela: “Os outros não precisavam, já tinham uma luz dentro das cabeças, tão forte que os cegara” (p. 240). Inclusive no decorrer da narrativa enfatizam-se diferenças entre esta epidemia e a outra cegueira da qual os “cegos antigos” são acometidos.

O romance apresenta o antagonismo – ser x dever-ser - que caracteriza a ética, sendo que o ser precário e deletério está presente em maior escala. Inclusive a narrativa explicita os aconselhamentos ao afirmar que as palavras da mulher do médico, que representa o dever-ser, são transformadas pelos seus convivas em: “(...) máxima, em sentença, em doutrina, em regra de vida” (p. 119). O médico, por sua vez, condensa em uma frase o dilema ético ao confessar que sua postura anterior à cegueira não era altruísta. “Se eu voltar a ter olhos, olharei verdadeiramente os olhos dos outros, como se estivesse a ver-lhes a alma”, (p. 262). É uma assertiva que também encontra respaldo nas diretrizes éticas de Sêneca: “O que interessa não é o que vemos, mas o modo como vemos” (SÊNECA, 2004, p. 279). Enfim, ambos apreçoam ser crucial a consequência que esse ato desencadeia. O médico, questionado por quanto tempo ficariam internados, respondeu que enquanto eles permanecerem “sem poder ver(...)” (p. 70). Ou seja, a solução para transformar o cenário kafkiano passa pela visão.

Além deste viés ético que tanto o estoicismo, como a obra de Saramago contêm, coincide também o recurso metafórico da cegueira utilizado pelos filósofos e pelo romancista.

Já registramos, no primeiro capítulo, que a metáfora da cegueira é empregada pelos estoicos. De outro lado, o mote da narrativa é este: “Estou convencida de que toda a gente está cega, pelo menos

comportavam-se como tal as pessoas que vi até agora” (p. 244). Além do que já foi exposto, reforçamos o que Sêneca apregoa. “Todos os espíritos que alguma vez brilharam consentirão neste único ponto: jamais se cansarão de se espantar com a cegueira das mentes humanas” (SÊNeca, 1993, p. 28). Epicteto endossa:

Este homem está no erro, que se desvia a propósito das coisas mais importantes, que se tornou cego por ter perdido não a visão que permite distinguir o branco e o preto, mas o juízo que permite distinguir os bens e os males,(...) (EPICTETO, apud DUHOT, 2006, p. 159).

As afirmações dos estoicos quanto à cegueira vêm agregar força ao sentido metafórico da narrativa, pois o pórtico romano não emprega este termo literalmente, salvo exceções.

E o modo como ocorreu a epidemia também é similar a um fragmento do pórtico romano. Os casos detectados são todos de “cegueira súbita” (p. 42). O ladrão do carro cega após descer do bem recém subtraído, por estar com medo de cegar, o médico enquanto estuda o caso do primeiro cego. A prostituta deixa de ver durante o ápice da relação sexual. “Agora, agora, e quando recuperou a consciência disse, exausta e feliz, Ainda vejo tudo branco” (p. 33). O velho da venda preta cegou ao olhar para o olho cego. A mulher do primeiro cego perde a visão ao enxugar as lágrimas. A empregada do consultório cega ao entrar no elevador. O ajudante de farmácia, ao ouvir a notícia de que muitos cegaram, imagina-se cego, fecha os olhos e cego estava<sup>74</sup>.

---

<sup>74</sup> Montaigne registra um acontecimento semelhante: “Conta Plínio de alguém que sonhou que era cego e acordou cego sem jamais ter estado doente” (MONTAIGNE, 1962, p. 376, V II).

Há uma similaridade com um relato de Sêneca (2004) sobre a sua primeira mulher. Revela a Lucílio que Harpaste permaneceu em sua casa por ter assumido o encargo de sua tutela: “Ora a boba perdeu subitamente a vista. Podes não acreditar, mas a verdade é que a infeliz não percebe que está cega” (SÊNECA, 2004, p. 170). Nesse excerto está a origem do livro *Ensaio sobre a cegueira*: ter perdido a visão abruptamente e ademais não percebê-la. Sêneca prossegue: “De vez em quando pede ao escravo que a trata que a leve para outra sala, porque a casa está toda às escuras!” (SÊNECA, 2004, p. 170) Consoante Perrone-Moisés: “As personagens desse livro cegam porque denegam a própria cegueira” (PERRONE-MOISÉS, 1999, p. 106). Claramente, Harpaste negava a sua cegueira. Logo, atribuímos a ela o título de personagem inspiradora do *Ensaio* (1995). Ela representa o comportamento peculiar de todos os personagens, com exceção da mulher do médico<sup>75</sup>.

Apresentamos uma terceira consonância entre o *Ensaio* e o pórtico. Uma das situações contra a qual o romancista se indispõe é sobre o modo débil de viver. As descrições da narrativa são de que os cegos corriam “como loucos” (p. 115) e que não viam “onde põem os pés” (p. 86). O jeito precário de se deslocar também ecoa: “(...) aos tropeções, agarrados em cachos ou disparados um a um” (p. 73). E o filósofo descrevera cenas idênticas: “(...) andamos aos tropeções, não

---

<sup>75</sup> Sobre este livro, sublinhamos um artigo de Courteau (1999) intitulado “Ensaio sobre a cegueira: José Saramago ou Padre Antônio Vieira” em que se menciona a intertextualidade desse romance com o Sermão da Sexagésima, de 1655. Nesta prédica o sacerdote alude à cegueira metafórica e clama a Deus para que ao menos um cego seja iluminado, trecho equiparado à mulher do médico.

queremos quem nos guie (...)” (SÊNECA, 2004, p. 170). Em outra passagem: “(...) passamos toda a vida a correr, a tropeçar às cegas, e nem por isso somos capazes de parar ou de tomar atenção onde pomos os pés. Estás a imaginar como é coisa de loucos andar a correr no escuro!” (SÊNECA, 2004, p. 611, grifo nosso). Para ratificar esses comportamentos atávicos, Sêneca e Saramago equiparam as pessoas a animais: “Não se orientavam, caminhavam rente aos prédios com os braços estendidos para a frente, continuamente esbarravam uns nos outros como as formigas que vão no carreiro” (p. 218). A mesma analogia é feita pelo filósofo:

Eles vagam assim ao acaso, mendigando ocupações; e que fazem? Não o que resolveram fazer, mas o que a sorte dos encontros lhes oferecer. Suas saídas absurdas e inúteis lembram as idas e vindas das formigas ao longo das árvores, quando elas sobem até o alto do tronco e tornam a descer até embaixo, para nada (SÊNECA, 1980, p. 209).

Mais uma comparação dos cegos com a *tropa negra*<sup>76</sup>: “Toparam-se a meio caminho, os dedos com os dedos, como duas formigas (...)” (p. 120). Este paralelo será reforçado no próximo capítulo em que se registra uma crítica à razão.

Quanto ao tema do autoconhecimento, nesse livro ele se acentua firmado pelas motivações e propósitos do prêmio Nobel: “O que eu quero saber, no fundo, é essa coisa tão simples e que não tem resposta: quem somos?” (SARAMAGO, 2002, p. 44) E a rapariga dos óculos escuros sentencia: “Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos” (SARAMAGO, 1995, p. 262). A mulher do

---

<sup>76</sup> Esta expressão é de autoria de Virgílio apud Duhot (2006).

médico, em sua solidão, filosofa: “Tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos” (SARAMAGO, 1995, p. 64). Semelhante ao Hamlet que enredado em indícios macabros lamuria: “Contente por te ver tão bem. É Horácio – ou já nem sei quem eu sou” (SHAKESPEARE, 2009, p. 24).

O autor faz com que os personagens transitem em um cenário catastrófico, extraindo deles as camadas palpáveis para que se deslinde a essência.

No caso de *Ensaio sobre a cegueira*, tirando essa ideia de toda gente cega, o que há é uma espécie de verificação do que inevitavelmente acontece a partir do momento em que uma pessoa, ou um conjunto, ou a sociedade, ou o mundo se tornam cegos. Então há uma degradação do ser. (...) quer dizer, é sobre tudo, a podridão, a sujeira, o lixo, o homem, o ser humano conduzido à degradação suprema. Não é nada que a gente não conheça (SARAMAGO, 2002, p. 45).

Nesta última frase transparece a intenção de demonstrar que o caos infernal não é tão fictício como precipitadamente poderíamos julgá-lo. “No ensaio não se lacrimam as mágoas íntimas de personagens inventadas, o que ali se está gritando é esta interminável e absurda dor do mundo” (SARAMAGO, 1997a, p. 496). E a dor, tanto física quanto de cunho existencial, deflagra a complexidade do ser humano, suas contradições e paradoxos, evidencia as metamorfoses inevitáveis, e em última instância, inomináveis<sup>77</sup>. “Morreu, e nós já não

---

<sup>77</sup> Tanto que os personagens são identificados por facetas contingenciais, o velho da venda preta, a mulher do primeiro cego, o rapazinho estrábico. Existe uma cega cuja denominação, já citada é *a que não se sabe quem seja*, alcunha que todos os personagens poderiam assumir, pois esse predicativo sedimenta a inelutável evanescência identitária.



somos as mesmas mulheres que daqui saímos, as palavras que elas diriam, já não as podemos dizer nós, e quanto às outras, o inominável existe, é esse seu nome, nada mais” (1995, p. 179). É um excerto em que a morte robustamente se interpõe. Há uma imanente relação entre ela e a cegueira, que será retomada no capítulo sexto. Assomam tantas faces da morte que não seria exagero considerá-la uma personagem, e neste caso outro título apropriado seria ‘As intermitências da vida’. E o inominável representa que não existe o controle do ser humano sobre inúmeros eventos e que sobre a essência o conhecimento que teríamos é diariamente devorado pelos abutres de nossa ignorância<sup>78</sup>.

Os personagens transitam tendo o medo à sua sombra e a interrogação sobre o sentido da vida ronda e debica o cérebro à medida que as circunstâncias agravam-se. É uma obra onde estão retratadas as atribulações e como uma lente que se aproxima e realça a trivialidade cruel do cotidiano. Ao leitor circunspecto, sucederá algo similar ao que ocorreu com o Cipriano Algor e exclamará: Esses cegos somos nós.

Na esteira do tema do autoconhecimento acompanhamos o Sr. José, em busca da ilha desconhecida.

---

<sup>78</sup> Byron sedimenta: “Que sais-je?, esse mote de Montaigne / É uma verdade mais do que curial. / É duvidoso tudo o que se ganhe / Por mais que nos pareça natural, / Certeza não existe, tudo é vão e / Fugaz como é a condição mortal. / Tão pouco nós sabemos desta vida / Que a dúvida da dúvida duvida” (BYRON, 2009, p. 67).

### 2.3 A ILHA

Registramos um trabalho de Silveira (2007) na área de psicologia da Universidade de Aveiro: *Saramago: Eu próprio, o Outro?* Nele as principais narrativas analisadas são *Todos os nomes* (1997), *A caverna* (2000) e *O homem duplicado* (2002). Da mesma forma que Fernando Pessoa é associado a Ricardo Reis em *O ano da morte* (2011), neste trabalho, o acadêmico associa o personagem José ao escritor português. Saramago relatou que a ideia desse livro surgiu a partir de uma pesquisa feita para localizar dados sobre o seu falecido irmão Francisco. Ele foi à Conservatória de Golegã e lá não encontrou o averbamento de óbito e isto fez com que ele buscasse este e outros dados, tais como, a data e a causa da morte (SARAMAGO, 1999).

Não obstante o título, neste romance apenas um personagem é nomeado, o Sr. José, sendo que a pessoa que propulsiona as suas ações é descrita apenas como a mulher desconhecida. E a epígrafe versa sobre esta temática: “Conheces o nome que te deram, não conheces o nome que tens” (SARAMAGO, 1997, p. 9). Essa evidência remete ao onipresente mote do autoconhecimento, pois assegura a ignorância sobre um aspecto que nos diferencia, o nome. Nesta narrativa é ratificado que somos apedeutas nesta matéria socrática, pois se apregoa que sobre a alma “não podemos gabar-nos de saber tudo” (1997, p. 140) e que “nem nós próprios conseguimos saber quem somos” (p. 157). E na esteira de evocar outros títulos do autor, a epígrafe de *As intermitências da morte* (2005) prevê inclusive que esta matéria permanecerá nebulosa.

“Sabemos cada vez menos o que é um ser humano” (SARAMAGO, 2005, p. 8). Sendo assim, o narrador de *Todos os nomes* (1997) alega jocosamente, referindo-se ao giz que: “A única certeza que temos, a de que fomos, somos e seremos pó” (p. 97).

A história tem como protagonista o Sr. José, um auxiliar de escrita da Conservatória, que tem o *hobby* de colecionar recortes de jornais de pessoas famosas. A ideia que “iria transformar a sua vida” (p. 25) foi a de buscar “Todos os nomes” (p. 26) relacionados a um bispo: dos pais, dos padrinhos, do pároco que o batizou. Subvertendo uma norma, ele fez uso da porta de comunicação entre a sua casa e a Conservatória e com o processo do clérigo trouxe involuntariamente o verbete de uma mulher onde constava o averbamento de um casamento e de um divórcio. Dois dias depois ele é tomado pela decisão de pesquisar mais dados sobre ela.

O autor revela que é uma história de amor: “(...), ou melhor, uma história que poderia vir a ser de amor. A ansiedade do Sr. José é uma ansiedade amorosa, embora ele não saiba ao princípio” (SARAMAGO, 2010, p. 300). Em meio a essa pesquisa ele descobre que a mulher desconhecida foi “ao encontro fatal / Do barco escuro no noturno rio” (PESSOA, 2007, p. 33). Mas aderindo à sentença de que: “O que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca” (p. 69) ele prosseguiu em sua missão. Segundo Seixo neste texto “emerge a configuração barroca (...), presente nesse paradoxo da união entre o comum e o excepcional, mas patente também num sonho vão que se

cria” (SEIXO, 1999, p. 134). Porém, não seria correto afirmar que foi uma ação estéril, dado que produziu resultados.

Sr. José, auxiliar de escrita, apresenta similaridades, com outro auxiliar, o de guarda-livros: “Escrevo, triste, no meu quarto quieto, sozinho como sempre tenho sido, sozinho como sempre serei” (PESSOA, 2006, p. 45). O sr. José, por sua vez, também não tem “com quem falar” (1997, p. 65). E para agregar factos à sua autobiografia, ele comprou: “um grosso caderno de folhas pautadas, dos usados pelos estudantes para apontar as matérias de ensino que julgam que vão aprendendo” (p. 56). E Bernardo Soares, por seu turno, imaginava-se personagem de uma narrativa com factos: “Encontro-me descrito (em parte) em vários romances como protagonista de vários enredos” (PESSOA, 2006, p. 134). E a vida deste auxiliar de escrita passa a abrigar “fortíssimas emoções” (p. 47), porquanto nela, até então, inclusive “o bom e o mau haviam sido raridade” (p. 36), sendo que antes não havia nada dele “para fazer” (p. 64). O ineditismo acompanha a sua aventura, pois situações triviais tiveram para ele um valor extraordinário. O “luxo mais que raro” (p. 52), de tomar um táxi, ocorreu pela segunda vez ao se dirigir para o assalto ao colégio. Ele teve, de um certo modo, “a primeira vitória objectiva de sua vida” (p. 56) quando a mulher do rés-do-chão permitiu que ele entrasse na casa dela onde foi buscar informações.

E a busca desta “ilha misteriosa” (p. 48) fez com que ele saísse de si desvelando a própria subjetividade, pois descobriu “capacidades inventivas que nunca imaginara ter” (p. 153). O encontro do verdadeiro

Sr. José é narrado enquanto ele estava no colégio fazendo sua clandestina pesquisa de campo. Olhou-se no espelho e pensou: “Este não pareço eu, pensou, e provavelmente nunca o havia sido tanto” (p. 112). Houve também um crescimento interior: “a ele não tinham feito crescer que se visse, fisicamente, nem as acções, nem as obrigações, nem os créditos” (p. 149). E esse crescimento transformou a sua relação com as outras pessoas. Os colegas “olharam para o Sr. José como se o vissem pela primeira vez” (p. 85). Ele teve “uma conversa rica de sentimentos” (p. 67) com a senhora do rés-do-chão direito e inclusive em um momento ela retribuiu e beijou a mão dele, o que causou “um choque na alma, um estremecimento no coração” (p. 200).

Encerrando este capítulo, abalizamos pontos em comum entre as obras do *corpus* literário selecionado. Além do viés estoico e o tema do autoconhecimento, outra temática onipresente nos três livros é a presença da morte. Na primeira, o título – *O ano da morte* (2011) - já traz este assunto, na segunda, “a morte anda pelas ruas (1995, p. 236) e na terceira também este conteúdo é central pelo fato de que a mulher desconhecida antepôs “à novidade, o abismo” (PESSOA, 2007, p. 17). Outra questão relevante é no que diz respeito às duas primeiras obras apresentadas onde o primeiro protagonista, Ricardo Reis é médico e poeta e no *Ensaio* há um personagem que é médico, tinha “gostos literários e sabia citar a propósito” (1995, p. 29). Acreditamos que esta é apenas uma coincidência e provavelmente não a retomaremos. Esta última similitude parece excluir o livro *Todos os nomes* (1997), no entanto, nele também conjecturamos estar a leitura que Saramago faz de Fernando Pessoa. “Aquele amor que não chega a ser porque não se

realiza nunca” (SARAMAGO, 2008, p. 30). Frase que entendemos demonstrar um aspecto proeminente de *Todos os nomes* (1997). A se confirmar a presença indireta do poeta português e heterônimos também nesta última obra analisada, inferimos que tal poesia não apenas goteja na obra de Saramago, mas caem bâtegas.

Feita esta apresentação global dos romances, temos a incumbência de, com o mesmo fio explorarmos os outros espaços romanescos e analisar mais detidamente se o diálogo com o estoicismo aprofunda-se. Para isto abrimos o terceiro capítulo.

### 3 A PRIMAZIA DA RAZÃO

Com o objetivo de verificar o aprofundamento dos diálogos da obra saramaguiana com o estoicismo, esticamos o fio da sub-seção – A primazia da razão – e tecemos os pontos e contrapontos existentes. Sendo que a análise será por narrativas, mas também por temáticas, nada impedirá que, em alguns momentos, não se recorra a livros diferentes daquele que está em tela, pois ficaria disperso tratar de todos os assuntos em itens diferentes. Neste capítulo, um dos conteúdos do Estoicismo que Saramago rebate é a fórmula de que devemos viver de acordo com a razão. Contraditamos a possibilidade de anacronismo, pois estamos cientes de que o conceito estoico<sup>79</sup> de razão não é idêntico à concepção moderna deste termo. Entretanto, entendemos que há uma intersecção entre os dois, por isto defendemos dois pontos: primeiro, a crítica à razão feita por Saramago é direcionada, em última instância, ao estoicismo; segundo, ela é legítima. Há também intersecções, e em maior escala, entre o conceito de paixão do pórtico e o que temos na contemporaneidade, pois a taxonomia delas prova tal identificação. Já uma disparidade conceitual maior ocorre com a natureza, o preceito de viver de acordo com ela não é idêntico a ter uma vida bucólica, por este motivo Alberto Caeiro<sup>80</sup> não pode ser considerado, sob este prisma, estoico.

---

<sup>79</sup> Apresentado no capítulo primeiro.

<sup>80</sup> O pastor amoroso, guardador de rebanhos, heterônimo de Fernando Pessoa.

### 3.1 A MAIS TERRÍVEL DAS DESGRAÇAS

Sobre a seção correspondente, em *O ano da morte de Ricardo Reis* (2011) são relevantes: situações conflituosas em que o personagem da narrativa subverte a doutrina estoica e as em que ele permanece adepto da mesma, a metáfora do olhar e a cegueira, a crítica à razão e a postura perante as emoções.

Principiamos expondo excertos que comprovam a classificação do protagonista como personagem redonda (FORSTER, 1998), nem sempre aderindo às normas estoicas.

Ao início do romance são reproduzidos versos em que Ricardo Reis homenageia Alberto Caeiro: “Mestre, são plácidas todas as horas que nós perdemos, se no perdê-las, qual numa jarra, nós pomos flores, e seguindo concluía, Da vida iremos tranquilos, tendo nem o remorso de ter vivido” (p. 24). Essa é uma citação fidedigna do heterônimo em que o personagem relê os seus escritos logo após ter chegado a Lisboa. Esta apresentação serve de embasamento para delinear as transformações que ele sofrerá. Justificando-as o narrador sentencia que: “quem acaba uma coisa nunca é o que começou” (p. 54). Neste caso há um hiato de dezesseis anos entre a criação pessoana e os atos do protagonista.

No romance há uma imagem que designa esta metamorfose. Logo após mudar-se do Hotel Bragança a uma casa do Alto de Santa Catarina, Ricardo Reis sente uma profunda solidão, “como um animal submarino pesado de movimentos, uma tartaruga indefesa, sem carapaça” (p. 247). Interpretamos a descrição - sem carapaça - como sinônimo de vulnerabilidade, pois o heterônimo tinha uma proteção resistente, similar ao que Bernardo Soares confidenciou. “O meu



estoicismo é uma necessidade orgânica. Preciso me couraçar contra a vida” (PESSOA, 2006, p. 367). O estoicismo é a carapaça de cuja falta ele sente, tanto que relê uma das odes – estoicas por excelência - e não se reconhece nela: “Foi outro esse desprendido, calmo e resignado homem, por isso mesmo quase deus, porque os deuses é assim que são, resignados, calmos e desprendidos” (p. 247). Uma explicação pela qual Ricardo Reis se sentiu atraído pelo livro policial – *The god of the labyrinth* – é que há similaridades entre o título e a realidade dele. Existem referências a Lisboa como um “labirinto” (2011, p.17; p. 75) e interpretamos um deus no labirinto, como um deus perdido, portanto um “quase deus” (p. 247), como ele se sente. Prosseguimos detectando o viés estoico na narrativa.

O já citado verso da epígrafe – “sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo” (p. 7) - está em sintonia com o estoicismo. É um slogan irretocável dessa doutrina, como se valida nas sentenças abaixo. “Entre nós [estoicos] e eles [epicuristas] existe um ponto comum: o sábio contenta-se consigo próprio” (SÊNECA, 2004, p. 22); “Só o sábio se contenta com o que tem, todos os insensatos sofrem de descontentamento consigo mesmos” (SÊNECA, 2004, p. 28).

Entretanto, o narrador intervém e se opõe a esta percepção: “Ricardo Reis é um espectador do espectáculo do mundo, sábio se isso for sabedoria, alheio e indiferente por educação e atitude” (SARAMAGO, 2011, p. 98). Realçamos que à partícula “se” o “Imperador da língua portuguesa” (PESSOA, 2013, p. 93) atribuiu a dúvida. Ou seja, o narrador está duvidando de que a postura contemplativa seja sábia. Uma hipotética réplica estoica seria de que a

sabedoria e a virtude são inalcançáveis, que o mais importante é exercitar-se na busca. Mas o narrador adiantando-se a esta resposta defende a existência do sábio, porém ressignifica o termo. Há um extrato em que Salazar é denominado como um “sábio ditador” (p. 92). Em um segundo fragmento, ao comentar o resultado das eleições. “Quando mal, nunca pior, dizia o meu avô, O seu avô tinha razão, Ramón, o seu avô era um sábio” (p. 166). Ou seja, de um lado o sábio seria um despótico e de outro, uma figura insípida que não reage às injustiças. Para demonstrar tal postura são mencionadas as mortes no país: “setecentos trinta e quatro eram crianças com menos de cinco anos de idade, quando é assim em cidades capitais, trinta por cento, (...) porém fica-nos a consolação de serem portugueses a maior parte dos anjinhos do céu” (p. 103). É irônico ao concordar com os conselhos estoicos de ver algo de bom na desgraça. Postura sintonizada com o pensamento dos cegos no *Ensaio*. “Mesmo nos males piores é possível achar-se uma porção de bem suficiente para que os levemos, aos ditos males, com paciência” (p. 151). E nesta mesma oportunidade está refutando a recomendação de Epicteto de que devemos ter “paciência e piedade (...) em relação aqueles que cometem o mal” (DUHOT, 2006, p. 160).

No primeiro capítulo notificamos que o principal triunfo do estoicismo é o ser humano igualar-se à divindade, pois neste momento ele será um autêntico sábio. O narrador faz alusão a essas crenças alegando que para os deuses do protagonista “o mal e o bem são menos que palavras, por as não dizerem eles nunca” (p. 64). Mas não os considera em um patamar acima dos humanos: “indo como nós vamos

no rio das coisas, só deles distintos porque lhes chamamos deuses e às vezes acreditamos<sup>81</sup>” (p. 64) e complementa que a única coisa que eles e nós sabemos é “que tudo acaba” (p. 240). Ratifica a desqualificação da divindade em outro excerto: “Sendo os deuses tão inconstantes” (p. 240). Outro questionamento é sobre os adeptos desta doutrina que não são, de forma alguma, de estirpe nobre e estão tão desorientados quanto os demais: “um homem não vai menos perdido por caminhar em linha recta” (p. 99).

O *Ensaio*, por sua vez, retoma este conteúdo, pois nele Deus também não dispõe de qualidades a serem imitadas. Ele que teria o dever maior de olhar, reparar e compadecer-se, do flagelo da humanidade, também foi vítima da lóbrega epidemia. Ao irem, a mulher do médico e seu marido, descansar na igreja ela constata que Jesus Cristo está com os olhos vendados, Nossa Senhora e todas as imagens com vendas brancas. “(...) tapar os olhos às santas imagens, parecia-lhes um atentado sem perdão possível” (p. 304). O autor maldiz o transcendente que estaria apenas assistindo ao cruel espetáculo do mundo<sup>82</sup>. Ao invés do homem tornar-se semelhante à divindade, é a divindade que ironicamente torna-se semelhante ao homem.

Já mencionamos que alguns temas são recorrentes em vários livros de Saramago, sendo assim, expomos, na sequência alguns

---

<sup>81</sup> “Assim talvez os deuses/Para si não o sejam” (PESSOA, 2007, p. 116).

<sup>82</sup> Um poema de Álvaro de Campos está em harmonia com esta passagem de Saramago: “A fúria eterna e irremediável dos combates/Os mortos sempre a mesma misteriosa morte – o corpo no chão (e o que é o mundo, afinal, e aonde?)/Os feridos gemendo do mesmo modo em corpos os mesmos/ E o céu, o eterno céu insensível sobre isso tudo!” (PESSOA, 2007a, p. 143).

assuntos que serão enfocados, de forma mais específica, no *Ensaio* (1995). Um deles é a cegueira, que converge entre a criação de Pessoa e a de Saramago. O protagonista, em uma interlocução com Fernando Pessoa, reconhece-se cego: “Sou um Argos com novecentos e noventa e nove olhos cegos” (p. 370). E o narrador ratifica: “Falta a Ricardo Reis um cãozito de cego, uma bengalinha” (p. 98). Ao caminhar na rua, o protagonista, apesar de haver “grupos que passam (...), gente pobre, alguns mais parecem pedintes” (p. 72), seria capaz de jurar que “não viu ninguém até chegar aqui” (p. 72). O título dessa seção é sobre um sonho em que Ricardo Reis vê Fernando Pessoa ao pé de sua cama, solitário por estar sem óculos. “(...) e isto lhe pareceu, no confuso sonho, a mais terrível das desgraças” (p. 252). No *Ensaio* essa frase é reiterada e a cegueira é também denominada como “terrível desgraça” (1995, p. 15). É feita uma fusão da ode de Ricardo Reis a um adágio popular reiterado no *Ensaio*, focalizando que ver é uma atitude deliberada: “Nós não vemos as parcas acabarem-nos, por isso as esqueçamos como se não houvessem, Como diz o vulgo, não há pior cego que aquele que não quer ver” (p. 371). O comentário sobre os óculos de celuloide no cinema reafirma isto: “Estes óculos são um instrumento poético, para ver certas coisas não bastam olhos naturais” (p. 362). Portanto, a segunda parte do título da tese, *a cegueira de Ricardo Reis*, está demonstrada: “O que eu não quero saber não existe” (SARAMAGO, 2011, p. 414). Esperamos concretizar a tarefa de apresentar *todos os nomes* de tal cegueira.

No mesmo viés de detectar o amálgama dos temas nos títulos listados, a máxima de que aquilo que não vemos é como se não existisse

é reiterada em *Todos os nomes*. “O que não entra na minha realidade não tem existência” (SARAMAGO, 1997, p. 44). No entanto, o narrador contrapõe-se a esta opinião afinando-se à perspectiva do *Ensaio* ao declarar que o fato de ignorar não faz com que as coisas deixem de existir. “Não é por não se falar nas coisas que elas não existem” (2011, p. 187).

E intrínseco ao tema do olhar está a crítica à razão. No início da narrativa diferencia-se a cadela Fox<sup>83</sup>, que come os seus filhotes, dos homens. “Torna-se afinal fácil distinguir as pessoas dos animais” (p. 31). Ao termo do romance a distinção dificulta-se, aludindo à mesma cadela: “Não será por aqui que se distinguirão os animais dos homens” (p. 392). Conjecturamos que essa comparação esteja retratando a pátria que mata seus filhos (CARVALHAL, 1999)<sup>84</sup>. Esta equiparação com animais é reforçada: durante o bodo do século, os pobres aglomerados são afastados pelo guarda “como quem enxota galinhas para a capoeira” (p. 75). Ricardo Reis do Alto de Santa Catarina vê os velhos próximos da estátua de Adamastor “como insectos” (p. 242). Quando ele vai a Fátima, imagina como seria ver do céu a multidão “os formigueiros de gente” (p. 347). Seria passível de alegação que este paralelo com os animais é o que há de mais recorrente na literatura universal e que não

---

<sup>83</sup> Nomeada Ugolina.

<sup>84</sup> Já não é o *Ninguém* em *Frei Luís de Sousa* (1975) onde, Jorge indaga: “Romeiro, Romeiro, quem és tu?” E obtém como resposta: “Ninguém!” (GARRET, 1975, p.99). Eduardo Lourenço diz que essa resposta é da nação portuguesa (LOURENÇO, 1999). Ou o Gonçalo de Eça em *A ilustre casa de Ramires*, onde os personagens começam a falar sobre o Gonçalo e fazem desfilar várias qualidades e defeitos dele: “A desconfiança terrível de si mesmo, que o acovarda, o encolhe, até que um dia se decide e aparece um herói, que tudo arrasa” (QUEIROS, s.d., p. 264). E arrematam que ele se parece com Portugal.

pode ser atribuído a ele a crítica à razão. Concordamos, mas para provar citamos mais dois fragmentos:

“O homem é, de facto, em última verdade, um animal irracional” (p. 258);

“Mundo bizarro, de manicômio” (p. 176).

O manicômio remete à falência, quando menos debilidade da razão, conjuntura que retomaremos ainda neste capítulo. Enfatizando outra face deste mesmo conteúdo, abordamos um dos pontos cruciais que é a postura diante das paixões.

Sêneca escreveu em uma correspondência a Lucílio: “Ita fac, mi Lucili, vindica te tibi: ‘Sim, meu caro Lucílio, reivindica a propriedade de teu ser” (SÊNeca, 2007, p. 7). A propriedade do ser significava viver de acordo com a natureza, isto é, com a razão. “Quando nos será dada a faculdade de dominar todas as paixões, de submetê-las à nossa vontade, de poder enfim dizer esta palavra: ‘venci?’” (SÊNeca, 2004, p. 283) Na visão dos estoicos, como vimos, a felicidade é apatia, impassibilidade (REALE, 1994). É a teoria de que as paixões estão no prisma oposto ao da virtude e que, portanto são munições para o mal. Uma vida sábia e feliz estará imune a passionalidades.

Como já é sabido, Ricardo Reis, criação pessoana é estoico e renega as paixões. Mas nesta narrativa ele trai os preceitos da *stoa*, pois destila fragilidades, relegando a idealizada sabedoria. O heterônimo utiliza-se muito do verbo no imperativo – “Sê inteiro” (PESSOA, 2007, p. 103); “Enlacemos as mãos” (Op. cit, p. 30); “Concentra-te” (Op. cit, p. 87). Enquanto nesta narrativa ele demonstra inseguranças. Ao chegar a Lisboa, hesita diante de questões triviais:

- o que o trouxe aqui?

- aonde vais?

- quanto tempo permanecerás?

O próprio criador, também personagem de Saramago, nota mudanças no comportamento dele e demonstra um desapontamento paterno. “Você, um esteta, íntimo de todas as deusas do Olimpo, a abrir os lençóis da sua cama a uma criada de hotel (...), que grande decepção” (p. 127-8). O mesmo assunto é retomado em outro diálogo: “(...) todos os apaixonados são assim, Não estou apaixonado, Pois muito o lamento, deixe que lhe diga, o D. João ao menos era sincero, volúvel mas sincero, você é como o deserto” (p. 200). Semelhante ao Rodrigo na peça *Otelo* ele se envergonha porque suas emoções antepõem-se à razão. A constância e a serenidade do sábio também não se encontram no protagonista, pois “o deprimem a pequenas contrariedades” (p. 114). Registra-se a “Impaciência do tom” (p. 127) ao ser visitado por Fernando Pessoa. Houve uma ocasião em que seu sexo ficou idêntico à mão esquerda da Marcenda, suas mãos esforçavam-se “com violência, ou raiva, ou desespero” (p. 319) e respondeu à camareira com “uma voz que de súbito se tornara estridente” (p. 319). Ao presenciar os aplausos no teatro “irritado, cerrou os punhos” (p. 117) e foi à polícia “de alma inquieta” (p. 206).

Explicitamos mais duas flagrantes diferenciações em relação à postura estoica diante de fenômenos da natureza. A primeira é a que

Nietzsche havia ironizado: “(...) se uma boa nuvem de chuva se derrama sobre ele [o estoico], ele se envolve em seu manto e parte a passos lentos, debaixo dela” (NIETZSCHE, 1978, p. 52). Enquanto o protagonista fica: “(...) trémulo porque uma simples nuvem passou” (p. 98). E também Epicteto depõe que para ele: “Não existe ladrão nem terremoto, tudo está repleto e paz e serenidade” (EPICTETO apud DUHOT, 2006, p. 131). Mas para Ricardo Reis “a cama estremece, os móveis oscilam, rangem o soalho e o tecto (...), é a terra que ruge nas profundezas” (p. 395). O estoico heterônimo se manteria impassível se fosse atingido por uma nuvem e nem tomaria conhecimento do abalo sísmico, mas o personagem molhou-se com a ameaça de chuva e terrificou-se<sup>85</sup>.

Por seu turno, no romance sobressai a característica estoica de reprimir as emoções. Há uma emoção moderada e contida, sendo mais a descrição de um choro sendo represado e menos a expressão dele.

“os dois velhos, o magro e o gordo, enxugam a lágrima furtiva” (p. 358-9).

“(...) e Lídia, que descansava a cabeça no ombro de Ricardo Reis, deixou cair uma lágrima, sentiu-a ele” (p. 221).

“Pareceu a Ricardo Reis que duas lágrimas lhe [Fernando Pessoa] assomavam entre as pálpebras” (p. 310).

“Colocou uma das mãos sobre a mão de Lídia, fechou os olhos, se não for mais que estas **duas lágrimas** poderei retê-las” (p. 184, grifo nosso).

---

<sup>85</sup> Uma alegação plausível é que na narrativa utiliza-se os fenômenos da natureza de forma metafórica, a este argumento retrucamos que Nietzsche e Epicteto também o utilizam não de forma literal.



Este último fragmento refere-se a Ricardo Reis. E é notável a semelhança da postura dele com o oftalmologista ao descobrir-se cego, que também chorou de forma contida: “consentiu que **duas lágrimas** (...) lhe inundassem os olhos” (1995, p. 38, grifo nosso).

Como estamos demarcando algumas semelhanças e diferenças entre as obras e os personagens, percebemos mais uma aproximação do clínico geral com o oftalmologista. Há uma cena em que ambos almejam uma definição mais precisa de suas identidades. Em *O ano da morte* Ricardo Reis objetiva: “poder levar às mãos à cara e reconhecer-se, pôr uma mão sobre a outra e apertá-las. Sou eu este aqui” (2011, p. 94). Enquanto no *Ensaio* o oftalmologista manifesta a mesma aspiração: “estar diante de um espelho, olhar uma mancha escura difusa e poder dizer, Ali está a minha cara” (1995, p. 75). Dadas estas similaridades entre os dois, aventamos a hipótese de que tenha ocorrido mais uma repetição de personagens entre as diferentes narrativas. O fato de um ser clínico geral e do outro ser oftalmologista não é empecilho, afinal do clínico já chamava atenção esta especialidade, pois ele nota duas vezes a placa: “Clínica de enfermedades de los ojos y Quirúrgicas” (2011, p. 65; p. 458). Mas não nos apressaremos em chegar a conclusões, deixamos esta hipótese em suspenso.

Aprofundando o tema das paixões, vimos que o desejo está entre as quatro principais paixões, portanto não é próprio de um sábio cultivá-lo, ou melhor, deve-se ter “desejos conforme à razão” (EPICTETO apud DUHOT, 2006, p. 153). Marcenda, a do braço paralítico apresenta uma visão de conformidade de quem sequer “sabe o que quer” (p. 297) e um ceticismo quanto a esta emoção: “também de

que me serviria desejar mais” (p. 297). Mas Ricardo Reis, conquanto tenha a estoica intenção de “erguer [o ser] alto acima de onde os homens têm prazer ou dores” (p. 59), depara-se com a contradição de: “Querer pelo desejo o que sabe não poder querer pela vontade” (p. 88). É uma clássica situação em que o conflito se acentua, a emoção-desejo sobrepondo-se à vontade-razão.

E o verso “Aos deuses peço só que me concedam o nada lhes pedir” (p. 51) não é observado, pois há um momento em que deseja ser outro, tem um arroubo do sobrenatural sob a roupagem do simples, pois quer ser o menino que viu numa estação, mas imagina-se como aquele que rouba “as frutas dos pomares” (p. 351), chapinha nas poças d’água e levanta as saias das raparigas, numa referência ao poema do mestre Caeiro. E a refutação do princípio estoico está bem explicitada no próximo fragmento: “O dia está de se lhe cantar aleluias, que são os evoés de quem não é grego, os canteiros estão cobertos de flores, tudo mais do que suficiente para sentir-se um homem feliz se não alimentar na alma insaciáveis ambições” (p. 359). Esse é um eco de uma diretriz estoica, à qual o protagonista adere: “Verifica que nada ambiciona (...) e no entanto não dá por que esteja dentro de si a felicidade, antes o surdo roer de um insecto que mastiga sem parar” (p. 359). Portanto, não alcança a prometida ventura. Esta frustração explicita-se quando o narrador apresenta o protagonista como alguém que “tem o olhar triste, não deve ser pessoa feliz” (p. 94). E também faz menção indireta aos estoicos concordando com Nietzsche e La Fontaine que trouxeram à tona contradições: “(...) a felicidade de que falam a toda hora os infelizes” (p. 329). Refuta a máxima de que devemos viver de acordo

com a natureza ao asseverar que: “não há que fiar na natureza humana” (p. 415) e que “as coisas não têm uma ordem natural” (p. 315)

A contestação mais direta à minimização dos desejos ocorre ao pontificar que: “tanto vale o que fomos como o que desejaríamos ter sido, assim o tivéssemos nós ousado quando fomos chamados a contas, sabê-lo já é metade do caminho<sup>86</sup>” (p. 216). Desejar é, em alguma medida, alcançar, ou até mesmo, desejar é condição para alcançar. Opinião que está mais de acordo com Alberto Caeiro: “Porque eu sou do tamanho do que vejo/E não do tamanho da minha altura” (PESSOA, 2011, p. 49). Mencionamos na introdução que as obras transparecem a visão de mundo do autor e sobre este tema ele deu uma conferência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. “Cada um de nós tem três metros de altura, mas que, ou não sabemos, ou não nos apercebemos, ou simplesmente não acreditamos” (SARAMAGO, 1999e, p. 40). Está certificada a contestação aos estoicos quanto ao desejo, que o autor reconfigura como benéfico. Ao lado do desejo está a esperança, dado que ambos extrapolam a realidade e versam sobre o futuro. Ela também é defendida como útil.

Ricardo Reis aconselhando a Marcenda sobre a cura de seu braço: “A esperança, só a esperança, nada mais, chega-se a um ponto em que não há mais nada senão ela, é então que descobrimos que temos tudo” (2011, p. 142). Em o *Ensaio*, a rapariga dos óculos escuros persiste e profere: “Enquanto eu puder, mantereirei a esperança” (1995, p. 290). Ainda no *Ensaio* ela é vista como salvação: “Pois eu digo-te que

---

<sup>86</sup> Esse fragmento está transmutando o verso: “Contenta-te com seres quem não podes/ Deixar de ser” (PESSOA, 2007, p. 66).

se não fossem essas [esperanças] já eu teria desistido da vida” (1995, p. 290). E para fortalecer a apologia ao desejo e à esperança é preconizado que viver sem eles, constitui-se uma forma de cegueira: “A cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança” (p. 204). Portanto o sustentáculo do que somos está naquilo não somos, o não-ser, e só o não-ser é que ampara o ser.

Passamos ao enfoque que o *Ensaio sobre a cegueira* (1995) dá a estes conteúdos.

### 3.2 A RAZÃO ESTÁ CEGA

Além dos conteúdos que estão em germe em *O ano da morte*, como a crítica à razão e a ponderação quanto às paixões, abordaremos os pontos que versam sobre o cosmopolitismo e sobre o instinto de preservação.

Vimos, no segundo capítulo, que Sêneca e Saramago concordam que a humanidade está cega. Mas eles divergem quanto à causa e quanto ao remédio que seria apropriado. A tônica de que viver de acordo com a razão leva à virtude é rebatida por Saramago. No discurso, por ocasião da condecoração com o Nobel o autor revela. “O aprendiz pensou: ‘Estamos cegos’, (...) usamos perversamente a razão quando humilhamos a vida, que a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos de nosso mundo, (...)” (SARAMAGO, apud FERRAZ, 2012, p. 28). Silva sustenta que o *Ensaio sobre a cegueira*:

convida a repensar as estratégias anestésicas que conduzem os homens a aceitar passivamente o inaceitável num século de horrores

conscientemente arquitetados e teoricamente justificados, a conviver pacificamente com números que identificam tragédias, não de centenas, mas de milhões que perdem, paradoxalmente, a sua força pela enormidade e abstração do conceito (SILVA, 1999, p. 116).

Nos *Cadernos de Lanzarote II* o autor faz menção ao *Ensaio sobre a cegueira*. “Tentei dizer que a nossa razão está a comportar-se como uma razão cega que não sabe aonde vai nem quer sabê-lo” (SARAMAGO, 1999b, p. 233 – 234). Em outro discurso, o autor exemplificou de que modo esta irracionalidade manifesta-se. “A mesma esquizofrênica humanidade capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição de suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome” (SARAMAGO, <http://www.jornaldepoesia.jor.br/1saramago6.html>, acesso em 23-08-2012).

Ratificamos o aspecto que *O ano da morte* já havia apresentado: a crítica à razão utilizando-se do recurso de compararmo-nos aos animais. Existe a constatação, em várias passagens, além do já citado paralelo com as formigas, de que os cegos se comportam irracionalmente.

“Nós aqui somos outra raça de cães” (p. 64).

“Os cegos relincharam, deram patadas no chão” (p. 176).

“Os homens a ir de umas para outras, resfolegando como porcos” (p. 184).

“A natureza animal é mesmo assim” (p. 208).

A mulher do médico adverte: “Se não lhes acudirmos, não tardarão a transformar-se em animais, pior ainda, animais cegos” (p.

134). E há descrições em que ocorre uma mescla das duas naturezas – a humana e a animal - onde o bestial se sobrepõe:

“Gritos, relinchos e risadas” (p. 175).

“Torciam-se de risos, davam patadas” (p. 173).

O exemplo do cão das lágrimas que se juntou ao grupo da mulher do médico faz sobrevir a ideia de que a irracionalidade do ser humano é a maior de todas. Ele tomou para si a simbólica tarefa de secar as lágrimas da líder da turma que se preocupava com o sofrimento das pessoas e ele procurava aliviar o sofrimento dela. “O mal desse cão foi ter-se chegado tanto aos humanos, vai acabar por sofrer como eles” (p. 295). Ele serve de contrapartida e exemplo aos cegos, pois vivia “noutra esfera de emoções” (p. 256). Para deixarmos bem claro o contraponto, recorremos a Shakespeare: as pessoas, por sua vez, imitaram o comportamento do cão Crab da peça *Os Dois Cavalheiros de Verona*<sup>87</sup>. A 3 de maio de 1993, em *Cadernos de Lanzarote*, quando o *Ensaio* estava sendo elaborado, o escritor confirma esta percepção: “Ou a razão, no homem, não faz senão dormir e engendrar monstros, ou o homem, sendo indubitavelmente um animal entre os animais, é, também indubitavelmente, o mais irracional de todos eles” (1997a, p. 27).

---

<sup>87</sup> A meu ver, este meu cachorro Crab é o cachorro mais insensível do mundo: minha mãe chorava, meu pai gemia, minha irmã gritava, a empregada urrava, o gato esfregava as patas, e toda a casa em perplexidade, sem que este animal de coração endurecido derramasse uma lágrima. É uma pedra, um verdadeiro seixo, sem mais piedade do que um cão. Um judeu teria chorado, se visse a nossa despedida. Sim, minha avó, ora vede, que não tem olhos, chorou de ficar cega, quando nos despedimos (SHAKESPEARE, s.d., p. 35).

O ministro, pensando em evitar o prejuízo político, decide isolar os cegos do convívio social e os interna num manicômio que estava obsoleto. O manicômio é um lugar de pessoas cuja enfermidade da razão torna-as inaptas para conviver civilizadamente. Existem pistas suficientes para inferirmos que o romance denomina o mundo como um grande manicômio. A mulher do médico comenta ao presenciar a discussão de dois cegos:

“O mundo está todo aqui dentro” (p. 102).

“Não há diferença entre o fora e o dentro, entre o cá e o lá, entre os poucos e os muitos, entre o que vivemos e o que teremos de viver” (p. 233).

Depois do incêndio, é narrado que: “Os loucos saem” (p. 210).

Após a quarentena, o velho da venda preta proferiu: “É como se continuássemos no manicômio<sup>88</sup>” (p. 217).

O manicômio representa metonimicamente a sociedade, a crise da razão, ideia que já foi apresentada em *O ano da morte*.

O encontro do paciente com o oftalmologista, na quarentena, deflagra um paradoxo, pois o conhecimento do segundo não o tornou imune ao contágio. Ocorre o efeito bumerangue, a comunidade científica estuda os casos, mas surpreendentemente, durante seminários e congressos a epidemia alastra-se. Os agentes são vilões e vítimas ao mesmo tempo, “culpados e inocentes” (p. 101). Um jornalista de televisão faz uma analogia precisa: “(...) uma flecha lançada para o alto, a qual, ao atingir o acúmen da ascensão, se detém um momento, como

---

<sup>88</sup> Estabelecemos outra ponte com Álvaro de Campos: “Que manicômio o sentido da vida” (PESSOA, 2007a, p. 293).

suspensa, e logo começa a descrever a obrigatória curva descendente” (p. 123). Os equívocos da razão são ratificados pela assertiva que se refere ao velho da venda preta ao se perguntar quem o teria auxiliado no banho, pela via racional concluiria que foi a mulher do médico, porém ele duvidou acertadamente, fora a rapariga de óculos escuros. Ao corroborar a limitação cognitiva, o autor constata que o pedestal em que a razão foi posta, é frágil e movediço, tanto eleva a visão como a submerge. “(...) a vida que vivemos não se rege pela racionalidade, (...) estamos usando a razão contra a razão, contra a própria vida” (SARAMAGO, 1999b, p. 233). Chegamos assim ao ponto nevrálgico.

A ponderação de que Saramago e os estoicos concordam no diagnóstico, todavia no que diz respeito à causa divergem, impele ao mencionado debate. A ausência de virtude, portanto o mal para os estoicos ocorre pelo fato de que a razão é obsedada pelas paixões e emoções. “Tratava-se, com efeito, de explicar o importantíssimo fenômeno da vida moral, pela qual a razão é obnubilada, **cegada** e até mesmo arrastada por motivos irracionais presentes dentro de nós” (REALE, 1994, p. 357, grifo nosso). Saramago concorda que existe o mal, a ausência de virtude, mas para ele não é por causa das emoções que obnubilam a razão, mas esta que é cega por si mesma. Evocamos o episódio citado no primeiro capítulo em que Iago argumenta com Rodrigo, que a razão deve ter a soberania sobre as emoções. Saramago demonstra que as obras da razão, as de Iago como um exemplo da ficção que pode ser transposto à realidade, são nefastas. E a contestação de que as emoções são doenças do espírito está na narrativa. “Todos temos os nossos momentos de fraqueza, ainda o que nos vale é sermos



capazes de chorar, o choro muitas vezes é uma salvação, há ocasiões que morreríamos se não chorássemos<sup>89</sup>” (p. 101). Como o personagem Péricles afirma na peça homônima: “Já sofri demais, sendo forçoso que procure nas lágrimas alívio” (SHAKESPEARE, s.d., p. 260). As emoções, para os estoicos, são causa de loucura e morte, na narrativa elas se tornam a salvação. As atitudes da mulher do médico são exemplares, pois foi a única que passou incólume pela epidemia, e antes de serem recolhidos, ela organizou a casa: “com aquelas mãos a tremer e os olhos afogados de lágrimas” (p. 257).

“A mulher do médico tem nervos de aço, e afinal a mulher do médico está desfeita em lágrimas por obra de um pronome pessoal, de um advérbio, de um verbo, de um adjetivo” (p. 267).

Quando ela viu vários mortos no supermercado: “O choro tornou-se convulsão” (p. 298).

“Olhou-os com os olhos rasos de lágrimas, ali estavam, dependiam dela como as crianças dependem da mãe” (p. 218).

Ela era o coração deles, é a que mais se emociona no decorrer da narrativa. “A mulher do médico suspirou, levou a mão aos olhos, (...) sabia que eram só lágrimas (p. 154). Esta personagem se comove tanto que, no final da narrativa, é identificada como “a mulher que chorou” (p. 295). Portanto, a obra contrapõe-se vivamente à norma de petrificar-

---

<sup>89</sup> Semelhante ao que defende Montaigne: “Prefiro dar liberdade às minhas paixões a abafá-las em meu detrimento. Em lhes permitindo que se expandam perdem elas sua força e é melhor que atuem exteriormente do que contra nós” (MONTAIGNE, p. 397, v II).

se erradicando as emoções. Ela apregoa que só quando formos capazes de nos emocionar seremos mais humanos.

Como o estoicismo é poliédrico e a narrativa também é multifacetada, aclaramos sob que referência se está analisando. E, conquanto seja possível garimpar exceções, sob o ponto de vista da relação com as paixões concluímos que os cegos agem de forma estoica, eles aderem ao preceito de extirpar as emoções, pois “não faziam gestos, (...) quase não moviam o corpo” (p. 101). Uma das exceções que se alegariam é que eles também choraram, principalmente quando se descobriam invisuais. Mas a emoção deles é peculiar: “Como provavelmente só os cegos podem chorar” (p. 121). O contraponto é a protagonista que abarcava-os. “Também a mulher do médico, mas essa chorava olhando-os, chorava por todos eles” (p. 243).

Após a quarentena, no diálogo com o escritor, a mulher do médico defende que “temos sentimentos a menos” (p. 277). Existe uma clara conexão entre a cegueira e o represamento das emoções e dos sentimentos. Quem fala novamente é a protagonista: “(...) porque os sentimentos com que temos vivido e que nos fizeram viver como éramos, foi de termos olhos que nasceram, sem olhos os sentimentos vão tornar-se diferentes (p. 241- 242). E se ressalta a importância deles: “A força dos sentimentos, como em momentos de exaltação sucede sempre, tinha ocupado o lugar da fome” (p. 309). O ditado popular “Olhos que não veem, coração que não sente” (p. 250) ratifica que a cegueira é a causa da falta dos sentimentos.

Perpassando a taxonomia das emoções, Sêneca dedicou um livro à ira, que é uma das paixões derivada do desejo. O sábio jamais

deve ser dominado por ela. E a mulher do médico não adere a essa prescrição: “(...) dando voz à cólera que sentiu subir dentro de si” (p. 191). Para matar um dos cegos ela o fez “furiamente” (p. 185). Em meio ao tumulto, desferiu outros golpes: “Provavelmente este não vai sobreviver, pensou quando cravou a tesoura num peito” (p. 187). Em seguida a toda a balbúrdia ela questiona-se quando é necessário tomar uma atitude drástica e conclui: “Quando já está morto o que ainda é vivo” (p.189). E defende suas ações pensando que se fosse necessário “tornaria a matar” (p. 189). Sêneca definiu a ira como ‘loucura breve’, mas é uma opinião denegada, pelo fato de a personagem defendê-la e demonstrar lucidez nas ponderações.

O filósofo latino também apregoa que a vingança não é própria do sábio, que é contra a natureza<sup>90</sup>. Mas um excerto do romance retruca este parecer: “(...) e a vingança, sendo justa, é coisa humana, se a vítima não tiver um direito sobre o carrasco, então não haverá justiça” (p. 245). Notamos assim aprofundada a interlocução com os estoicos, pois é repudiada a condenação da ira e da vingança.

Saramago advoga em favor das paixões, conforme manifestado desde a epígrafe da tese, porém esta defesa não é absoluta, dado que a narrativa pondera de que nem sempre e em qualquer medida elas são benéficas. Como há uma duplicidade em relação à razão, de que dela pode decorrer a serenidade ou a insensibilidade, Saramago apresenta outra duplicidade em relação às paixões.

---

<sup>90</sup> Transcrevemos este fragmento citado no capítulo primeiro: “O homem não é, pois, ávido de vingança por natureza, e, por conseguinte, se a ira é ávida de vingança, deduz-se que não está conforme à natureza do homem” (SÊNECA, 1952, p. 404, tradução nossa).

A ambivalência fica bem evidente em relação ao medo, uma das principais emoções, segundo os estoicos. Consta-se que “o medo deu energia” (p. 203), no entanto também se afirma que ele “nem sempre é bom conselheiro” (p. 190). É um aspecto em que se demonstra a sintonia com os estoicos, pois a sentença é de que “o medo cega (...), o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos” (p. 131). Há um momento em que algumas atrocidades são explicadas por ele: “(...) esses [os soldados] poderão alegar a maior de todas as desculpas, o medo” (p. 101). No estoicismo, na interpretação de Duhot, todos podem ser livres, a única escravidão é “aquilo que nos atemoriza”<sup>91</sup> (2006, p. 65).

Ainda sobre este tema e demonstrando a postura moderada com as emoções, lembramos o episódio do médico que vai deitar-se com a rapariga de óculos escuros, mas é observado pela única que via. Ele quis explicar, mas ela adiantou-se: “Se não disseres nada, compreenderei melhor” (p. 172). Ela ainda diz para seu marido: “Deixa-te ficar mais um pouco, se queres” (p. 172). Dias depois, recordando o ocorrido a mulher do médico revela: “O que senti foi pena dela e de ti, e também de mim porque não vos podia valer” (p. 294). É um momento em que ela bloqueou a emoção, tanto que afirma: “Há ocasiões em que as palavras não servem de nada, quem me dera a mim poder também chorar” (p. 172). Se foi ela a personagem que mais chorou em toda narrativa, por que este lamento? Porque há momentos em que se deve agir com a razão. Houve uma circunstância em que a razão salvou a

---

<sup>91</sup> Existem autores que apregoam que esta corrente filosófica não preconizava a completa erradicação das paixões, entre eles Lévy, citado no capítulo primeiro, ressaltando haver uma forma boa de apatia, “que se caracteriza pela ausência de paixões excessivas” (LÉVY, 2002, p. 124-5).

vida dos cegos: “(...) a razão interpôs-se e avisou-os de que o perigo estava ali” (p. 90). Em *O ano da morte* há uma ambivalência similar. Ricardo Reis diz para Lúcia que “lágrimas não adiantam” (p. 454), mas ao ouvir notícias do Daniel, “turbam-se-lhe os olhos de lágrimas” (p. 455). De um lado a voz do narrador aprova as emoções: “nervosos, excitados, quebra-se a monotonia da existência” (p. 231). E de outro a mesma voz recrimina, quando Lúcia chora de saudades antecipadas de Ricardo Reis: “exagero seu, seu apaixonamento” (p. 229). O alerta é que as emoções, que são remédios, “tanto podem salvar como matar” (p. 214). Retomando, Saramago denuncia que a razão mata, que a emoção é um remédio, mas acima disto interpretamos pelas narrativas que ambas são necessárias. Uma analogia prosaica seria de que razão e emoção correspondem às duas mãos de um corpo, para uma vida equilibrada não se pode prescindir de nenhuma delas.

Passamos ao segundo ponto que é sobre o cosmopolitismo. A concepção estoica do universo apregoa que tudo está ligado a tudo. Esta visão manifesta-se na declaração do imperador Marco Aurélio de que sua pátria é o mundo, que, portanto, a humanidade é um corpo. “Eles, em razão da natureza racional do ser humano, consideram todos os homens iguais, porque participam da ordem divina do mundo” (ULLMANN, 1996, p. 64). Esse é um dos pontos em que se evidencia uma reminiscência estoica, pois há convergência entre estoicismo e Saramago. Nesse sentido inserimos declarações de *O ano da morte*. Arrazoando sobre a civilidade de ajudarem-se mutuamente: “Sendo os homens irmãos uns dos outros” (2011, p. 254). Mais duas asserções opõem-se aos ufanismos:

“Se sentia cansado de nacionalismos tão hiperbólico” (2011, p. 150).  
 “É sabido que as exaltações nacionalistas encegureiram facilmente a inteligência, atire a primeira pedra quem nunca caiu nestas tentações” (2011, p. 334).

A comparação da sociedade com um corpo<sup>92</sup> é exposta na narrativa. “Uma organização, o corpo também é um sistema organizado, está vivo enquanto se mantém organizado, e a morte não é mais do que o efeito de uma desorganização” (p. 281). Esta metáfora Saramago adota para preconizar o valor ético da igualdade e acesso aos mesmos direitos. Enquanto Menênio<sup>93</sup> divulga tal analogia para defender privilégios. Ele se assemelha aos cegos malvados que não se comportaram, sob este prisma estoicamente, eles não tomaram conhecimento da diretriz estoica de verem-se como iguais.

A essa hora, num lugar escondido das vetustas e arruinadas edificações, estariam os gatunos a empanturrar-se de rações duplas e triplas de um rancho que, inesperadamente, aparecia melhorado, composto de café com leite, frio com efeito, bolachas e pão com margarina, enquanto a gente honrada não tinha outro recurso que satisfazer-se com duas ou três vezes menos, não de tudo (p. 108).

Eis uma observação que demonstra o manicômio como metonímia da sociedade: “(...) preferem deixar que se estrague a comida a dá-la a quem dela tão precisado está” (p. 160). Salientamos dois exemplos que comprovam que a harmonia da coletividade depende do bem-estar individual. O primeiro é a cena do trânsito, onde um carro não se moveu e causou uma interrupção em todo o fluxo de veículos. O

---

<sup>92</sup> Mencionada no capítulo primeiro.

<sup>93</sup> Peça *Coriolano* de Shakespeare citada no capítulo primeiro.

segundo é a lesão de um membro do cego ladrão que acarretou a morte do corpo todo. Este comentário evidencia a concepção holística do universo: “De uma certa maneira, tudo quanto comemos é roubado à boca de outros, e se lhes roubamos de mais acabamos por causar-lhes a morte, no fundo somos todos mais ou menos assassinos” (p. 298).

A não observação do preceito cosmopolita se clarifica pelas posturas egoístas e cruéis que agravaram a conjuntura da quarentena: “O que ainda houvesse de aproveitável estava a ser disputado no meio de socos (...) que não escolhiam entre amigos e adversários” (p. 220). A partir deste quadro desencadeia-se o terceiro ponto, que é o da sobrevivência e conservação.

Segundo já exposto, os estoicos enfatizam que o primeiro impulso é à sobrevivência. E ela está em evidência desde a quarentena até a vida errante depois do incêndio. A realidade degradante e a consequente necessidade de adaptação:

Caracterizei as personagens, não através de grandes escavações psicológicas, mas sobretudo através de suas ações, mesmo porque a situação-limite que elas têm de viver impõe-lhes **lutar em primeiro lugar pela sobrevivência** (SARAMAGO, 2010, p. 297 – 298, grifo nosso).

Este ímpeto é deflagrado pelo cego ladrão que, em meio a delírios e febre alta, movido pelo instinto de conservação, tomou uma atitude de pedir socorro aos guardas. “Não posso continuar aqui a apodrecer” (p. 77). Equivocou-se ao esperar generosidade e foi tomado “Pela abominável onda” (PESSOA, 2007, p. 36).

Ao rastrear provisões para si e para o seu grupo, a mulher do médico estava como cega: a necessidade a cegou, pois não avisou aos demais do que havia naquele mercado. E este instinto fica mais evidente

quando os opressores pediram mulheres em troca da alimentação. Houve debates e um cego alegou que seria uma indecência a sua mulher prostituir-se. Mas a esposa retrucou: “Está na tua mão não seres indecente, a partir de agora não comas” (p. 168). A sobrevivência é uma verdade que se antepõe a quaisquer outros valores, tais como liberdade e dignidade: “Ó cavalheiro, o que nós somos de verdade aqui é pessoas com fome” (p. 103).

Sobre este princípio, há um excerto consentindo que ele é inerente a todos os seres vivos: “a natureza animal é mesmo assim” (p. 208). E que: “(...) também a vegetal se comportaria de igual maneira se não tivesse todas aquelas raízes a prendê-la ao chão, e que bonito seria poder ver as árvores do bosque a fugir do incêndio” (p. 208). A teoria de que as pessoas formam comunidades para fortalecerem-se também está expressa, pois a mulher do médico alerta: “(...) se continuarmos juntos talvez consigamos sobreviver, se nos separarmos seremos engolidos pela massa e destroçados” (p. 245). Pelo que foi exposto há a concordância do escritor português também sobre este preceito.

Finalizando, Saramago retoma os conteúdos: “Se a finalidade da razão é conservar a vida, então a humanidade hoje está andando – racionalmente – contra a sua própria razão” (SARAMAGO, 2010, p. 297). Vem ao encontro da frase que a cegueira é “uma ameaça de si contra si” (p. 16). O prêmio Nobel reproduz um preceito estoico - conservar a vida – e denuncia que ele não está sendo observado. A humanidade está mais próxima do outro extremo e aderindo ao suicídio.

Progredimos ao último item deste capítulo.



### 3.3 O SENHOR É UMA CRIANÇA

Começamos em Lisboa, passamos pelo manicômio e estamos na Conservatória. Recordamos que em *O ano da morte* (2011) expomos conteúdos que no *Ensaio* (1995) foram sistematizados com mais precisão, neste tópico referente a *Todos os nomes* (1997), traremos temáticas presentes nos anteriores e que nele persistem.

No que tange ao tema da razão, a posição dos estoicos foi bastante retratada, sendo que eles defendem a sua primazia e a consequente marginalização das emoções. Este fragmento traz uma analogia que será relevante para prosseguirmos a análise:

O apaixonado é como uma criança cujo juízo não está ainda maduro; (...) Estamos, portanto, bem longe da concepção romântica da criança que faz dela esse poeta-visionário que desaparece, infelizmente, no adulto habituado a soluções e a evidências; para os Estoicos a criança é aquele que o homem deve destruir em si mesmo para chegar à razão (...) (BRUN, 1986, p. 84-5).

Conjecturamos que esta concepção dos estoicos colide com a exposta na narrativa, pois inúmeras vezes o Sr. José é comparado a uma criança. Uma delas é a frase do título desta seção em que a senhora do rés-do-chão direito dirige-se ao protagonista. Ela confessa ter sido amante do pai da menina e sentencia: “(...) perdoa-se porque se ama, ama-se por que se perdoa, **o senhor é uma criança**, ainda tem muito que aprender” (SARAMAGO, 1997, p. 63, grifo nosso). Ao receber a medicação do enfermeiro: “Pouco faltou ao Sr. José para desatar a chorar como uma criança quando sentiu a picada da agulha” (p. 131). Para que a sua pesquisa fosse entendida como uma ordem de serviço, Sr.

José redigiu uma credencial falsa, em tom autoritário, mas após lê-la: “Trémula de susto (...), a tal criança correu a proteger-se no regaço da mãe” (p. 57). Ao examinar os papéis da Conservatória buscando a mulher: “(...) Deixou de ser o Sr. José (...), deixou de ter cinquenta anos, agora é um pequeno José que começou a ir à escola, é a criança que não queria dormir” (p. 175).

A criança é um ser genuinamente apaixonado, e sendo o protagonista comparado a ela, nada mais coerente que as emoções estejam em primeiro plano. Ao contrário de *O ano da morte* (2011), onde elas são represadas e eventualmente extrapolam, neste romance o atípico é a ausência delas, segundo poucos exemplos. Ao dar os primeiros passos em sua aventura sentiu uma “serenidade que não parecia ser sua” (p. 56). Depois da advertência do chefe sobre a barba por fazer ele sentiu um “estranho sossego” (p. 211).

Sendo o represamento das emoções raras exceções, expomos o afloramento delas:

“pernas tremiam e o suor inundava-lhe a testa, estou feito uma pilha de nervos, repreendeu-se” (p. 46).

“Coração sensível, o Sr. José sentiu arrasarem-se de lágrimas os seus próprios olhos” (p. 66).

“Desesperado, nervos desfeitos, quase em lágrimas” (p. 79).

“Pernas frouxas e uma onda de suor a inundar-lhe o corpo” (p. 141).

Ele abrandava o sofrimento ao permitir que suas emoções irrompam: “Afastou o prato, deixou pender a cabeça sobre os braços cruzados e chorou sem vergonha (...). Se sentia melhor, enxugou bruscamente as lágrimas” (p. 159). Notamos mais uma similaridade

entre o Sr. José e o outro auxiliar, de guarda-livros, nas palavras do seu criador: “(...) o guarda-livros nem emoções nem sentimentos domina” (PESSOA, 2011a, p. 11). E Bernardo Soares confessa suas “emoções confusas” (PESSOA, 2006, p. 77) e o assomo de: “(...) lágrimas, lágrimas das quentes dos que não têm nem tiveram mãe” (PESSOA, 2006, p. 61).

Mas o Sr. José se comportando como uma criança, “como uma criança inoportuna” (PESSOA, 2006, p. 49) e de forma emotiva, teve êxito em sua missão? Vimos, no capítulo segundo que teve, uma vez que esta busca fez com ele descobrisse outro Sr. José. Além disso, o propósito “absurdo” (p. 83) gerou a “reação absurda do chefe” (p. 128) e teve “uma conversa de igual para igual, absurda” (p. 141) com ele. O auxiliar via o chefe como se fosse um deus, tanto que ele afirma para a sra. do rés-do-chão direito que ele “poderia dizer-lhe como se chamarão todas as [pessoas] que vierem a nascer daqui até o fim do mundo” (p. 62). E que o Conservador “conhece os reinos do visível e do invisível de cor e salteado” (p. 129). Esta é uma postura semelhante à que tinha Bernardo Soares, diante de seu patrão Vasques: “Ele é tudo para mim” (PESSOA, 2006, p. 49). Mas as “loucas aventuras” (p. 108), fizeram com que a rotina de não se reparar “nos auxiliares de escrita” (p. 43) se transformasse no inédito interesse “pela saúde de um auxiliar de escrita ao ponto de lhe mandar um portador com pastilhas” (p. 124). Gerou também escândalo entre os funcionários a pergunta ao Sr. José “se já se encontrava completamente restabelecido da doença” (p. 140).

Através das subversões, Sr. José conseguiu que a prática de nos “contentarmos com os números” (p. 256) fosse ultrapassada. A ação

dele produziu outro efeito concreto em toda a Conservatória. O seu chefe que dele admirador se tornou, reconheceu a “dupla absurdidade que é separar os mortos dos vivos” (p. 208). Enquanto no *Ensaio* foi retratada a indiferença quanto à morte dos colegas de confinamento, neste romance a proposta é: “Chorar por alguém que não se conheceu” (p. 240).

Confirmamos a visão dissonante ao estoicismo e alinhada à epígrafe do livro *As pequenas memórias*: “Deixa-te levar pela criança que foste” (SARAMAGO, 2006, p. 7), que está harmonizada, por sua vez, com um verso de Ricardo Reis: “Tendo as crianças por nossas mestras” (PESSOA, 2007, p. 25). E outra dissonância apresentada na narrativa entre a criança e o adulto é que o adulto Sr. José tinha “pânico das alturas” (p. 22) e enquanto criança o sonho era que “voava por cima dos quintais e dos telhados” (p. 253).

A razão, tão cara aos estoicos, nesta narrativa é, portanto questionada e não é vista como soberana. O protagonista vivencia momentos desvairados. “Abrigado debaixo duma das árvores da cerca, coração a bater como doido” (p. 86). Ao ver-se dentro do colégio o Sr. José achou isso “coisa de louco” (p. 99). A assertiva subjacente é que a razão não detém toda a sabedoria, por isto agir de forma contrária a ela produz, por vezes, resultados positivos. Este excerto prova que ele precisou opor-se a ela para efetivar a busca: “uma angústia súbita apertou-lhe a garganta enquanto a razão afligida tentava resistir, queria que ele mostrasse indiferença” (p. 47).

Por este motivo o narrador atribui ao Sr. José uma sabedoria peculiar. “O sábio é sábio consoante o grau de prudência que o exorne

(...), há que se reconhecer no Sr. José, (...) a existência de uma sabedoria involuntária” (p. 34). Ele não obedece a prudência que o manda aquietar-se em sua casa, e vai à escuridão da Conservatória buscar mais dados sobre os famosos. E na entrada do cemitério “ouviu a voz da prudência a dizer-lhe que deixasse para outro dia” (p. 229) a visita ao túmulo, mas não a acatou e o fez naquela oportunidade. Mais uma prova de que a prudência não era a principal característica de sua personalidade: “Aos prudentes terá parecido uma insensatez vir meter-se o auxiliar de escrita assim na boca do lobo” (p. 95).

Notamos que *Todos os nomes* (1997) reitera muitos conteúdos das narrativas anteriores. Sendo assim, verificaremos em que medida esta obra segue cancelando a mesma visão dos outros livros do corpus literário.

## 4 DESTINO

Neste capítulo versaremos um pouco sobre este tema “do qual pode-se dizer tudo” (SARAMAGO, 2011, p. 372) e sobre o qual os estoicos disseram bastante. Estabelecendo a conexão com a seção 1.2 do capítulo primeiro, verificaremos a concordância e o embate do autor com as respectivas teorias estoicas. De acordo com o raciocínio do pórtico uma imagem adequada é a de que os seres humanos são meras cartas nas mãos do *logos*, sendo que ele tem o poder de fazer diversas combinações, atribuir novas funções ou nos tirar do jogo<sup>94</sup>. Eles asseguram que o *logos* tudo ordena perfeitamente, mas também defendem a autonomia do ser humano em se submeter ou se rebelar, conciliando a existência do *fatum* com a da liberdade. O argumento alegado da existência da liberdade é que diferentes pessoas reagem de formas diversas a mesmos eventos. E o mencionado exemplo do cilindro, esclarecendo que a causa essencial do movimento dele não é externa, mas provém da sua própria natureza, ilustra tal prerrogativa.

Faremos uma alteração na ordem expositiva dos romances: o primeiro item deste capítulo – sobre *O ano da morte* (2011) - enfatizará a abordagem sobre o destino e o último – sobre o *Ensaio* (1995) – focará na liberdade. *Todos os nomes* (1997), por sua vez, fará a mediação entre os dois.

---

<sup>94</sup> Similar à sentença da personagem Alice: “Vocês não passam de um baralho de cartas” (CARROL, 2009, p. 168).

#### 4.1 O QUE TEM DE SER, TEM DE SER E TEM MUITA FORÇA

Esta frase do título poderia ser atribuída a Édipo, dada à similaridade temática: “Meus sofrimentos são inesquecíveis;/sofri-os sem saber o que fazia./Os deuses são as minhas testemunhas/e tudo aconteceu malgrado meu” (SÓFOCLES, 1991, p. 131). E o ano foi de 1936, (ou seria 1984?), malgrado seu, Ricardo Reis, “olha-se no espelho [das odes], apalpa a cara” (p. 53) e assombra-se com o “poeta popular” (p. 50), sedutor de uma camareira. O contentamento – “cumpramos o que somos nada mais nos foi dado” (p. 197) – transmutou-se em tédio - “Quantas vezes já terei eu escrito isto de outras maneiras” (p. 197). O temor *fati*, lamentado à musa de outrora, revelou-se uma premonição de encarnar o humano, excessivamente humano, afinal “Em qualquer hora pode suceder-nos / O que nos tudo muda” (PESSOA, 2007, p. 17). Sempre pode ocorrer que dezesseis anos, num misto de galhofa e acidez, visitem-nos. Retomamos, na sequência, a visão estoica e a postura do heterônimo diante dela.

A teoria do pórtico opõe-se ao verso mallarmaico - “um lance de dados jamais abolirá o acaso” (MALLARMÉ, 1974). Ricardo Reis, sintonizado com o estoicismo, poderia ter replicado, se fosse mau poeta, que o destino jamais será, por vaticínios proscrito. Mas assim retorquiu: “O acaso, sombra que projecta o fado, / Seus dados lança, e o Destino os soma, / E recolhem ao copo” (PESSOA, 2010, p. 127). Valendo-nos de uma quase derretida metáfora, o acaso é o vértice do *iceberg* e o destino, a parte submersa. Os estoicos apregoam que a melhor forma de ser feliz e, portanto, virtuoso é irmos ao encontro daquilo para o qual fomos

destinados, pois: “O destino dá a cada um a sua parte, o seu lote e o seu papel na harmonia do todo” (BRUN, 1986, p. 59). No *Hino a Zeus*, Cleantes se rende à divindade tributando-lhe a supremacia na vida de cada ser particular. “Tens em teu poder o raio de duplo fio, / ígneo, sempre aceso e vivo,/ sob cujos golpes toda a Natureza / cumpre todas as suas obras” (CLEANTES apud REALE, 1994, p. 53). As decisões do *logos* são as mais sábias possíveis e muitas vezes não somos capazes de reconhecermos tal sabedoria. Em *Antônio e Cleópatra* o primeiro dá a receita de como reagir diante das intempéries: “Não agradem o fado, meus amigos,/com a honra da tristeza. Bem recebem/O que vem nos punir, e que punimos/Parecendo enfrentá-lo com alegria./Me peguem; agora me carreguem/E tenham todos minha gratidão” (SHAKESPEARE, 2006a, p. 1085). O crepitar do látigo ecoa na alma desafortunada como se aplauso fosse. O que devemos é nos limitar a encenar o papel que nos foi dado.

E esta analogia com o teatro é recorrente nas narrativas. O protagonista observando os hóspedes: “(...) esta sala de jantar do Bragança mais parece um palco de teatro” (p. 170). Sobre o público que foi assistir a uma peça, o narrador teceu este comentário: “São eles próprios personagens da sua acção dramática, actores que representam nos intervalos (...) provisórios todos” (p. 119). E há uma ambiguidade proposital: “Ricardo Reis o primeiro a sentar-se, ficou a olhar, viu-o falar com a filha, ela voltou-se para trás, sorriu-lhe, sorriu também, ia começar o segundo acto” (p. 120). Esse enunciado vale tanto para o segundo ato da peça quanto para a interação entre os personagens romanescos, sendo que a próxima cena descrita é o encontro de



Marcenda e seu pai com Ricardo Reis. No *Ensaio* há também uma alusão ao comportamento humano como se fosse uma encenação. O narrador refere-se ao médico: “(...) e então ele disse, como se os dois estivessem a representar uma peça e esta fosse a sua deixa” (1995, p. 38). Nesta mesma perspectiva metafórica de comparar a vida a um drama, é narrado um assalto do Victor, funcionário da PDVE, e ajudantes. “A esquadra de seis homens sobe em carro, à formiga” (p. 410). Mas quando a operação está finalizando é proferida esta frase: “Então o realizador diz, Corta” (p. 411-2). A escolha expositiva através de uma encenação revela o distanciamento das pessoas, em relação aos crimes do Estado. Acontecem diversos abusos e os “heróis do alheamento” (p. 381), entre eles Ricardo Reis, veem com naturalidade, como se fosse apenas um ato teatral. Um motivo que fundamenta esta postura alheada é a crença de que são fatos necessários e por isto, inevitáveis. Este último fragmento evidencia o aceite: “É a vez do Victor. Com o punho cerrado desfere na porta as quatro pancadas do destino” (p. 410).

Corroborando a opinião de que o destino remete à necessidade dos acontecimentos, nas narrativas, em vários excertos, ele conecta-se à morte. A sentença do título, que poderia ser de Édipo, foi proferida na casa que “o desprotegido da sorte” (p. 389) alugou. A mulher que ali anteriormente residia lamentou e “ninguém a podia consolar, mas a vida às vezes obriga, a doença, a viuvez, o que tem de ser, tem de ser e tem muita força” (p. 228). Um homem morre na viagem que fazia à Fátima, e alguém comenta: “(...) devia ter ficado em casa, mas ateimou, disse que se enforcava na trave da cozinha se o deixássemos, assim veio

morrer longe, ninguém foge ao seu destino” (p. 346). E mais uma frase que conecta o destino à morte: “ao seu destino ninguém escapa, ninguém fica para semente, esta é uma grande verdade” (p. 262). O narrador propõe que se imagine como reagiriam as pessoas se tomassem conhecimento da sua morte pelo jornal: “destino marcado e a cumprir, dia, hora e lugar, o nome por inteiro, que fariam eles sabendo que os iam matar” (p. 55). A opinião é que o homem comum refugia-se na resignação como consolo para: “tornar suportáveis (...) as resoluções do destino” (p. 461). Essa é outra semelhança de Ricardo Reis com um momento na vida do Sr. José: “Ora, enquanto o pau vai e vem, folgam as costas, murmurou o Sr. José para concluir, resignado ao que dite o destino” (1997, p. 251).

Frisamos que dissertar sobre o destino em *O ano da morte* não é meramente uma questão filosófica, mas histórica, cultural e religiosa<sup>95</sup>. Na narrativa estão presentes aspectos que ironizam a crença do “imperial destino” (p. 159), pois “chegamos atrasados à construção do quinto império” (p. 358) e “somos menos do que terceiras figuras no

---

<sup>95</sup> Lourenço no ensaio “Portugal como destino” expõe esta concepção: “O sentimento profundo da fragilidade nacional – e o seu reverso, a ideia de que essa fragilidade é um dom, uma dádiva da própria providência e o reino de Portugal espécie de milagre contínuo, expressão da vontade de Deus – é uma constante mitologia, não só histórico-política, mas cultural portuguesa(...). A sacralização das ‘origens’ faz parte da história dos povos como mitologia. Mas deve ser raro que algum povo tenha tomado tão à letra como Portugal essa inscrição, não apenas mítica, mas filial e já messiânica do seu destino, numa referência, ao mesmo tempo, lendária e familiar num horizonte transcendente, a do próprio Cristo” (LOURENÇO, 1999, p. 91-2).

grande palco do mundo” (p. 288). O protagonista, leitor do Padre Vieira, terá impregnado-se da crença de que “(...) não se enganou Deus quando fez aos portugueses conquistadores e pregadores de seu santo nome” (VIEIRA, 1998, p. 117). Ricardo Reis assume, por vezes, características da própria nação, à procura das “feições de rosto português” (p. 94), confessa que “eu nem sei que cara é a minha” (p. 401). Vai à Fátima e tem a onírica visão de um “milagre, milagre” (p. 342), entretanto resigna-se à conclusão que “não deverias pedir, mas aceitar, só Deus é que sabe o que nos convém” (p. 354).

Sendo o destino um tema metafísico, Saramago não refuta a existência dele, e admite ser impossível perscrutar seus insondáveis feitos, mas aventa duas possibilidades de lidar com tal existência. Pode-se tomar o caminho da contemplação:

“Verdadeira prisão é aceitar estar preso, as mãos humilhadas para o bodo do século, que por enquanto ainda não nos deixou morrer” (p. 159).

“(...) talvez isto é que seja o destino, sabermos o que vai acontecer, sabermos que não há nada que o possa evitar, e ficarmos quietos, olhando, como puros observadores do espectáculo do mundo” (p. 453).

“(...) encontrar ou não encontrar Marcenda parecia-lhe agora de mínima importância, estas coisas o melhor é entregá-las ao destino, queira ele que nos encontremos e assim há-de acontecer” (p. 349).

Como já mencionamos, há uma intensa intertextualidade das narrativas com a poesia de Fernando Pessoa, ortônimo e heterônimos. Neste caso o verso de Ricardo Reis “Nada somos que valha” (PESSOA, 2007, p. 115), bem como o verso de ‘Tabacaria’ de Álvaro de Campos

“Não sou nada” (PESSOA, 2007a, p. 287) são enrijecidos na prosa saramaguiana e sobressai uma forma eminentemente sociológica. “Como escreveram os estudantes alemães, Nós não somos nada, aquilo mesmo que murmuraram, uns para os outros, os escravos que construíram as pirâmides, Nós não somos nada, os pedreiros e boieiros de Mafra (...)” (p. 419). E a discrepância: “Nós não somos nada, porventura nascerá para nós o dia em que todos seremos alguma coisa” (p. 419). Saramago põe os versos em um contexto de lutas de classes, em que eles implicariam a alienação das pessoas assumindo um discurso que favoreceria os seus algozes. No entanto, esta forma de interpretar já está presente no próprio Álvaro de Campos: “Ah! Ser indiferente!/ É do alto do poder da sua indiferença/Que os chefes dominam o mundo” (PESSOA, 2007a, p. 486).

E para apresentar uma alternativa ao caminho da contemplação mencionamos a Lídia, que é uma personagem que faz um contraponto ao Ricardo Reis. Ela é menos ingênua: “Não se deve fazer fé no que os jornais escrevem” (p. 436); Sobre a mocidade portuguesa afirma que: “Filho meu (...) não entra em semelhantes comédias” (p. 407). Ela, em que pese não duvidar da existência do destino, tem uma postura diversa, como notamos neste fragmento:

São os acasos da vida, É o destino, Acreditas no destino, Não há nada mais certo que o destino, A morte ainda é mais certa, A morte também faz parte do destino, e agora vou passar as suas camisas a ferro, lavar a louça, se tiver tempo ainda irei à minha mãe, está sempre a queixar-se que eu não apareço (p. 338).

A diferença é que esta crença no destino não a paralisa, porquanto depois de afirmar acreditar nele, age. Embora não pareça, ela

é uma pessoa capaz de deitar “abaixo o guarda-louça” (p. 366). E a narrativa aconselha esta atitude de propor uma nova ordem e não aceitar tudo dogmaticamente.

Acima dos deuses está o destino, O destino é a ordem suprema, a que os próprios deuses aspiram, E os homens, que papel vem a ser o dos homens, Perturbar a ordem, corrigir o destino, Para melhor, Para melhor ou para pior, tanto faz, o que é preciso é impedir que o destino seja destino (p. 372).

Notamos que ecoa neste excerto uma norma estoica, *a que os próprios deuses aspiram*<sup>96</sup>, porém exorta os homens à ação, pois “mais fadiga o que não se faz” (p. 150). Saramago alerta que dar a porção maior ao destino encurta o campo de atuação da ética e ele procura resgatar o grau de autonomia do ser humano. O verso de Virgílio: “Vivi; cumpri a tarefa que o destino me determinou” (VIRGÍLIO apud MONTAIGNE, p. 386, V. II) seria modificado para: Vivi; sobre a imprecisa ideia de destino determinei a minha existência. Esse é o estrato estoico dos que interpretam o estoicismo como exortação à ação, afinal nas narrativas transparece claramente a discordância ao filósofo Pangloss de que os acontecimentos estejam “encadeados no melhor dos mundos possíveis<sup>97</sup>” (VOLTAIRE, s.d., p. 220). Vamos à mediação de *Todos os nomes*.

---

<sup>96</sup> Como afirmou Sêneca citado no primeiro capítulo: “A mesma necessidade obrigou aos deuses, porque um irrevogável curso leva com igualdade as coisas humanas e as divinas” (SÊNECA, 1952, p. 35).

<sup>97</sup> Citado no capítulo primeiro.

## 4.2 ENIGMÁTICO DESTINO

A intermediação de *Todos os nomes* poderá ser exitosa, afinal este livro menciona os conteúdos expostos nas outras duas obras - *O ano da morte* e o *Ensaio*. A alusão à primeira é esta: “o que tem de ser, tem de ser, e tem muita força, pensou sem originalidade o Sr. José” (p. 37), frase inclusive título do item que abriu este capítulo. Enquanto o diálogo com o *Ensaio* está na frase “O que tiver de acontecer, acontecerá” (p. 254) que é similar à do título da sub-seção posterior “O que tiver de ser, será” (1995, p. 39). Embora estas três assertivas estejam apregoando a força inescapável do destino, existe também a defesa da permeabilidade dele com a liberdade.

O título desta seção diagnostica a morte como “um capricho irônico do enigmático destino” (p. 16) e assegurar que ele tem o encargo da morte significa assegurar que ele tem também o encargo da vida. Por isto, em outra narrativa<sup>98</sup>, Saramago faz a ressalva de que a morte não é incumbência apenas do destino: “Morremos de doenças, de acidentes, de acasos” (1995, p. 282). Assertiva que ratifica o estrato estoico de exortação à ação, a exemplo destas: “Singular coincidência, A vida é toda feita de coincidências,” (2011, p. 210). A assertiva de que é coincidência significa que as coisas não obedecem à lei da necessidade. Em *Todos os nomes* também é defendido que: “As obras do acaso são infinitas” (1997, p. 243), que, portanto há muito campo de intervenção humana.

---

<sup>98</sup> *Ensaio sobre a cegueira* (1995).

Como Ricardo Reis e a mulher do médico são personagens antípodas, e entre eles podemos colocar o aprendiz Sr. José, optamos neste item intermediário por tangenciar a mediação dos opostos, pois Saramago defende que “(...) o homem é o lugar de todas das contradições” (SARAMAGO, 2008, p. 98). E repete em *Todos os nomes*: “O espírito humano (...), quantas vezes será preciso dizê-lo, é o lugar predilecto das contradições” (p. 268). E isto é exemplificado, pois o Sr. José fazia “ponderações sobre o claro e o escuro; o directo e o labiríntico; sobre o limpo e o sujo” (p. 173).

E outra contradição que está em *Todos os nomes* é a da morte com a vida. Inicialmente havia uma ala da Conservatória em que se localizava o arquivo dos mortos e outra onde estava o arquivo dos vivos, mas a ação do obstinado Sr. José fez com que o chefe reconhecesse “a dupla absurdidade que é separar os vivos dos mortos” (p. 208). Em *O ano da morte* na interlocução de Fernando Pessoa com o aluno dos Jesuítas: “Exactamente, meu caro Reis, vida e morte é tudo um” (p. 311). Na mesma narrativa uma asserção similar: “A humanidade compõe-se de uns [vivos] e outros [mortos]” (p. 372). Ratificando que tudo está “ligado a tudo” (1997, p. 155), inclusive vida e morte, o Sr. José, ao contar o motivo da visita à sepultura: “Para ter a certeza, De que está morta, Não, a certeza de que esteve viva” (p. 224). E o personagem Fernando Pessoa ensina: “Há morte, digo-o porque estive vivo” (2011, p. 305-6).

Da absurdidade de separar os vivos dos mortos, inferimos igualmente a absurdidade de separar os contraditórios. Hugo e

Nietzsche, dos quais reproduziremos excertos, estão de acordo com a inseparabilidade.

“Não há altas montanhas, sem profundos precipícios” (HUGO, 2010, p. 98);

“(…) a luz e a sombra, o doce e o amargo estão juntos e ligados um ao outro” (NIETZSCHE, 2002, p. 42).

Sendo de amor a história do Sr. José, citamos Neruda que aclara bem essa complementação dialética. “Saberás que não te amo e que te amo/posto que de dois modos é a vida,/a palavra é a asa do silêncio,/o fogo tem uma metade de frio” (NERUDA, 2007, p. 54). Só com este juízo que a expressão “Contrário, oposto ou complementar” (2011, p. 241) torna-se inteligível. E surgem outros pares de opostos como complementares: a noite como “condição do dia” (p. 28); “fazer das fraquezas forças” (p. 113); “um diálogo insignificante, um diálogo profundo, se podem estar juntos estes contrários” (p. 172).

Sabendo que “as veredas do sentimento” (2011, p. 44) são complexas, o *Ensaio* afirma que a “alegria e a tristeza não são como a água e o azeite” (1995, p. 67). E outro par de opostos é o mal e o bem. O *Ensaio* recusa endossar qualquer visão maniqueísta da realidade: “Não me perguntem o que é o mal ou o bem” (p. 262). Generosidade e altruísmo podem “ser encontradas até em criminosos mais empedernidos do que este, simples ladrãozeco(…)” (p. 25). Na peça *Bom é o que acaba bem* está bem evidenciado esse amálgama inarredável do qual somos constituídos. “A teia de nossa vida é feita de fios mesclados, os bons e os maus todos juntos; nossas virtudes ficariam orgulhosas se os nossos erros não as chicoteassem, e nossos crimes



levariam ao desespero se não fossem acalentados por nossas virtudes (SHAKESPEARE, 2006d, p. 1466-67). Visão que o *Ensaio* e *O ano da morte* demonstram:

“(...) assim está o mundo feito, que tem a verdade muitas vezes de disfarçar-se de mentira para chegar aos seus fins” (1995, p. 126).

“Mas a mais falsa das mentiras é justamente aquela que se serve da verdade para satisfação e justificação de seus vícios” (2011, p. 379).

Feita a mediação apresentamos os pensamentos do médico à mulher do médico.

#### 4.3 O QUE TIVER DE SER, SERÁ

Tendo, no item primeiro, retomado as teorias estoicas, a nossa incumbência é verificar os profícuos diálogos que são tecidos com ela no *Ensaio*. Recortamos algumas passagens que abordam este tema.

Durante a quarentena o narrador relata o namoro de um casal que se juntou ali por obra de um “acaso milagroso” (p. 153). Enuncia-se também que os cegos faziam das camas os seus lares no tempo de reclusão e que as escolheram “ao acaso” (p. 72). Ao se reunirem para escutarem a leitura alguém constatou: “Aproveitamos o acaso de haver aqui ainda uns olhos lúcidos” (p. 290). Embora este tópico se propõe a enfatizar a face da liberdade, trazemos excertos em que o destino tem preponderância. Existem frases permeando a narrativa que revelam a presença dele, como se os personagens estivessem concretizando eventos que estavam na fila para se amalgamar a eles. O relato do caos que se tornou a quarentena é antecedido pelo seguinte comentário: “Então aconteceu o que tinha de acontecer” (p. 110).

“Assim o tinha determinado o destino, eram o homem que estivera com a rapariga dos óculos escuros no hotel e aquele polícia que a levou a casa” (p. 72).

“O encontro da mulher e do mapa, tão bem preparado pelo destino, incluía também um cão” (p. 227).

O narrador apontando a rapariga de óculos escuros elogia o seu lindo sorriso e frisa que ele já tinha sido assim quando era menina e “o futuro era uma carta fechada e a curiosidade por abri-la ainda estava por nascer” (p. 31). O futuro já estava, portanto, determinado. No primeiro capítulo vimos que a lente do destino tem o poder de retrair o tempo e em *Todos os nomes* (1997) é nos dado um exemplo:

Como se o tempo estivesse encolhido todo, de trás para diante e de diante para trás, comprimido em um instante compacto, pensou que a criança a quem tinha ouvido chorar por trás da porta era, trinta e seis anos antes, a mulher desconhecida, que ele próprio era um rapaz de catorze anos sem qualquer motivo para andar à procura de alguém, muito menos a estas horas da noite (1997, p. 46).

Retomando o *Ensaio*, apresentamos excertos em que não há a hierarquização e prioridade de atuação entre destino e acaso.

“O acaso, o fado, a sorte, o destino, ou lá como se chame exactamente o que tantos nomes tem, estão feitos de pura ironia” (p. 179).

“São disposições do destino, mistérios dos arcanos, guardado está o bocado, e este acaso não foi o primeiro” (p. 119).

“Teve sorte, Quem, O seu marido, assim poderão estar juntos” (p. 59).

No decorrer deste capítulo, notamos que os três títulos estão amalgamados e abordaremos, na sequência a interação profícua que há com *O ano da morte*. No *Ensaio*, o solidário ladrão respondeu ao dizer que não precisava agradecer. “Não sabemos para o que estamos

guardados” (p. 13). O narrador comenta quando Ricardo Reis descobre por Lídia de que o lugar onde iria depor era perigoso: “Ninguém sabe para o que está guardado” (SARAMAGO, 2011, p. 191). A frase do título dessa seção é da mulher do médico que profere depois de o médico ter-se confessado cego e pediu que ela se afastasse para que não a contagiasse. “O que tiver que ser, será” (SARAMAGO, 1995, p. 39). É inevitável evocar a semelhança em forma e conteúdo com a dita pelo médico (Ricardo Reis) em ‘Uma visão holística<sup>99</sup>’ ao opinar sobre a obra de seu mestre Caeiro: “Foi o que tinha que ser” (PESSOA, 1998, p. 122). Em *O ano da morte* também há uma expressão semelhante. Ao enumerar os mortos: “Não é muito nem pouco, **é o que tem de ser**” (p.103, grifo nosso). Frisamos que há um diálogo dos personagens dos dois livros. A mulher do médico expressa sua concordância com Ricardo Reis, utilizando sua expressão no futuro. Na sequência, porém há uma discordância, ela responde assim quando o médico a repele para não chegar perto dele:

Não deixo, gritou a mulher, que queres fazer, andar aí aos tombos, a chocar contra os móveis, à procura do telefone, sem olhos para encontrar na lista os números de que precisas, enquanto eu assisto tranquilamente ao espetáculo, metida numa redoma de cristal à prova de contaminações (p. 39).

Ela está contestando o grande bordão de Ricardo Reis – *sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo*. Também é citado, “miseró espetáculo” (p. 97). Ela refuta, de forma apaixonada, aos gritos, esta máxima. Interpretamos a rispidez como demonstração de que é uma sentença que a incomoda, pela qual se sente ferida e que estava há muito

---

<sup>99</sup> Capítulo segundo.

tempo querendo manifestar sua inconformidade. Em outra situação, na presença de seu marido, ela repete a refutação da mesma sentença: “Contentar-se com o que se vai tendo é o mais natural quando se está cego, disse a mulher do médico” (1995, p. 277). Essa afirmação possui endereço preciso, o autor do verso acima. Em outros capítulos frisamos muitas similaridades entre Ricardo Reis e o médico do *Ensaio*, mas entendíamos que não eram suficientes para asseverar a repetição destes personagens, no entanto esta reação da mulher do médico nos convenceu. Por isto apregoamos, por todas as evidências, que Ricardo Reis é o médico que retorna no *Ensaio*.

No entanto, se o fato das especialidades serem diferentes não constituir um empecilho, tampouco a época pelo fato de a segunda narrativa ser ucrônica, uma questão que surge é a morte de Ricardo Reis, como está claro no título, afinal morto não fica cego, já é cego.

Mas pesam em favor da nossa teoria as outras semelhanças, além daquelas já apontadas no segundo e terceiro capítulos. Ricardo Reis lê os clássicos e o médico do *Ensaio* recorda de “Íliada, poema da morte e do sofrimento” (1995, p. 36). Ricardo Reis: “Foi abrir as malas, metodicamente” (2011, p. 241; p. 450) enquanto o médico do *Ensaio*: “Procurou nos índices, a seguir, metodicamente, pôs-se a ler tudo o que ia encontrando” (1995, p. 29). Ricardo Reis: “Sonâmbulo habitante desta morada” (2011, p. 432). Médico do *Ensaio*: “Como um sonâmbulo” (1995, p. 171). Sendo assim permanece a objeção da morte contra a sujeição cômoda de que se Fernando Pessoa voltou depois de morto, Ricardo Reis também poderia voltar.

E este embate da mulher do médico com o médico é o embate de comportamentos que podem decorrer, perante a crença de que o destino exista. Notamos que a frase que ela profere “o que tiver de ser, será” não o refuta, mas o que segue desta frase é uma ação dela, “Anda, vem, vou-te preparar o pequeno almoço” (p. 39). Seleccionamos mais dois episódios em que a liberdade teve que lutar para conquistar seu quinhão diante do imponente destino. As agentes são duas mulheres: a do médico e a do isqueiro.

O primeiro é o de que um grupo de vinte cegos que monopoliza o “direito do pão” (p. 139) e exige que as mulheres das camaratas oprimidas sejam violentadas em troca dele. Um dos cegos, que foi dar esta ordem, propõe um preceito estoico, que elas se dispusessem a esta tarefa, pois “tendo em conta que o que se faz de moto próprio custa em geral menos do que o que tem de fazer-se por obrigação” (p. 165). Ele estava querendo convencê-las de que as atrocidades estão determinadas e que devem ser aceitas. Um elemento que prova esta interpretação é ao narrar a aproximação das oprimidas à repartição dos opressores, profere-se que é a “camarata do destino” (p. 184).

Entretanto a mulher do médico não se dobra à ideia de que o sábio será feliz mesmo sob tortura. Já vimos que a ira e a vingança não devem sempre ser rejeitadas, e apresentamos a cena em que se repudia, na prática, esta rejeição.

“A mulher do médico observava os movimentos daquele que não tardaria a matar” (p. 185); “*O cego da pistola tinha-se sentado na cama*” (p. 177<sup>100</sup>); “já parecia estar a oferecer-lhe o pescoço”; “*O sexo*

---

<sup>100</sup> Os fragmentos em itálico são todos da página 177, os sem o destaque são da

*flácido estava pousado na beira do colchão*”; “Devagar, a mulher do médico aproximou-se”; “*as calças enroladas*”; “Rodeou a cama”; “*Ajoelha-te aqui*”; “foi colocar-se por trás dele”; “*chupa*”; “A mão levantou lentamente a tesoura”; “*Ou chupas, ou bato-te*”; “As lâminas um pouco separadas”; “*Tenho as mãos no teu pescoço*”; “para penetrarem como dois punhais”; “*A mulher do médico inclinou-se para diante*”; “Neste momento, o último”; “*Com as pontas dos dois dedos da mão direita segurou e levantou o sexo pegajoso do homem*”; “o orgasmo retirara-o do mundo”; “*avançou a cabeça, abriu a boca, fechou-a*”; “fez descer violentamente o braço”; “*Fechou os olhos para não ver, começou a chupar*”; “A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou até ser detida pelas vértebras cervicais” (p. 185).

Em segundo lugar, entra em cena a personagem que não está entre as principais, mas foi ela quem deliberou sobre o término daquele inferno. Este episódio ocorreu após o acima relatado e que os cegos malvados mantiveram retida a alimentação. Foi a partir dos obstáculos que impediam a entrada na camarata dos malvados que a mulher do isqueiro ateou fogo, vingando-se dos opressores. Ela demonstra determinação: “Saiu sem dizer palavra, nem adeus, nem até logo” (p. 206). Uma aproximação com a mundividência estoica é a premissa de que o manicômio representa o mundo, e assim o incêndio simboliza a conflagração universal, rumo à palingenesia. A diferença é que ela fez o

---

página 185. Expomos desta maneira com o objetivo de facilitar o entendimento do sentido dos fatos narrados.

papel do *logos*, sendo que no rugir das famintas chamas continha o silêncio de sua voz alentando a cada um de seus colegas: “Estás livre” (p. 211).

São atitudes muito próximas, pois se compara o fogo à arma da mulher do médico: “um pequeno punhal de lume, vibrante como a ponta duma tesoura” (p. 206). Ela queimou as amarras do destino ainda que foi o seu próprio corpo “a alimentar a fogueira” (p. 206). Estas duas mulheres demonstram por ações que a sentença de que nascer é cair nas invisíveis malhas do destino deve ser substituída pela de que viver é conquistar as soberanas malhas da liberdade.

Finalizando este capítulo, reiteramos que Saramago não hierarquiza destino e acaso, mas aconselha a cada um conquistar a sua parcela de liberdade. Inverte-se aquela imagem de que somos como um cachorro puxado por uma carroça, que podemos seguir o destino ou ele nos arrastará. A proposta é estabelecer uma nova ordem e o conduzido vá à frente e passe a conduzir a carruagem. O que está devidamente evidenciado é que, conquanto há coisas que extrapolam o nosso poder: “Não governamos o tempo” (p. 150), a vida, este remendo cerzido no tempo, tem a potencialidade de modificá-lo.

## 5 INDIFERENÇA

De acordo com a metodologia adotada, este capítulo versará sobre a seção 1.3 cujo conteúdo principal é a dicotomia entre interioridade e exterioridade. E os estoicos apregoam que deve prevalecer a primeira para que a beatitude seja alcançada. Atentos à possibilidade de que possa haver anacronismo no que diz respeito a este conteúdo, esclarecemos estarmos cientes de que a tradução moderna do termo grego *eudaimonia* por felicidade não corresponde plenamente ao seu significado, porém em que pese a imprecisão das traduções, esta tem sua validade. Retomamos a ordem expositiva proposta na introdução e iniciamos com *O ano da morte*, seguido de *Ensaio e Todos os nomes*.

### 5.1 NA INDIFERENÇA DOS DEUSES

Para retratar a indiferença Saramago revelou ter se inspirado na nação portuguesa e que tinha a intenção de descrevê-la: “Escrever a história de uns tantos representantes de uma geração falhada e inútil” (SARAMAGO, 2008, p. 43). E assegura: “Esta sensação de sonolência, de apatia, de ‘apagada e vil tristeza’, não é só minha. Paira na atmosfera, respiramo-la, absorvemo-la e afundamo-nos nela” (SARAMAGO, 2008, p. 43). Fazendo o exercício de imaginar que outro nome caberia para esse livro o autor sugere um sub-título: “Contribuição para o diagnóstico da doença portuguesa” (SARAMAGO, 2010, p. 282). E coerente com este juízo, designa-lhe as patologias: “Este país [Portugal] preocupa-me, este país dói-me. E aflige-me a **apatia**, aflige-me a **indiferença**, aflige-me o egoísmo profundo em que esta sociedade vive” (SARAMAGO,



2010, p. 102, grifo nosso). Expomos excertos do romance que chancelam tal percepção: “Alguém transporta ao colo uma criança, que pelo silêncio portuguesa deve ser” (p. 12). Embasando-se nos imigrantes que reclamam da chuva: “Mais fortes razões teríamos nós de nos queixarmos e aqui estamos calados” (p. 13); Sobre os portugueses: “Indiferentes a grande molha que o universo espantam” (p. 13). E sobre os carregadores de malas: “(...) vende cada um o que tiver de sobejo, resignação, humildade, paciência” (p. 13). São fragmentos que evidenciam a subjugação e a subserviência diante dela<sup>101</sup>. O respaldo para tal comportamento contemplativo está na norma estoica de que a grande aspiração é tornarmo-nos iguais aos deuses:

“A agitação dos homens é sempre vã, os deuses são sábios e indiferentes<sup>102</sup>” (p. 372).

“Mas os deuses de Ricardo Reis são outros, silenciosas entidades que nos olham indiferentes” (p. 64).

E como estamos no embate entre os preceitos estoicos e a oposição a eles, apresentamos a costumada novidade do protagonista diferenciando-se do heterônimo. Fernando Pessoa revela-se decepcionado quanto às atitudes de Ricardo Reis: “(...) deixo-o a namorar a pequena, você afinal desilude-me, amador de criadas, cortejador de donzelas, estimava-o mais quando você via a vida à distância a que está, A vida, Fernando, está sempre perto” (p. 201). Ricardo Reis assume uma postura menos distante do que a de Fernando

---

<sup>101</sup> A exemplo do primeiro capítulo em que os itens sobre o destino e indiferença tinham aspectos em comum, aqui também se verificam intersecções.

<sup>102</sup> Esse fragmento está correlacionado com os versos do heterônimo: “Aceita. Os deuses nunca se revoltam” (PESSOA, 2007, p. 60).

Pessoa, sendo que este adere aos valores do heterônimo, pois: “nem um pingo d’água o molhava” (p. 249); Sobre as mulheres ele confessa ter sido apenas espectador: “Tive apenas a experiência de quem assiste e vê passar” (p. 404). E o narrador desvelando pensamentos do poeta admite que: “Se alguém cair eu não posso levantar” (p. 160).

Em ‘Uma visão holística’, o poeta afirmou que o heterônimo nada queria saber dos outros. Na narrativa, porém ele adota uma postura diversa. Enquanto jantava em um restaurante indagou-se sobre os homens que ocupavam aquele recinto: “quem seriam, que vidas teriam, atraídos porquê a este lugar” (p. 232). Logo após mudar-se para o Alto de Santa Catarina, ele se comove: “Tarde tão triste que do fundo da alma sobe uma vontade de chorar, aqui mesmo (...), separado do mundo” (p. 231). Aquele homem que se dizia “tão despegado” (p. 168) se vê em profunda tristeza e melancolia porque isolado. Bueno registra outra contenda entre o passado e presente: “(...) por um lado, ele [Ricardo Reis] procura transformar posturas que apregoam a alienação e a indiferença em relação ao mundo em normas de vida e, por outro, não consegue manter um distanciamento olímpico do mundo a que está exposto” (BUENO, 2002, p. 20).

O tema da efemeridade da vida está bem delineado, pois enfim Ricardo Reis decide-se sair do hotel e isto acarreta o distanciamento de Lídia que se lamenta por não ter “mais nada na vida” (p. 221). Está presente o preceito estoico de que devemos nos relacionar com as circunstâncias, conscientes de sua finitude, como se estivéssemos num albergue. Há, porém um momento em que Ricardo Reis age de forma diametralmente oposta, pois sente saudade do quarto de Bragança e o

que era “despido de afectos” (PESSOA, 2007, p. 95), torna-se, “(...) o impulso de afecto indiscriminado, geral e universal” (p. 48). Na ocasião em que ela o dispensou de perfilhar o filho: “num impulso, enfim, sincero, abraçou-a, e beijou-a, imagine-se, beijou-a muito, na boca” (p. 398). Conquanto soubesse que “um hotel não é uma casa” (p. 22), a comoção foi mais contundente e no clima de despedida, eles se emocionam, desenlaçam as mãos, mas enlaçam “todos sabemos o quê” (p. 222). Esta é uma situação em que o jardim agigantou-se ao pórtico. De outro lado, em Lídia também ecoam os conselhos do heterônimo: “Nem por isso, basta-me o que tenho agora, estar aqui deitada, sem nenhum futuro” (p. 221). Este tema ratifica a visão de que “há noite antes e após / O pouco que duramos” (PESSOA, 2007, p. 13). Este conteúdo é outro dos que perpassam as três obras e por isto será retomado no último item deste capítulo.

A temática que foi transposta à narrativa é a dicotomia entre a virtude e o vício. Estes dois conceitos são oriundos, para os estoicos, daquilo que acontece no interior do ser humano, por isso resultado de nossa vontade. A inferência é que o exterior não está no nosso controle, portanto é indiferente. Eles defendem uma fissura entre o interior e o exterior, como receita para a felicidade. E, por vezes, Ricardo Reis adere a essa concepção. “Sente frio nos pés, húmidos, sente também uma sombra de infelicidade passar-lhe o corpo, não sobre a alma, repito, não sobre a alma, esta impressão é exterior” (p. 34). A ênfase de que a infelicidade não está na alma, apenas no corpo demonstra a ruptura entre as duas realidades. Eis mais alguns excertos que comprovam tal adesão:

“(…) a miséria do próximo, bem próximo, a cinquenta, oitenta quilómetros de distância, e eu aqui, meditando no céu cruel e na indiferença dos deuses, que tudo é uma e mesmíssima coisa,” (p. 225).

“Ricardo Reis contempla as olhas da canja de galinha, acabou por escolher a dieta, obedeceu à sugestão, por indiferença, não por lhe ter encontrado particular vantagem” (p. 26).

“Está Ricardo Reis nesta contemplação, alheado, desprendeuse do motivo que o levou ali, só está olhando” (p. 457).

“O cérebro [do protagonista] funcionava sem ligação consciente com o exterior” (p. 127).

Sendo que há “Uma porta fechada entre ele e o resto do mundo” (p. 270), ou até mesmo “quatro paredes cegas” (p. 245), perguntamos ao narrador que mundo é este que o protagonista apenas espia, através de sua “coragem gelatinosa” (p. 226).

Ele informa que o tempo tem melhorado, mas: “O mundo vai a pior” (p. 287). Nesta *viagem a Portugal* menciona duas centenas de pessoas residindo num prédio, no Porto:

“sem luz para se alumiares dormindo a esmo, acordando aos gritos, as mulheres em bicha para despejarem as tigelas da casa” (p. 206).

“aquelas vinte e três pessoas que vieram do Alentejo, mordidas por um gato atacado de raiva” (p. 103).

“Há gripe em Portalegre e febre tifoide em Valbom” (p. 29).

Além do “(...) problema da fome portuguesa” (p. 291), “há cheias por toda parte, destruições” (p. 154).

Ao relatar as aglomerações de pessoas aguardando a esmola do bodo do século o narrador expressa os pensamentos do Estado corrupto

e interesseiro: “diga-me se não valia mais deixá-lo morrer, poupava-se o vergonhoso espectáculo” (p. 104). Esta assertiva é semelhante à do *Ensaio* “morrendo-se o bicho acabava-se a peçonha” (1995, p. 89). E as semelhanças com a narrativa da mulher do médico transcendem esta frase. Afinal o cenário acima descrito é tão kafkiano quanto o da quarentena, onde temos os tais “Males da vista cansada” (p. 290-1), por isso “Não sabemos onde pôr os pés” (p. 288).

Ratificamos a já mencionada ligação do estoicismo com o cristianismo, pois Ricardo Reis, leitor de Padre Antônio Vieira, encontra respaldo nos sermões, para esta postura ensimesmada. “Revolvi a vossa casa, buscai a coisa mais vil de toda ela, e achareis que é a vossa própria alma” (VIEIRA, 1998, p. 105; SARAMAGO, 2011, p. 248). A frase transcrita ao sermão do padre é do autor de *Cartas a Lucílio*: “Ouvi uma verdade de Sêneca (...) Nihil est homini se ipso vilius: Não há coisa para conosco mais vil que nós mesmos” (VIEIRA, 1998, p. 105). A crítica principal neste romance é ao estoicismo, e neste caso também há um repúdio ao cristianismo, visto que eles defendem valores em comum.

A partir desta cisão do interior com a exterioridade, constatou-se na seção 1.3 que da indiferença podem decorrer a altivez ou a estultice. Ricardo Reis se enquadra, por vezes, na segunda. Não obstante a conjuntura precária, o clima é de tranquilidade:

“Sossego que vem das ruas é o que está nos espíritos” (p. 195).

“Neste nosso oásis de paz assistimos, compungidos, ao espectáculo duma Europa caótica e colérica” (p. 157).

“Abandono que Ricardo Reis se entregou, desleixado já no modo de vestir, cuidando mal de sua pessoa” (p. 434).

“(…) os homens são assim, tem um dilúvio ao pé da porta e não dão por ele” (p. 62).

Como se esta conjuntura fosse trivial, o narrador faz referência ao poema “Os jogadores de xadrez<sup>103</sup>” e descreve uma série de atrocidades: “Addis-Abeba está em chamas, as ruas cobertas de mortos, os salteadores arrombam as casas, violam, saqueiam, degolam mulheres e crianças, enquanto as tropas de Badoglio se aproximam” (p. 334). Diante disso apenas “Uma sombra passa na frente alheada e imprecisa de Ricardo Reis<sup>104</sup>” (p. 335); Esta tranquilidade alcança-se pela postura, já citada, de não querer saber, que é o mesmo que não querer ver. Neste ponto há uma convergência com o heterônimo que afirma: “Nada pode o homem contra a externa vida./Deixa haver a injustiça” (PESSOA, 2007, p. 63).

A justaposição de acontecimentos políticos com as ocupações do poeta demonstra que ele vivia alienado.

por estes dias foi declarado ilegal o partido  
fascista Falange Espanhola e preso o seu dirigente  
José António Primo de Rivera, por estes dias se  
publicou o Desespero Humano de Kierkegaard,  
por estes dias, enfim, se estreou no Tivoli a fita  
Bozambo, que mostra o benemérito esforço dos

---

<sup>103</sup>Transcrevemos aqui uma estrofe: “Mesmo que, de repente, sobre o muro/Surja a sanhuda face/Dum guerreiro invasor, e breve deva/Em sangue ali cair/O jogador solene de xadrez./O momento antes desse/É ainda entregue ao jogo predileto/Dos grandes indif’rentes” (PESSOA, 2007, p. 52).

<sup>104</sup> “Uma sombra ligeira / lhes passasse na frente alheada e vaga” (PESSOA, 2007, p. 54).

brancos para anularem o terrível espírito guerreiro dos povos primitivos, por estes dias, e Ricardo Reis outra coisa não tem feito que procurar casa, dia após dia (p. 224).

Segundo Perrone-Moisés: “Ricardo Reis recusa-se a participar da história, pretendendo manter-se apenas como observador da mesma” (PERRONE-MOISÉS, 1999, p. 106). Entre as “interessantes mudanças” (p. 443) está a de que “uma pequenina chama de curiosidade” (p. 442) o leva pela primeira vez na vida a assistir um comício político, mas volta de lá com a peremptória conclusão de que “a comícios não torno” (p. 448).

E a separação do mundo com objetivo de chegar à felicidade ocorre através de “paredes cegas” (p. 245), de um “muro” (p. 305) ou até mesmo pelo jornal: “para escapar às solitudes de Salvador, o jornal, por falar do mundo geral, servia de barreira contra este outro mundo próximo e sitiante” (p. 54-55). Existe um paralelo entre Ricardo Reis e Rockefeller. Este também se evadia do mundo real, pois recebia a beatitude impressa, “felicidade rigorosamente pessoal e intransferível” (p. 294), com as forjadas boas notícias.

Claro que há uma crítica aos meios de comunicação que, durante o salazarismo (só?) eram, no mínimo tendenciosos<sup>105</sup> e que punham, sem remorso, nas páginas informativas, qual numa jarra, flores. Foi numa jarra que o primeiro cego do *Ensaio* se feriu, tenta estancar a sangria com um lenço e vai sentar-se no “sofá onde ele e a mulher viam a televisão” (p. 16). Os meios de comunicação reproduziam e

---

<sup>105</sup> “Mas olhe que a imprensa de cá também se derrete em louvações, pega-se num jornal e fica-se logo a saber que este povo português é o mais próspero e feliz da terra” (SARAMAGO, 2011, p. 310).

propagavam a cegueira: “(...) vivendo à custa de sensacionalismos de todo o tipo, das graças e desgraças alheias, não estavam dispostos a perder nenhuma ocasião que aparecesse de relatar ao vivo,” (p. 124). Nas entrelinhas do livro de Saramago há o endosso do protesto que o visceral Álvaro de Campos expressou: “Ora porra!/ Então a imprensa portuguesa é/ Que é a imprensa portuguesa?/Então é esta merda que temos/que beber com os olhos?/Filhos da puta! Não, que nem/ há puta que os parisse” (PESSOA, 2007a, p. 136). Só a portuguesa?

Como há intersecções entre os capítulos, nesta temática repete-se o contraponto que Lúcia representa a Ricardo Reis. Ele anda “a fugir de revoluções” (p. 87), enquanto ela anda a “fazer a revolução” (p. 63). Outra diferença em relação ao protagonista é que Lúcia, mulher “inteligente, desembaraçada” (364) é “difícil de contentar” (p. 221). Embora não tenha tido acesso a muita instrução formal, ela é capaz de debater com ele de forma igualitária. “(...) uma coisa eu aprendi, é que as verdades são muitas e estão umas contra as outras” (p. 436). Inclusive, é irônica: “Eu não sou nada, não tenho instrução, o senhor doutor é que deve saber, com tantos estudos que fez para chegar à posição que tem, acho que quanto mais alto se sobe, mais longe se avista” (p. 420). Como já expusemos no capítulo quatro, Lúcia conquanto admita a existência do destino, não espera que ele faça o que está ao seu alcance. Sendo que estamos atentos à possibilidade de repetição de personagens, seria legítimo questionar-nos se a Lúcia não teria voltado no *Ensaio* como a mulher do médico. A resposta é negativa pelo fato de que a camareira tem “três braços” (2011, p. 61) e a mulher



do médico, é a “única mulher com dois olhos e seis mãos” (1995, p. 266).

Extrapolando as fronteiras geográficas, passamos ao *Ensaio*.

## 5.2 METADE DE INDIFERENÇA

No tópico anterior o autor confidenciou que teve como modelo a nação portuguesa para escrever *O ano da morte* (2011). Porém no *Ensaio* (1995), ucrônico e atópico, são retratados igualmente comportamentos apáticos e indiferentes.

O autor comenta o viés desta narrativa: “*Ensaio sobre a cegueira* é uma espécie de *imago mundi*, uma imagem do mundo em que vivemos: um mundo de intolerância, de exploração, de crueldade, de **indiferença**, de cinismo” (SARAMAGO, 2010, p. 296, grifo nosso). Em 1993, em fase de elaboração do romance, Saramago associa a epidemia à indiferença: “Como evitar que fiquemos, nós, também, imersos numa outra espécie de brancura, que é a ausência de sentir, a incapacidade de reagir, a indiferença, o alheamento?” (SARAMAGO, 1997a, pp. 69-70).

Disto inferimos que as posturas alheadas não são singularidades do povo português, mas universais<sup>106</sup>. E para ratificar esta opinião, expomos o fragmento de uma crônica. Ela relata a condenação a mil anos de prisão de um negro por estupro de uma branca, nos Estados Unidos da América, embora a mulher tenha declarado em juízo que a relação foi consentida. O então cronista finaliza:

---

<sup>106</sup> Assim como o que Álvaro de Campos afirmou sobre a imprensa portuguesa, é válido para mídias de outras nações.

Que se tenha encontrado júri para esta condenação, não espanta. Mas também não sabemos se devemos espantar-nos perante o facto de cento e sessenta milhões de americanos ficarem provavelmente indiferentes a ela... A indiferença, caro leitor, alastra como um cancro (SARAMAGO, 1990, p. 41).

Confirma-se o imbricamento dos temas, pois esta é uma réplica a Bernardo Soares, que assevera: “A acção é uma doença do pensamento, um cancro da imaginação” (PESSOA, 2006, p. 308).

Antes de expormos comportamentos similares ao da crônica, explanaremos uma convergência do *Ensaio* com o estoicismo. Vimos, no capítulo segundo, a consonância dessa doutrina com a obra de Saramago no que diz respeito à verve ética e também na utilização da imagem da cegueira. Demonstraremos, na sequência, a convergência entre o significado da cegueira do romance e o mal moral para os estoicos.

A moralidade, para o pórtico, é o nicho da liberdade, é a partir dela que conseguimos aportar no horizonte da virtude. Foucault destaca o matiz de uma moral introspectiva no helenismo denominada por ele como “esforço de reelaboração de uma ética do domínio de si” (FOUCAULT<sup>107</sup>, 1985, p. 101). E os personagens, embora incidem no comunitário, suas ações ou a falta delas decorrem de uma introspecção, realçando a primazia do ser individual sobre *o animal político*. “A cegueira é uma questão privada entre a pessoa e os olhos com que nasceu” (p. 39). A narrativa também apregoa que cabe a cada um deliberar, pois a conclusão é sentenciosa: “Se queres ser cego, se-lo-ás” (p. 129). A opinião é que buscando a virtude, deixaremos de sermos os

---

<sup>107</sup> 1926-1984.

piores cegos. O não cego da narrativa é o sábio, aquele ser totalmente virtuoso, raríssimo, e neste caso, a mulher do médico.

Outra aproximação é sobre a moralidade, que está sediada no interior humano, o assentimento é de uma perspectiva do agente. Sêneca também defende que o mal vem do interior: “Para quê iludirmo-nos? O nosso mal não vem do exterior, está dentro de nós, enraizado nas nossas vísceras, e, como ignoramos o mal de que sofremos, só com dificuldade recuperamos a saúde” (SÊNECA, 2004, p. 170-171). Esta é uma percepção endossada na narrativa: “o mal é sermos cegos” (p. 102); e é um defeito que vem do interior, ao designá-la como “um mal de espírito” (p. 90). Os olhos são apenas dispositivos. “O cérebro é que realmente vê” (p. 90). O relato associa o mal ao espírito ao indicar que o dos mortos estaria mais livre para o fazerem.

Nesta mesma perspectiva, ambos, Saramago e estoicos defendem que é um mal cuja cura é menos buscada pelo fato de que é uma doença ignorada pelos seus portadores. O alerta é de Sêneca: “Sucede o contrário às doenças que afectam o espírito: quanto piores nós estamos menos damos por elas!” (SÊNECA, 2004, p. 183) Esta a narrativa assente, pois um cego, antes da epidemia, vangloriou-se da sua vista. “Que eu até me gabava de não usar óculos, nunca precisei,” (p. 14); “Os cegos não vão ao oftalmologista” (p. 21). Embora o lugar da quarentena fosse horrendo, a percepção dos cegos era distinta: “era tudo branco, luminoso, resplandecente, que o eram as paredes e o chão que não podia ver” (p. 96). Uma cegueira luminosa é um paradoxo semelhante a uma ‘doença saudável,’ quanto mais doentes – cegos -, mais saúde – luminosidade - julgamos possuir.

Como o assunto é a moralidade, dela decorre o mal, o vício, mas também a virtude. O narrador menciona o estado de espírito da mulher do médico que estava “propício ao entendimento das necessidades e das circunstâncias” (p. 119) que influenciou em acolher o velho da venda preta no grupo. Logo, entre o mal moral na visão estoica e a cegueira na visão saramaguiana detectamos estas convergências: Ambos provém do interior, são produtos de deliberação e são denegados. No entanto, a partir deste ponto surge uma divergência. A ressalva de Saramago é que o mal que provém do interior não é o único existente, ao contrário do que preconiza a filosofia do pórtico.

No segundo capítulo mencionamos a dialética que há entre o sujeito observador e o objeto observado. A inferência é que a visão não é imparcial, ela amolda os objetos, sendo principalmente ela que propulsa a interação com as circunstâncias. Mas os cegos optaram por perdê-la e aderiram à cisão entre o exterior e o interior. Desembocamos assim em fatos similares aos do exemplo da crônica citada acima, em que as pessoas se munem “daquela segunda pele a que chamamos egoísmo<sup>108</sup>” (p. 169).

O título dessa seção é uma fala do médico que ao ligar para o Ministério da Saúde, foi alvo de deboche: “Nesse caso o que você deverá fazer é chamar um médico, um médico autêntico, retorquiu o funcionário” (p. 40). Desolado, ele lamentou: “É desta massa que nós somos feitos, **metade de indiferença** e metade de ruindade” (p. 40,

---

<sup>108</sup> Migrando para outra obra, ao relatar que Ricardo Reis não perguntou sobre a condição do espectro Fernando Pessoa, diz o narrador. “Nós, os vivos, somos egoístas e duros de coração” (SARAMAGO, 2011, p. 225).

grifo nosso). E a primeira metade está exposta através das palavras pensadas por algumas mulheres quando souberam que não eram elas que seriam violentadas naquele dia: “Folguem portanto as mulheres das camaratas da ala direita, com o mal das minhas vizinhas posso eu bem,” (p. 169). Mesma frase proferida pelo cego ladrão, quando o médico pediu que deixassem de discussões: “Com o mal dos outros posso eu bem” (p. 55). Ao saber a notícia da morte da cega das insônias, um dos opressores, referindo-se aos favores sexuais, vomitou: “Ó diabo, então vocês terão de trabalhar mais na próxima vez,” (p. 183).

Expomos alguns exemplos de comportamentos que estão: “contra todas as regras de humanidade” (p. 69). Quando o ferimento do ladrão agravou-se, ele começou a delirar e foi buscar ajuda: “Puxava, como um saco, a perna ferida. Ninguém deu por ele,” (p. 77). Depois da chacina que os soldados cometeram, os sobreviventes permaneceram apáticos: “Ninguém parecia interessado em saber quem tinha morrido” (p. 92). E a própria narrativa faz a conexão com ocorrências hodiernas: “É um velho costume da humanidade, esse de passar ao lado dos mortos e não os ver, disse a mulher do médico” (p. 284). Lins faz uma análise da pós-modernidade que coincide com esta conjuntura. “O universo da indiferença se impõe como norma de conduta estrutural” (LINS, 2006, p. 173).

Concluimos que os cegos do *Ensaio* viviam estoicamente à medida que fecharam a janela da alma que faz a interação com o exterior, eles viam apenas um “muro branco” (p. 15). E os próximos excertos deixam clara a refutação da narrativa a este preceito estoico, pois tais atitudes não os levam à felicidade:

“ridículas aflições tiveram de sofrer os infelizes” (p. 133); “Infelizes invisuais” (p. 224); “Pobres infelizes” (p. 196).

A reprovação da fissura entre o exterior e o interior é reforçada: “(...) sujidade insuportável da alma. Do corpo, disse, como para corrigir o metafísico pensamento, depois acrescentou, É o mesmo” (p. 265). Estas afirmações são ditas pela mulher do médico, e é mais uma contraposição a Ricardo Reis, pois este sentiu “uma sombra de infelicidade passar-lhe o corpo, não sobre a alma” (2011, p. 34). Em *Todos os nomes* esta reprovação também ocorre: “(...) sujo o corpo, magoado o espírito, e ambos infelizes” (1997, p. 99).

Através da protagonista corroborem a contestação de que o mal está apenas no interior, porquanto por situações externas sentiu-se atingida. Ela age tendo como base a máxima filosófica citada por Saramago “Eu sou eu e minha circunstância” (ORTEGA Y GASSET, apud SARAMAGO, 1997a, p. 09). No momento em que vê um corpo humano sendo devorado: “Como se o seu próprio corpo, ainda vivo estivesse a ser sacudido pelos cães” (p. 251). Depois do incêndio, quando vagavam pela cidade, ela encontrou uma velhinha suplicando por comida e a ajudou, pois: “Só um coração de pedra teria sido capaz de fingir indiferença diante daqueles olhos suplicantes” (p. 247).

A única vidente dirigiu-se ao ladrão, preocupada com o seu ferimento e ele declarou saber que ela via. “(...) o doente agarrou-a por um braço e puxou-a para si, obrigando-a a aproximar a cara, Eu sei que a senhora vê,” (p. 75). Confirmada por uma reação similar quando ela confessou para a rapariga ter ficado imune. “A rapariga ficou imóvel, serena, (...) era como se já o soubesse desde o primeiro dia e só não

tivesse querido dizê-lo em voz alta” (p. 172). Obviamente pelas atitudes da mulher do médico eles sabiam da condição dela. Até o cão notou que ela não cegou. “(...) o cão das lágrimas que segue a mulher do médico, não anda ao cheiro de carne morta, acompanha uns olhos que ele bem sabe estarem vivos” (p. 233). Sobre o cão das lágrimas já dissertamos no capítulo terceiro e frisamos que ele também não cegou.

Para finalizar este tópico, expomos a opinião do autor expressa nas narrativas. Na visão estoica, temos de um lado a felicidade e a indiferença como condição para alcançá-la. Ele reverte-a: “É-me indiferente o conceito de felicidade, para mim tem mais importância o que eu chamo de serenidade e harmonia” (SARAMAGO, 2010, p. 46). O mecanismo originário era o de aderir a uma (indiferença) para conseguir a outra (felicidade). Mas habilmente, ele adere à primeira para negar a segunda. Portanto, sabemos que o preceito de que devemos ser indiferentes para alcançar a felicidade é contestado, como a epígrafe da tese evidencia. Mas consente com a serenidade e a harmonia, também objetivos estoicos.

Prosseguindo com alternativas propostas à indiferença universal, expomos a abordagem de *Todos os nomes* (1997).

### 5.3 ESTAS PALAVRAS ESTOICAS

A expressão do título foi proferida enquanto o personagem ainda estava no colégio e aguardava o anoitecer como precaução para não ser visto por pessoas que transitassem pela rua: “(...) o Sr. José respondeu à necessidade com **estas palavras estoicas**, Ora, um dia não

são dias, não se morre por passar umas horas sem comer” (p. 103, grifo nosso).

Mencionamos em outros itens, algumas aproximações do Sr. José com o semi-heterônimo pessoano Bernardo Soares. Uma das frases deste último é: “O meu estoicismo é uma necessidade orgânica. Preciso me couraçar contra a vida” (PESSOA, 2006, p. 367). E esta é uma postura adotada pelo Sr. José no contexto da expressão em tela, ele está lançando mão do estoicismo de forma similar, uma vez que se refugiou na frase para couraçar-se. Enquanto está no cemitério, vem à tona novamente um pensamento com o mesmo teor: “(...) nunca ninguém morreu por ter prolongado o intervalo entre duas refeições, salvo quando a segunda tardou tanto a ser servida que já não veio a tempo de servir” (p. 235). Mais um período que poderia vir anteposto com ‘*estas palavras estoicas*’: “Nem sempre se pode ter tudo, pensou para consolar-se” (p. 33).

No item correspondente do primeiro capítulo, enumeramos algumas realidades às quais o estoicismo apregoa a indiferença, e neste tópico enfatizaremos a indiferença em relação a dois aspectos: aos bens materiais e à morte.

Sobre as riquezas, vale o mesmo preceito que já foi retomado neste capítulo, sendo elas externas, não contribuem para a felicidade do indivíduo. Retomamos com uma ideia manifestada por Sêneca: “A generalidade das pessoas, porém, deixa-se cegar e fascinar pela riqueza material” (SÊNeca, 2004, p. 667). Epicteto ressalta o contrassenso das pessoas que se afadigam de preocupação com os bens materiais enquanto o bem mais precioso, que é a alma, costumeiramente é



negligenciado (DUHOT, 2006). O autor de *Cartas a Lucílio* alerta para as escolhas equivocadas:

(...) se houver uma pequena discórdia quanto à medida de seus limites [das propriedades], os homens recorrem a pedras e armas, no entanto, permitem que outros se intrometam em suas vidas, a ponto de eles próprios induzirem seus futuros possesores<sup>109</sup> (SÊNECA, 1993, p. 28).

E *Todos os nomes* (1997) assente com esta visão ao afirmar que as pessoas sem horizontes de espírito têm os pensamentos apenas “para os interesses e ganhos materiais” (p. 149). Segundo o narrador: “A fama, aí de nós, é um ar que tanto vem como vai” (p. 29). A narrativa assevera que são frágeis as “glórias mundanas e divinas” (p. 242), e o estoicismo está de acordo com a fugacidade das primeiras.

No *Ensaio* também há excertos que ratificam a ideia de indiferença quanto às posses. “Desfaziam-se do que possuíam com uma espécie de indiferença, como se pensassem que, vistas bem as coisas, não há no mundo nada que em sentido absoluto nos pertença” (p. 143). Como não há a concordância com a visão maniqueísta, são elencadas posturas, por vezes louváveis dos cegos que viam as coisas como um viajante num albergue: “(...) nós, os cegos, por assim dizer, não temos praticamente nada a que possamos chamar nosso, a não ser o que levamos no corpo” (p. 216).

---

<sup>109</sup> Há um paralelo significativo com *A caverna*. Uma das frases estampadas no centro era essa: “VENDER-LHE-ÍAMOS TUDO QUANTO VOCÊ NECESSITASSE SE NÃO PREFERÍSSEMOS QUE VOCÊ PRECISASSE DO QUE TEMOS PARA VENDER-LHE” (SARAMAGO, 2000, p. 282). Sêneca constata: “A civilização do luxo é um desvio em relação à natureza: dia-a-dia cria novas necessidades, que aumentam de época para época; o engenho está a serviço dos vícios” (SÊNECA, 2004, p. 445). Essa afirmação poderia ser atribuída a sociólogos do século XX, mas é da autoria de quem viveu nos primórdios da era cristã.

Em segundo lugar, existe a apregoadada indiferença estoica em relação à morte. Vimos no capítulo segundo que este tema perpassa as três narrativas. Os estoicos são adeptos à prática do suicídio, contrariando inclusive outra de suas teorias, o instinto de conservação. O vaticínio do Barão de Teive, em *A educação do estoico*, sintetiza: “O que me levará ao suicídio é um impulso como o que leva a deitar cedo” (PESSOA, 2006a, p. 17). E esta forma banal de encarar a morte foi expressa também por Epicteto. Para ele morrer é como utilizar-se de uma porta: “Sempre existe uma alternativa, uma porta de saída” (EPICTETO apud DUHOT, 2006, p. 128). É correspondente em *Todos os nomes* tal familiaridade, pois a menção à professora de matemática é esta: “Tudo se passou como se ela não tivesse feito mais do que abrir uma porta e sair ou entrar” (p. 267). E o Sr. José dorme no cemitério e sente “tranquilo como se estivesse” (p. 231) em casa. E é acordado por um pastor que traz suas ovelhas para se alimentarem. Este pastor, tal como um mestre, confunde a cabeça do Sr. José, pois demonstra que “nem tudo é o que parece” (p. 239). Este pastor aproxima-se bastante de Alberto Caiero, pela vida bucólica e pela postura sábia e simples diante do grande mistério da vida que é a morte.

Retomando a apologia ao suicídio, Sêneca assevera:

“Se lhe deparam muitas situações graves, muitos obstáculos à sua tranquilidade, o sábio retirar-se-á” (SÊNECA, 2004, p. 264).

“Se é imoral viver impetuosamente, morrer num ímpeto, pelo contrário, é admirável” (SÊNECA, 2004, p. 270).

E este teor de indiferença é evidenciado em *O ano da morte*: “a morte devia ser um gesto simples de retirada, como do palco sai um ator

secundário, não chegou a dizer a palavra final, não lhe pertencia, saiu apenas, deixou de ser preciso” (2011, p. 288). Neste romance existe a assertiva que faz a conexão entre vida e a morte: “Um morto que não se respeita, não mereceu ter vivido” (2011, p. 449). Que é muito semelhante à opinião de Sêneca: “Quem não souber morrer bem, terá vivido mal” (SÊNECA, 1980, p. 207). O filósofo estoico afirma que: “(...) o que importa não é estar vivo, mas sim viver de forma digna” (SÊNECA, 2004, p. 264). E há uma assertiva semelhante no *Ensaio*: “Um dia, quando compreendermos que nada de bom e útil podemos já fazer pelo mundo, deveríamos ter a coragem de sair simplesmente da vida,” (p. 293).

Neste caso Saramago está alinhado aos preceitos estoicos, sendo a morte inevitável, aceitamo-la. Inclusive vê algo de bom nela: “com ela acaba-se tudo” (p. 194). E também é afirmado que ela deveria ser “um alívio” (2011, p. 305). Afinal é repetido por três vezes que “Contra a morte não se pode fazer nada” (p. 234) revelando que não há “poder que vença as parcas três” (PESSOA, 2007, p. 17). No entanto, o autor ressalta que, por vezes ela pode ser vista de forma ideológica, alguém pode perfidamente fazer apologia dela aos inimigos. É citado, em *O ano da morte*, um episódio em que Unamuno “cometeu a crueldade moral de recomendar ao presidente Azaña que se suicidasse” (2011, p. 424). E constata ironicamente que: “Há entre os nossos portugueses muita sede de martírio” (2011, p. 289). Ou seja, uma predileção doentia pela morte.

E a morte remete à efemeridade da vida que é outro ponto em comum entre as três obras. Os desencontros são recorrentes, “ficará

sempre uma palavrinha por dizer” (2011, p. 200), pois Ricardo Reis não reencontra a Marcenda, a rapariga dos óculos escuros não reencontra seus pais, e o Sr. José vive uma situação peculiar, não reencontra a sra. do rés-do-chão direito e também não reencontra quem sequer ele havia encontrado, a mulher desconhecida. O momento mais íntimo entre eles ocorre na casa dela, onde ele ouve a sua voz na secretária eletrônica, como uma música de um instrumento já inexistente, tocado pelas batidas de seu coração.

## 6 ESTRATOS ESTOICOS

Este último capítulo verifica de que forma o conteúdo da subseção 1. 4 – Estoicismo: dupla interpretação – foi transposto para as narrativas. Vimos que os princípios estoicos podem ser interpretados, ao menos, de duas maneiras: como uma exortação à ação ou como uma apologia à inação. Similar ao referido tópico do primeiro capítulo, este aqui condensa todos os itens anteriores, a saber, primazia da razão, destino e indiferença. Para encerrarmos as convergências e as divergências quanto à interpretação dos princípios, tomamos como referência as principais personagens das narrativas. Sr. José, a mulher do médico e o médico. Novamente subvertemos a ordem expositiva proposta na introdução e iniciamos pelo auxiliar de escrita.

### 6.1 TODOS OS NOMES

Vimos que do ponto de vista temático *Todos os nomes* persiste com os temas do *Ensaio* e *O ano da morte*. Verificaremos em que medida, Sr. José absorve algumas características tanto de Ricardo Reis quanto da mulher do médico. Afinal acreditamos que demarcando semelhanças e diferenças entre os personagens agregará elementos relevantes para a análise. Empreendemos verificar esta mediação tendo como respaldo a definição de Bakhtin sobre o dialogismo:

Representar o homem interior como o entendia Dostoievski só é possível representando a comunicação dele com um outro. Somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se ‘o homem no homem’, para

outros e para si mesmo (BAKHTIN, 1981, p. 222, grifo do autor).

Evidenciaremos algumas similaridades do Sr. José com Ricardo Reis.

Vimos que os eventos aparentemente desagradáveis estão trabalhando para a harmonia do todo universal uno e indivisível sob a sábia condução do *logos*. A desordem é aparente e ilusória. Esta teoria está exemplificada em *Todos os nomes*. Sr. José colecionava recortes de jornais de pessoas célebres, segundo já mencionamos, e o narrador diz que a coleção “parece-se muito com a vida” (p. 30). Mas contesta que “o mundo é o efeito da ordem divina” (DUHOT, 2006, p. 158), pois segundo ele, essa ordenação é precária ocorre sem o auxílio dos deuses.

Pessoas assim, como este Sr. José, em toda parte as encontramos (...), talvez por não conseguirem suportar a ideia do caos como regedor único do universo, por isso com suas fracas forças e sem ajuda divina, vão tentando pôr alguma ordem no mundo (p. 23).

Ricardo Reis também se valia da perspectiva de buscar comodidade na ordem. “Há pessoas que têm essa mania, exultam com as aliterações, com as repetições aritméticas, cuidam que graças a elas ordenam o caos do mundo” (2011, p. 310); “Ricardo Reis tem um espírito que sempre procura encontrar simetrias nas irregularidades do mundo” (2011, p. 255).

As personalidades dos dois personagens têm aspectos em comum: “(...) este Sr. José, tão pacífico de seu natural, tão cordato de costumes” (p. 57). Ricardo Reis depõe ser “uma pessoa pacífica” (2011, p. 211). Mais dois fragmentos em que se nota a presença de Ricardo Reis, heterônimo, nesta narrativa. O narrador afirma que o Sr. José, “é fácil de contentar” (p. 103). E apresenta esta reflexão. “Aliás, se

persistíssemos em afirmar que as nossas decisões somos nós que as tomamos, então teríamos de principiari por dilucidar, por discernir, quem é, em nós, aquele que tomou a decisão e aquele que depois irá cumprir” (p. 42). Esta constatação reverbera o poema:

“Vivem em nós inúmeros;/Se penso ou sinto, ignoro/Quem é que pensa ou sente./Sou somente o lugar/Onde se sente ou pensa” (PESSOA, 2007, p. 109).

Sr. José, na nebulosidade entre a mentira e a verdade, muitas vezes opta, como “um jogador de xadrez experiente” (p. 94), pela primeira, e Ricardo Reis, “jogador de xadrez” (2011, p. 336), também adere à mesma artimanha em conversas com Fernando Pessoa e Lídia.

Porém, onde há semelhanças, haverá diferenças e um exemplo das primeiras é a pergunta que ambos fazem:

“E agora, perguntou, E agora Ricardo” (SARAMAGO, 2011, p. 48).

“E agora, José, perguntou-se.” (SARAMAGO, 1997, p. 105).

Mas dão respostas diferentes:

Ricardo Reis: “ou lá quem és, diriam outros” (SARAMAGO, 2011, p. 48).

Enquanto o Sr. José: “Agora procurar, respondeu” (SARAMAGO, 1997, p. 105).

Frisamos que o excerto sobre Ricardo Reis é de um pensamento que desemboca em outro pensamento, enquanto o pensamento do Sr. José desemboca em uma ação, a de procurar. Esta é a distinção que

destacamos, pois não obstante, Sr. José ter características próximas de Ricardo Reis, ele gradativamente engendra um novo Sr. José.

Afinal, depois de ter voltado do Cemitério e tendo dialogado com o pastor de ovelhas notou que o mundo onde vivia era pequeno: “Abriu os olhos para o mesquinho espaço em que vivia há tantos anos” (p. 246). Outro progresso foi que “por obra de tenacidade e inteligência, conseguira vencer os seus próprios medos” (p. 229), e demonstrou “uma coragem” (p. 237) inusitada provando que “é nas ocasiões de mais extremo apuro que o espírito dá a autêntica medida de sua grandeza” (p. 237).

Consideramos esta transformação que ele vai se deslocando de características do Ricardo Reis e aproximando-se da postura da mulher do médico<sup>110</sup>. E é explicitada: “Pela primeira vez na sua vida de pessoa pacífica sentiu um ímpeto de fúria” (p. 252). Índícios desta mudança aparecem no início da narrativa: “o melhor é que te resignes a ser quem és. Mas o Sr. José não queria resignar-se” (p. 48). Neste caso, entendemos que o Sr. José adere inicialmente ao primeiro estrato estoico, contemplativo, que se contenta com as coisas como elas são e, portanto, atrai o horizonte a si, adequando as ideias. De outro lado, a principal transformação dele ocorre ao infiltrar-se no segundo estrato, de quem usa o estoicismo para mobilizar-se e intervir no ambiente em que vive.

---

<sup>110</sup> É feita uma velada alusão a ela: “há muitas pessoas que não mexeriam um dedo para evitar a consumação do acto violento, (...) mas há outras pessoas que se não salvam o mundo é só porque o mundo não se deixa salvar” (p. 87).



Por outro lado, o fato de o Sr. José ter características similares a Ricardo Reis da narrativa e do heterônimo, não contradita as semelhanças já apresentadas com Bernardo Soares. Afinal a frase de Bernardo Soares exposta na epígrafe de *O ano da morte*: “Escolher formas de não agir foi sempre a atenção e o escrúpulo da minha vida” (PESSOA, 2006, p. 142) são endossadas aludindo ao Sr. José: “(...) não há nada que mais canse uma pessoa que ter de lutar” (p. 27).

Constatávamos no capítulo segundo a influência da leitura da poesia de Ricardo Reis neste romance do Sr. José: “Aquele amor que não chega a ser porque não se realiza nunca” (SARAMAGO, 2008, p. 30), mas em *Todos os nomes* também há uma percepção semelhante de Bernardo Soares: “nunca amamos alguém. Amamos, tão-somente, a ideia que fazemos de alguém” (PESSOA, 2006, p. 137). Esta é a situação do Sr. José em relação à mulher desconhecida.

A atitude de fazer recortes de jornais de pessoas famosas era uma forma de viver a vida deles por empréstimo, tal como a filosofia de vida de Bernardo Soares:

Parecendo às vezes, à minha análise rápida, parasitar os outros, na realidade o que acontece é que os obrigo a ser parasitas da minha posterior emoção. Habita o meu viver as cascas das suas individualidades. Decalco as suas passadas em argila do meu espírito e assim mais do que eles, tomando-as para dentro da minha consciência, eu tenho dado os seus passos e andado por seus caminhos (PESSOA, 2006, p. 294-5).

Além disso, é reproduzido que ele tinha estes hábitos: “depois de ler num jornal a notícia da grande vida múltipla de um homem célebre” (PESSOA, 2006, p. 162). E esta postura está conectada à convicção de Bernardo Soares em relação ao sonho: “(...) como hei-de,

em certa ocasião, ou sonhar ou agir. Misturo uma coisa com a outra” (PESSOA, 2006, p. 43). E o Sr. José também faz esta mistura: “Os dias que faltavam da semana viveu-os o Sr. José como se estivesse a assistir aos seus próprios sonhos” (SARAMAGO, 1997, p. 84). Há uma mescla de sonho com realidade o fato de ele ter ido, noite avançada, até a rua da mulher desconhecida, pois há um interrogatório imaginário como objetivo de: “Provar que tudo isso não foi um sonho” (1997, p. 43).

Mas “quanto maior é a igualdade, maior a diferença será” (p. 97). Existe um distanciamento de Bernardo Soares, porquanto após ele ‘conhecer’ a mulher desconhecida, é afirmado que ele não é “para andar neste mundo só para ver andar os outros” (p. 179). Ele deixa de entender a vida como “um descuido da inação” (PESSOA, 2006, p. 128), e começa a agir. Ele conseguiu concretizar o sonho do Bernardo Soares, ao buscar a ilha desconhecida: “Senti em sonho a minha libertação, como se mares do Sul me houvessem oferecido ilhas maravilhosas por descobrir” (PESSOA, 2006, p. 46).

Da mesma forma que Ricardo Reis da narrativa apresenta semelhanças e diferenças em relação ao heterônimo, o Sr. José aproxima-se e distancia-se de Bernardo Soares.

## 6.2 DA CEGUEIRA

Este item do *Ensaio* tem uma interface com o tópico do capítulo três “A razão está cega”. Nele mencionamos que há na narrativa a advertência de que a adesão às emoções não deve ser exacerbada. Sendo que Teresa Cerdeira da Silva afirmou que o ensaio sobre a cegueira é também “um ensaio sobre a visão” (SILVA, 1999, p. 117), começamos

com o estrato a que a mulher do médico aderiu. Ela estabelece um contraponto sólido ao bruxuleante comportamento dos outros personagens. O autor comenta a magnanimidade dela: “E não cega porque é a única capaz de compaixão, capaz de amor, capaz de respeito pelo outro, capaz de ter um sentido de dignidade profunda na sua relação com os outros” (SARAMAGO, <http://josesaramago.blogs.sapo.pt/73524.html>, acesso em 20-01-2013). Ela tem aproximadamente 50 anos e se destaca em toda narrativa como alguém sagaz e que tem uma postura altruísta, porquanto se importa com a vida e o sofrimento das outras pessoas. O marido a aconselha a permanecer discreta, pois poderão escravizá-la, ela, porém replica: “E tu, como queres tu que continue a olhar para estas misérias, tê-las permanentemente diante dos olhos, e não mexer um dedo para ajudar” (p. 135). Não obstante, não ter aderido à norma de extirpar as emoções, ela é, em alguma medida, estoica. Para intervir na “situação catastrófica” (p. 127-8), onde não se podia “imaginar nada pior” (p. 144), ela precisou de uma dose de apatia que foi assim descrita: “Às vezes são os nervos que não podem aguentar mais, suportaram muito, suportaram tudo, era como se levassem uma armadura” (p. 267). A armadura que é, às vezes, indispensável quando a conjuntura suplica por uma intervenção lúcida. “É certo que nenhuma serenidade se efetua sem que uma dose de indiferença contamine a essência dos gestos” (LINS, 2006, p. 211).

Entendemos que a “necessidade de distância” (SARAMAGO, 2008, p. 98), à qual Saramago se referiu ao comentar sua postura diante das odes de Ricardo Reis, foi transposta à mulher do médico. Evocamos

a ambivalência existente na narrativa, quanto à razão e às emoções, pois “o desespero paralisa” (p. 221). A razão e emoção são as duas mãos das quais precisamos dispor para intervir na realidade. E no enterro dos seus convivas, ela as utiliza, da segunda para propulsionar a ação e da primeira para manter-se de pé, tanto que é afirmado: “o que melhor se tem aguentado ainda é a cabeça” (p. 224).

“(…) e nem será preciso dizer como trabalhou aqui o que pareceu acaso, a mão do médico, guiada pela mão da mulher” (p. 95).

“Só a mulher do médico sabia o estado em que se encontrava o morto, a cara e o crânio rebentados pela descarga, três buracos de balas no pescoço e na região do esterno” (p. 83).

Notamos traços estoicos, mas que interpretou os preceitos de uma forma oposta a de seus colegas de confinamento, a leitura dela foi de que: “O estoico é realista e sabe o que importa na vida prática: vigorosa obstinação e agir decidido” (HIRSCHBERGER, 1965, p. 276). A seguir, outros excertos que comprovam que a mulher do médico não tentou adequar suas ideias à realidade, mas fez com que elas conjugadas com as ações melhorassem-na:

“Parecia impossível como esta mulher conseguia dar fé de tudo quanto se passava, devia ser dotada de um sexto sentido, uma espécie de visão sem olhos” (p. 196).

Uma senhora foi encontrada morta na rua e ela fez questão de enterrá-la.

“As forças hão-de arranjar-se” (p. 285).

“Lavava a cada uma das mulheres, depois a si própria” (p. 181).

“Entre os cegos havia uma mulher que dava a impressão de estar ao mesmo tempo em toda parte, ajudando a carregar, fazendo como se guiasse os homens” (p. 91).

“As mãos da mulher do médico e do velho da venda preta aferraram-se aos tornozelos de um dos caídos” (p. 202).

No decorrer da tese mencionamos alguns personagens da tragédia grega e neste caso evocamos Antígona. A frase descrevendo o carácter dessa última poderia ser atribuída à mulher do médico: “Não aprendeu a curvar-se perante a desgraça” (SÓFOCLES, s.d., p. 57). Pela queixa da rapariga, percebe-se que ela era tida como uma fortaleza: “Se a senhora, que é tão forte, está a desanimar, então é porque não temos mesmo salvação” (p. 100-101). Esta protagonista, Antígona moderna, enfrenta os percalços, mas também tem suas fraquezas. Em alguns momentos esvai a condição quase sobre-humana dela, pois sente como um peso o fato de ver. “Perguntava-se se alguma vez chegaria a cegar como eles, que razões inexplicáveis a teriam preservado até agora” (p. 97). Ela teve receio de que fosse febre, mas era apenas uma fadiga, uma vontade de ensimesmar-se, pois estava sobrecarregada com aquelas circunstâncias.

Expomos duas falas semelhantes, a primeira da mulher do médico:

“Às vezes dou por mim a querer ser cega para tornar-me igual aos outros, para não ter mais obrigações que eles” (p. 293).

“Quem vive no meio de tantas calamidades, como eu, como não há de considerar a morte um benefício?” (SÓFOCLES, s.d., p. 57)

Uma desejando cegar é semelhante à outra desejando morrer. Tanto que há um momento que ela expressa este desejo. Quando vê um homem sendo devorado naquela lóbrega paisagem declara: “Aqui cheguei, quero morrer aqui” (p. 251).

Nesta narrativa, sobressai a conexão da cegueira com a morte, em que ambas se alimentam reciprocamente. Conjectura a mulher do médico: “Talvez eu seja a mais cega de todos, já matei, e tornarei a matar se for preciso” (p. 188). Este fragmento reforça tal relação: “Vou cegar, pensou, mas logo compreendeu que ainda não ia ser desta vez, eram só lágrimas como nunca as tinha chorado em toda a sua vida, Matei, disse em voz baixa, quis matar e matei” (p. 188).

Os próximos excertos ratificam a conexão da cegueira com a morte:

“Estamos mortos porque estamos cegos” (p. 241).

“O mundo está cheio de cegos vivos<sup>111</sup>” (p. 282).

“O que nos está a matar é a cegueira” (p. 282).

“o véu da inconsciência em que ainda estamos envolvidos, como num lençol branco. Como num lençol branco<sup>112</sup>” (p. 21).

“A cegueira não se pega, A morte também não se pega, e apesar disso todos morremos” (p. 41).

“(…) ao encontro da bala que substituirá uma cegueira por outra” (p. 107).

---

<sup>111</sup> Substituiu-se a palavra mortos por cegos inculcando uma sinonímia entre elas.

<sup>112</sup> Expressão também utilizada em *Todos os nomes*: “almas penadas embrulhadas em lençóis brancos” (1997, p. 236).

“um deles via-se que desistira de tudo porque já havia sido estrangulado” (p. 187).

Se a cegueira é tida como causa e está intrinsecamente ligada à morte, a conclusão é que os cegos viviam como mortos. Viviam como mortos quando decidiam aceitar aquela situação indigna e degradante como se fosse algo natural. Como se tivessem acreditado na fábula de Menênio, da peça *Coriolano*<sup>113</sup>. E a resposta sobre a ponderação de não invadir a camarata dos malvados é esta: “Quem vai morrer, está já morto e não o sabe” (p. 196). A cegueira como sinônimo de inação e morte está evidenciada por dois aspectos. A primeira coisa que o médico deixou de ver, ao cegar, foram as mãos. E ele também afirma: “Não chega estarmos cegos, é como se nos tivessem atado de pés e mãos” (p. 76). Façamos um paralelo com *Todos os nomes* (1997), dada a conexão da cegueira com a morte e com a inação. Asseverar que a cegueira contagia, “que o olho cego transmite a cegueira ao olho que vê” é uma expressão sinônima a afirmar terem “os mortos gerado mortos” (1997, p. 215).

Se, no capítulo anterior, está proeminente a aceitação quanto a injustiças contra outras pessoas, neste o enfoque é a aceitação da própria situação de subserviência, como se fossem coisas do destino. Em alguns momentos até ocorrem ímpetos de indignação. “De cada vez que os encarregados de ir buscar a comida tornam às camaratas com o pouco que lá lhes foi entregue, rebentam, furiosos, os protestos” (p. 161). Mas por outro lado desanimam: “Porém, não tardava que os ânimos acalmassem” (p. 161). De resto, conformam-se. “Os contagiados

---

<sup>113</sup> Autoria de Shakespeare.

fecharam resignadamente a porta e foram à procura de migalhas” (p. 92). Confirmada pela assertiva da mulher do médico: “Uma pessoa se habitua a tudo” (p. 218).

Quando a situação agravou-se, receberam menos alimento e a aceitação recrudescia. “Houve quem não deixasse de lembrar aos impacientes que o pouco sempre é melhor do que o nada, além disso, pela hora que devia ser, o almoço já não demoraria” (p. 148). Neste caso, podemos fazer uma transposição de uma expressão de *Todos os nomes*, pois ela caberia. Os cegos murmuravam com “estas palavras estoicas” (1997, p. 103):

“Bem vistas as coisas, nem se está mal de todo. Desde que a comida não venha a faltar, sem ela é que não se pode viver, é como estar num hotel” (p. 109).

“Assim como não há bem que dure sempre, também não há mal que sempre dure” (p. 124).

Portanto, nesta narrativa temos bem delineados os dois estratos estoicos, o da ação representado pela mulher do médico e o da inação, uma forma de morte, representado pelos cegos.

### 6.3 DE RICARDO REIS

Retomamos algumas conexões existentes entre as obras. E a hipótese é que a paralisia da mão de Marcenda em *O ano da Morte* seja equivalente à epidemia do *Ensaio*. Mencionamos quatro semelhanças:

a) A falta ou inércia de um membro que remete à incompletude, que no caso do *Ensaio* era a deficiência visual.



b) A ocorrência súbita que se transpõe como uma inanição súbita: “a paralisação sem sinais anteriores, acidente ou pancada” (p. 138).

c) O choro ao expor para o médico o seu problema. “(...) as lágrimas saltaram-lhe irrimáveis” (p. 139).

d) A pergunta do médico se ela não mexe o braço porque não pode ou não quer, insinua que é uma deliberação do portador da doença por assim viver.

Um fragmento da conferência dada pelo autor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – agrega motivos para conectarmos *O ano da morte* ao *Ensaio*. “Por que penso eu que somos como seres amputados? Pela nossa própria resistência a reconhecer que o somos” (SARAMAGO, 1999a, p. 40). Essa frase do autor equivale à cegueira que não é reconhecida. Além disso, o diálogo de Ricardo Reis com Fernando Pessoa é revelador: “A mão esquerda de Marcenda, que sentido terá, Ainda pensa nela, De vez em quando, Não precisava de ir tão longe, todos somos aleijados<sup>14</sup>” (p. 431). A analogia de que razão e emoção equivalem às duas mãos faz-se cristalina diante de Marcenda que utilizava apenas uma delas, a outra era como “um corpo estranho que não pertencesse a este mundo” (p. 138).

E como este item é sobre o protagonista, entenderemos mais dele a partir da relação estabelecida com a Marcenda. Ele olha “fascinado a mão paralisada e cega que não sabe aonde há-de ir se a não

---

<sup>14</sup> Essa mão paralisada de Marcenda pode também ser relacionada ao Barão de Teive que teve uma perna amputada. Trecho de *A educação do estoico*: “Na única operação cirúrgica, que me fizeram há pouco (a amputação da perna esquerda), recusei-me a ser anestesiado. Só acedi à anestesia local” (PESSOA, 2006, p. 38). “Nós não somos inteiros” (PESSOA, 2007, p. 131).

levarem,” (p. 27). E este olhar dele revela a “inércia que lhe é intrínseca” (2011, p. 223), afinal “Ninguém a outro ama, senão o que de si há nele<sup>115</sup>” (PESSOA, 2007, p. 101).

Além disto, esta mão tem dois predicativos bem definidos: cega e morta. Marcenda associa a paralisia à morte de sua mãe e depois de ser denominada como “cega” (p. 27) é qualificada como “morte antecipada” (p. 184). Para que não se alegue que este exemplo é fortuito, reforçamos com outros fragmentos:

“Mão morta mão morta que não irás bater àquela porta” (p. 27).

“(…) tenho-a aqui, na algibeira, como um pássaro morto” (p. 201).

“Mas a vida é este meu braço esquerdo que está morto e morto ficará” (p. 297).

Ora, ligando os pontos, a mão de Marcenda significa cegueira e Ricardo Reis fascina-se por ela. Isto significa que Ricardo Reis é cego? Sim, como já foi demonstrado em outro capítulo. Já vimos que no ensaio a cegueira é uma forma de morte e também está nítido que tal conexão, já ocorre nesta narrativa. Por inferência significa que Ricardo Reis é morto?

Para progredir nesta exposição, mencionamos o livro policial que ele tenta ler. Vimos algumas similaridades do título – *The god of the labyrinth* - com a condição de Ricardo Reis<sup>116</sup>. Schwartz, em sua tese, apregoa que Ricardo Reis é o personagem do livro de Quain: (...) a ‘vítima’ é Ricardo Reis, o ‘suspeito’, o narrador, e o ‘crime’, a tentativa

---

<sup>115</sup> Mas se cada um ama o que de si há nele, neste caso Lídia ao expressar a vontade de permanecer com Ricardo Reis, o que há dela nele? A resposta é que, em alguns casos, ela é uma “alma simples que se alegra com pouco” (p. 434).

<sup>116</sup> Capítulo terceiro.

de assassinato” (SCHWARTZ, 2004, p. 154). Estamos de acordo com esta percepção, no entanto entendemos que o vocábulo ‘morte’ é utilizado na narrativa no sentido figurado, significando inação e conformismo. “Que gesto, que palavra, Não sei, morre-se de a não ter dito, morre-se de não o ter feito, é disso que se morre, não de doença” (p. 160). Este fragmento apregoa que há morte sempre que se deixa de agir, através de palavras ou gestos. Portanto, a inação é o “véu com que a morte se disfarça” (p. 41).

Uma das razões pela qual entendemos ser a visão metafórica da morte é que a máxima que o ilumina pela “névoa escura” (p. 98), ter sido citada por três vezes:

“Ricardo Reis é um **espectador do espectáculo do mundo, sábio** se isso for sabedoria, alheio e indiferente por educação e atitude” (SARAMAGO, 2011, p. 98<sup>117</sup>, grifo nosso).

“não tenhas nada nas mãos porque **sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo**” (p. 335, grifo nosso).

“**sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo**, hei-de dizê-lo mil vezes, que importa àquele a quem já nada importa que um perca e outro vença” (p. 461, grifo nosso).

E relacionando-se a estas três citações existem outras de mesmo número, asseverando que os espectadores são como mortos:

“Só estando mortos assistimos” (2011, p. 159).

---

<sup>117</sup> Esta citação da página 98 já foi apresentada no capítulo terceiro, em que o narrador contradiz de forma explícita a postura de Ricardo Reis ao afirmar que não é uma postura sábia. De acordo com a análise de Schwartz (2004), as outras duas referências provêm da mesma voz do narrador, acusando o protagonista.

“(…) mas entra-nos no corpo a tentação da mudez, a fascinação da imobilidade, estar como estão os deuses, calados e quietos, assistindo apenas” (p. 51).

“porque os deuses são, resignados, calmos desprendidos, assistindo mortos” (2011, p. 247).

Ou seja, podemos sistematizar um silogismo em que a primeira premissa é a de que Ricardo Reis apenas contempla. A segunda premissa é a de que os mortos apenas contemplam. A conclusão é de que Ricardo Reis é um morto.

O narrador atribui também à vítima uma parcela de culpa pela sua morte<sup>118</sup>. E existem fragmentos demonstrando que o comportamento de Ricardo Reis é deliberadamente contemplativo, pois “o horizonte está aonde seu braço alcança” (2011, p. 22):

“Um homem sossegado, alguém que se sentou na margem do rio a ver passar o que o rio leva, talvez à espera de ver passar a si próprio na corrente<sup>119</sup>” (p. 324).

“A vida não é muito mais que estar deitado, convalescendo duma enfermidade antiga, incurável e recidivante, com intervalos a que chamamos saúde” (p. 187).

“Tentou sentir-se morto” (p. 258).

---

<sup>118</sup> “(…) e ainda assim era preciso averiguar que parte da responsabilidade caberia à vítima, isto é, se esta deveria ou não ser considerada, para efeitos morais e legais, como uma sétima e talvez, mas só talvez, definitiva razão” (p. 126-7).

<sup>119</sup> “Só os deuses socorrem / Com seu exemplo aqueles / Que nada mais pretendem / Que ir no rio das coisas” (PESSOA, 2007, p. 50).

Também há na narrativa a evidência de que a morte é uma realidade palpável: “Um morto (...), é o que há de mais concreto neste mundo” (p. 367). Imagina-se a possibilidade de que as ruas estejam “entupidas de defuntos” (p. 430). E afirma que: “nem um de nós é verdadeiramente vivo nem verdadeiramente morto” (p. 89). Além disso, existem relatos que o aproximam de um morto. Referindo-se à casa dele: “E não bata com a porta, Fique descansado, não ecoará o som cavo da tampa do sepulcro” (p. 315);

Portanto, em relação aos estratos estoicos, Ricardo Reis, como tinha que ser, adere à vertente dos cegos<sup>120</sup>, a da inação. “Não digamos, amanhã farei (...), digamos antes, Depois de amanhã, sempre teremos um dia de intervalo para mudar de opinião e projecto” (p. 64).

Concluimos que todos os nomes da cegueira de Ricardo Reis concentram-se em apenas um nome, qual seja, morte. O conselho dado a Zenão de que para ser sábio deveria “igualar-se aos mortos” (LAERTIUS, 1988, p. 181), foi tomado como filosofia de vida por Ricardo Reis. Entende-se pois, com mais precisão a fábula de La Fontaine, “O filósofo cita” ao acusar que os estoicos “antes da morte Nos descartam da vida” (LA FONTAINE, s.d. p. 373). La Fontaine está visando uma determinada linha interpretativa desta corrente filosófica, aquela que os cegos e Ricardo Reis aderiram.

Ricardo Reis é o morto no romance, e além disso é inevitável a identificação dele com o leitor, pois se afirma: “Ouvi contar que outrora,

---

<sup>120</sup> Faz-se mister um esclarecimento quanto a palavras diferentes que expressam conteúdos semelhantes. Os cegos foram adeptos da inação no *Ensaio*, enquanto em *O ano da morte*, os mortos assistem. Neste caso não seriam cegos? Acontece que a forma metafórica de entender a cegueira do *Ensaio* é exatamente apenas assistir, é apenas olhar, não ver, nem reparar.

quando a Pérsia, esta é a página, não outra, este o xadrez e nós os jogadores, eu Ricardo Reis, tu leitor meu” (p. 336). Afinal o leitor é um jogador de xadrez, alheio às guerras e mortes tanto quanto Ricardo Reis: “carne e osso nosso em penedo convertido, mudado em jogador, e de xadrez<sup>121</sup>” (p. 336). Há um momento em que se constata que nos romances policiais o leitor é o único sobrevivente, no entanto, nos romances de Saramago, o leitor é o único morto real.

E as discordâncias quanto a esta forma de vida foram expressas na conferência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS: “(...) uma vida longa sempre tem a vantagem de mostrar-nos por mais tempo o espetáculo do mundo, que algo poderá ensinar-nos, sobretudo se não nos contentarmos com a sua contemplação” (SARAMAGO, 1999a, p. 43). Esta afirmação de Saramago é semelhante à que a mulher do médico expressou a Ricardo Reis: “E tu, como queres tu que continue a olhar para estas misérias, tê-las permanentemente diante dos olhos, e não mexer um dedo para ajudar” (p. 135). Afinal o narrador assevera que:

“É como todas as coisas, as más e as boas, sempre precisam de gente que as faça” (p. 201).

“Que a vida, curta sendo, não dá para contemplações” (pp. 253-4).

A frase mais adequada, na visão saramaguiana, seria: Sábio é o que assiste o espectáculo do mundo. “Longe de ser um vale de lágrimas, o mundo é uma festa na qual nós somos espectadores e participantes” (DUHOT, 2006, p. 112). Inclusive, a segunda vez que ele escreve o

---

<sup>121</sup> Uma mescla de um verso de *Os Lusíadas* (1982).

texto da epígrafe, utiliza o título “Vivo, vivíssimo”. Depois da epígrafe, ele opina que a palavra e o gesto são formas de vencer a morte.

“Intento ser, à minha maneira, um estoico prático, mas a indiferença, como condição de felicidade, nunca teve lugar na minha vida, e se é certo que busco afincadamente o sossego do espírito, também é certo que não me libertei nem pretendo libertar-me das paixões. Trato de habituar-me, sem excessivo dramatismo à ideia de que o corpo não só é finível, como de certo modo, é já, em cada momento, finito. Que importância tem isso, porém, se cada gesto, cada palavra, cada emoção são capazes de negar, também em cada momento essa finitude? Em verdade, sinto-me vivo, vivíssimo, quando por uma razão ou por outra, tenho de falar da morte<sup>122</sup>” (SARAMAGO, 2009a, p. 114- 115).

E no capítulo terceiro foi feita uma conexão entre a falta de sentimentos e a cegueira. O autor coloca o amor, *o amor possível* nos três romances como outra forma de vencer a morte. Um exemplo é que, nas palavras do médico e sua mulher, o velho da venda preta mudara de ideia sobre fazer a derradeira viagem do elefante, depois das mútuas declarações entre ele e a rapariga dos óculos escuros. O Sr. José, por sua vez, amou a mulher desconhecida, e este amor o levou a loucas aventuras e elas foram o fio que o tiraram do mundo dos mortos e o reconduziram ao mundo dos vivos. Ricardo Reis, conquanto tenha sido incapaz de amar foi o amor que o fez dizer a palavra e fazer o gesto. Ao ser visitado por Marcenda em sua casa, disse a palavra: “Vou beijá-la” (p. 272) e fez o gesto “avançou um passo, ela não se mexeu, outro

---

<sup>122</sup> Esta última frase está no contexto do primeiro registro da epígrafe que teve como mote um comentário sobre a própria morte.

passo, quase lhe toca” (p. 272). Outra situação em que vai a Fátima na grande expectativa de encontrá-la faz o gesto e diz a palavra. Palavra - “Pare aí, deixe ver o que é aquilo, eu sou médico” (p. 345). Gesto - “desceu, abriu caminho, ajoelhou-se no pó, ao lado do homem, procurou-lhe a artéria” (p. 345- 6). E assim, outras situações com Ricardo Reis ou outros personagens que dizem a palavra e fazem o gesto é porque há um sentimento sustentando a ambos. Helena em *Sonho de uma noite de verão* ratifica: “O amor pode transformar as coisas baixas e vis em dignas, excelsas. O amor não enxerga com os olhos, mas com a alma” (SHAKESPEARE, 1978, p. 219).

Neste caso, dissipa-se o último empecilho para a volta do mesmo personagem no *Ensaio*, afinal *O ano da morte* não é a “morte definidora” (p. 64), é uma só das “mil mortes<sup>123</sup>” que o bardo afirmou haver na vida. O que se consideraria o “fim da estrada afinal era apenas uma curva” (p. 231). Uma interrogação plausível seria de que Ricardo Reis afirma, no final da narrativa, a Fernando Pessoa, que o acompanharia. Mas em toda a narrativa, o protagonista mente, segundo já mencionamos no primeiro item deste capítulo. Sendo assim, não é um disparate alegar que o personagem tem uma postura semelhante, no final, a outras que teve em todo o romance.

Portanto, elucidamos as evidências que levam a concluir que é o mesmo personagem, afinal apenas deu vazão ao verso: “Vivem em nós inúmeros” (2011, p. 24). Existem outras similaridades entre os dois personagens, mencionaremos só mais duas.

---

<sup>123</sup> Peça *Medida por medida* (2006c, p. 1558).



1. Ambos, nas duas narrativas aventam a possibilidade de suicídio, em *O ano da morte* a alusão é à prática dos elefantes de retirarem-se e no *Ensaio* a frase do médico é a seguinte: “Se vou ter de ficar assim, acabo com a vida” (1995, p. 19).
2. Os hábitos bígamos. Ricardo Reis mantinha uma relação com Lídia e Marcenda e no *Ensaio* traiu sua mulher com a rapariga dos óculos escuros, por sua vez comparada à deusa “Juno” (1995, p. 31).

E o fato de Ricardo Reis voltar no *Ensaio sobre a cegueira* (1995), afiança a defesa de que há também uma intratextualidade com o médico do *Ensaio sobre a lucidez* (2004). Nesta última narrativa ele não está entre os personagens principais, no entanto o romance estabelece um diálogo profícuo com *O ano da morte* (2011), fechando um ciclo. Entre as semelhanças está a de que ambos são romances políticos, a conexão da política com a religião, alusão a Portugal e a analogia da investigação policial com o jogo de xadrez, bem como a intensa recorrência das expressões “contentar-se” e “espectáculo”. Uma das diferenças é que um deles se passa em um regime despótico e o segundo durante uma democracia. Entretanto, esta é uma pseudo-diferença, pois a postura e medidas adotadas pelas lideranças constituídas são similares evidenciando também que é uma pseudo-democracia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento dessa tese foram deflagradas muitas tangências entre a obra de José Saramago e o estoicismo. Transversalmente dissertamos também sobre o estoicismo em Shakespeare e outros clássicos da literatura universal. Portanto, Saramago não é um exemplo isolado que une a filosofia, esta filosofia à literatura. Entendemos que foi profícuo o fato de destacarmos no mosaico da obra saramaguiana as cores estoicas, pois isto acrescentou outras possibilidades hermenêuticas às narrativas analisadas. Em segundo lugar, essa parceria empreendida pelo escritor de ficção resta vitoriosa uma vez que a doutrina grega e romana constitui-se como uma significativa subvenção para entendermos quem somos. E sobre esta temática do autoconhecimento, além das cores estoicas, notamos que a visita de Saramago à arca rendeu resultados à sua prosa: não apenas goteja a poesia pessoana nela, não caem bâtegas, mas é um verdadeiro dilúvio que a inunda.

Uma questão que poderá surgir é se Saramago cometeu anacronismos ao pôr em tela uma corrente filosófica antiga e julgá-la? Pensamos que não, porque ele está visando formas de pensamento e posturas do tempo presente que têm origem nela. Duhot corrobora que perdura a influência desta filosofia: “Os traços da influência estoica são, portanto, múltiplos mas difusos, e provêm frequentemente de uma visão largamente tributária daquilo que se buscou para aí encontrar” (DUHOT, 2006, p. 227). A polissemia do vocábulo estoicismo tem

desdobramentos nos personagens principais. Ricardo Reis de *O ano da morte* representa um estrato estoico, o da contemplação, a mulher do médico concretiza o da ação, enquanto o Sr. José, da última narrativa faz a síntese entre os dois anteriores, transitando da contemplação à ação.

Entendemos o fato de o autor admitir-se influenciado pelos seus personagens e aprendiz deles, como um convite para que o leitor também se questione a partir deles: “Um personagem, senhor diretor, sempre pode perguntar a um homem quem ele é” (PIRANDELLO, 2004, p. 122). Inquirindo-nos, parafraseamos Flaubert e concluímos que Ricardo Reis somos nós. As narrativas deflagram o Ricardo Reis que somos e exorta ao personagem que não somos: a mulher do médico. Segundo Silveira (1997), o Sr. José é, por sua vez, um *alter ego* de Saramago. Concordamos, pois o escritor português menciona que a motivação em escrever o livro surgiu a partir de um fato biográfico e notamos que, além de o personagem seguir o mesmo estilo de escrita do autor, o título de suas anotações coincide com o das crônicas deste: *Apontamentos* (1990). Conclui-se que Saramago, além de deixar-se questionar pelos personagens e além de aprender com eles, transmutou-se neles. O enigma da esfinge recebe um novo matiz: a única forma de decifrar é ser devorado.

Sobre a obra como um todo, dado que ele deflagra as grandes mazelas da humanidade, ou as pequenas que geram efeitos grandiosos, é comum classificá-la como pessimista. No entanto, como os contrários estão acoplados, nas frinchas do pessimismo irrompem laivos de esperança. Pois, os cegos recuperaram a vista. O primeiro a cegar também foi o primeiro a ver: “Viu e gritou, Vejo” (p. 306). A segunda

pessoa a recuperar a vista foi a rapariga dos óculos escuros. A terceira foi o médico. Todos ficaram jubilosos e vibrações de alegria disseminaram-se pela cidade. Enfim, passaram uma “temporada no inferno”<sup>124</sup> e, por consequência, tomaram consciência que num mirrado peito um possante *daimon* habita. O que reforça o avesso do pessimismo é que o último olhar foi o da mulher do médico: “A cidade ainda ali estava” (p. 310). Borges (2010) ratifica que a consciência da cegueira será auspiciosa: “Tendo sabido controlar-se e adaptar-se ao sofrimento e tendo tomado consciência dos males da sociedade, os cegos ter-se-ão tornado ao mesmo tempo seres humanos estoicos e cidadãos mais participativos civicamente” (BORGES, 2010, p. 186). E este ressurgimento está devidamente registrado se tivermos em mente o segundo *Ensaio* (2004), pois nele as pessoas não se contentam com espectáculo do mundo. Entretanto, pontos cegos, por seu turno, ramificam-se e ofuscam a lucidez.

Finalizando, evocamos a analogia de que a literatura de Saramago é a lanterna de Diógenes que guia os cegos, e ela também pretende em relação aos seus leitores as mesmas intenções que Hamlet tinha com Polônio: “(...) Pois eu pretendo torcer o seu coração; / Se ainda tiver substância penetrável; Se o hábito do mal não o empederniu em bronze / Como couraça e proteção contra qualquer sentimento” (SHAKESPEARE, 2009, p. 88).

Sendo assim, retomamos o embate demonstrado na epígrafe da tese, qual seja, a relação ambivalente entre a visão do autor português e

---

<sup>124</sup> Frase de Arthur Rimbaud.

os preceitos estoicos. Após esta análise, sentimo-nos em condições de esmiuçar o princípio e a dupla dicotomia apresentados na epígrafe:

Edifiquei o meu pórtico, agregando a universalidade da emoção à segura da razão, vi como uma criança todos os nomes da cegueira, mas escolhi transformar a metade de indiferença na felicidade de negá-la. Íncio ao destino, fugi da mais terrível das desgraças que é morrer sem ter vivido.

## REFERÊNCIAS

### a) Obras do autor

SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Viagem a Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997b.

\_\_\_\_\_. *Que farei com este livro?* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *A jangada de pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

\_\_\_\_\_. *A segunda vida de Francisco de Assis*. Lisboa: Caminho, 1987.

\_\_\_\_\_. *A viagem do elefante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *As intermitências da morte*. Lisboa: Caminho, 2005.

\_\_\_\_\_. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997a.

\_\_\_\_\_. *Cadernos de Lanzarote II*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.

\_\_\_\_\_. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a lucidez*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.
- \_\_\_\_\_. *In nomine Dei*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Levantado do chão*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999c.
- \_\_\_\_\_. *Manual de pintura e caligrafia*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Memorial do Convento*. Lisboa: Editorial Caminho, 1982.
- \_\_\_\_\_. *O ano de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Objecto quase*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A maior flor do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O silêncio da água*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. *O Caderno: textos escritos para blog setembro de 2008 – março de 2009*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.
- \_\_\_\_\_. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. 41ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Terra do Pecado*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999d.
- \_\_\_\_\_. *O ano da morte de Ricardo Reis*. Coleção prêmio Nobel. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

- \_\_\_\_\_. *A noite*. Lisboa: Caminho, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Claraboia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.
- \_\_\_\_\_. *Alabardas, alabardas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Os poemas possíveis*. 4. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Provavelmente alegria*. 3. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Deste mundo e do outro*. 3. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1985.
- \_\_\_\_\_. *As opiniões que D.L teve; Os apontamentos: crônicas políticas*. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1990.

#### **b) Biografias e entrevistas**

- AGUILERA, Fernando Gómez. *José Saramago: a consistência dos sonhos*. Cronobiografia. Lisboa: Caminho, 2008.
- BASTOS, Baptista. *José Saramago: aproximação a um retrato*. Lisboa: Dom Quixote, 1996.
- COSTA, Horácio. *José Saramago: o período formativo*. Lisboa: Caminho, 1998.
- DEL RIO, Pilar. In: MENDES, Miguel Gonçalves. *José e Pilar: conversas inéditas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- LOPES, João Marques. *Biografia: Saramago*. São Paulo: Leya, 2010.
- REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho, 1998.
- SANTOS, José Rodrigues dos. *A última entrevista de José Saramago*. Rio de Janeiro: Usina de Letras, 2010.
- SARAMAGO, José. In: DEL RIOS, Jefferson; ALBUQUERQUE, Beatriz; LAUB, Michel. *O Nobel da língua portuguesa: Saramago*. Bravo! Entrevista. São Paulo: Editora D'avila, 2002. p. 40-51.



\_\_\_\_\_. In: CARVALHAL, Tânia (Org.). *Saramago na universidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1999e.

\_\_\_\_\_. *As palavras de Saramago*: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. Fernando Gómez Aguilera (sel. e org.) – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Entrevista a Juan Arias. *José Saramago: o amor possível*. Tradução de Rubia Prates Goldoni. Rio de Janeiro: Manati, 2003.

\_\_\_\_\_. A história como ficção, a ficção como história. In: *Revista de ciências humanas*. Florianópolis: EDUFSC, n. 27, p. 9 – 17 , abr. de 2000.

\_\_\_\_\_. In: MARKUN, Paulo (Org.). *O melhor do Roda viva: o mais antigo e respeitado programa de entrevistas da TV*. São Paulo: Editora Conex, 2005. p. 29 - 40.

\_\_\_\_\_. Autobiografia. Acesso em: 04/10/2010.  
<http://www.josesaramago.org/site/mainpor.php>.

\_\_\_\_\_. <http://www.josesaramago.org/algumas-provas-da-existencia-real-de-herbert-quain/>, acesso em 20-10-2014).

\_\_\_\_\_. IN: MENDES, Miguel Gonçalves. *José e Pilar: conversas inéditas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. In: *Janela da alma*.  
[http://www.youtube.com/watch?v=56Lsyci\\_gwg](http://www.youtube.com/watch?v=56Lsyci_gwg), acesso em 16-01-2013.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a cegueira*. [DVD] Direção de Fernando Meirelles. FOX Vídeo Brasil, 2010. 121 min.

\_\_\_\_\_. *José e Pilar*. [DVD] Direção de Miguel Gonçalves Mendes. O2 filmes. Lisboa, 2010.

SILVA, João Céu e. *Uma longa viagem com José Saramago*. Porto: Porto Editora, 2009.

**c) Geral**

ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. 4. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1992. V. II

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Filosofia*. Tradução da primeira edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALCOFORADO, Mariana. *Cartas portuguesas*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

ALGRA, Keimpe. Crisipo – Sistemática e polêmica nos primórdios do estoicismo. In: ERLER, Michael; GRAESER, Andreas. (Orgs.) *Filósofos da Antiguidade: Do Helenismo à Antiguidade tardia*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Claro enigma*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.

\_\_\_\_\_. *A rosa do povo*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ANJOS, Augusto dos. *Os melhores poemas de Augusto dos Anjos*. Seleção de José Paulo Paes. 4. ed. São Paulo: Global, 2003.

ARNAUT, Ana Paula. *Post-Modernismo no romance português contemporâneo: fios de Ariadne. máscaras de Proteu*. Almedina: Coimbra, 2002.

\_\_\_\_\_. *José Saramago*. Lisboa: Edições 70, 2008.

AURÉLIO, Marco. *Meditações*. Traduções e notas de Agostinho da Silva et al. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os Pensadores)

BAKHTIN, Mikael. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernardini et al. 4. Ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética em Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BASTAZIN, Vera. *Mito e poética na literatura contemporânea*. Cotia, SP: Ateliê, 2006.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BERRINI, Beatriz. *O ano da morte de Ricardo Reis: sugestões de texto*. In: BERRINI, Beatriz (org.). *Saramago, uma homenagem*. São Paulo: EDUC, 1999. p. 63 – 83.

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa Du. *O delírio amoroso e outros poemas*. Introdução e seleção de Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2011.

BONJOUR, Laurence; BAKER, Ann. *Filosofia: textos fundamentais comentados*. Consultoria e revisão técnica desta edição de Maria Carolina dos Santos Rocha e Roberto Hofmeister Pich. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BORGES, Jorge Luis. Exame da obra de Herbert Quain. In: *Ficções*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 62-68.

BORGES, António José. *José Saramago: da cegueira à lucidez*. Portugal: Zéfiro, 2010.

- BRENNAN, Tad. *A vida estoica: emoções, obrigações e destino*. Tradução de Marcelo Consentino. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- \_\_\_\_\_. Psicologia moral estoica. In: WOOD, Brad (org.). *Os estoicos*. Tradução de Paulo F. T. Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editores, 2006. p. 285-326
- BRUN, Jean. *O estoicismo*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- BUENO, Aparecida de Fátima. *O poeta no labirinto: a construção da personagem em O ano da morte de Ricardo Reis*. Viçosa: UFV, 2002.
- BYRON, George. In: *Byron e Keats: entreversos*. Traduções, organização e introdução de Augusto de Campos. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2009.
- CABRAL, Cleides Antônio. *Filosofia*. São Paulo: Editora Pillares, 2006.
- CALBUCCI, Eduardo. *Saramago: um roteiro para os romances*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.
- CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. Prefácio e notas de Hernâni Cidade. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Tradução e apresentação de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- CÂNDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: CÂNDIDO, Antônio et al. *A personagem de ficção*. 10. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- CARROL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Tradução de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- CARVALHAL, Tânia Franco (org.). *Saramago na Universidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade; UFRGS, 1999.

\_\_\_\_\_. De fantasmas e poetas: o pessoano Saramago. In: *José Saramago: uma homenagem*. BERRINI, Beatriz (Org.). São Paulo: EDUC, 1999. p. 115 – 125.

CHATELET, François; AUBENQUE, Pierre. *História da filosofia: ideias, doutrinas*. 2. ed. Tradução de Maria José de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*. Tradução do latim de Angélica Chiapeta. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Sobre o destino*. Tradução e notas de José R. Seabra Filho. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

COURTEAU, Joanna. Ensaio sobre a cegueira: José Saramago ou Padre Antônio Vieira. In: *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. V. 34. nº 4 p. 7-14.

CRESCENZO, Luciano de. *História da Filosofia Grega: a partir de Sócrates*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

CRUZ E SOUSA, João de. *Broquéis; Faróis; Últimos sonetos*. Organização e estudo por Lauro Junkes. Jaraguá do Sul: Avenida, 2008.

DIDEROT, Denis. *Jacques, o fatalista e seu amo*. Organização, tradução e notas de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Noites Brancas*. Tradução de Natália Nunes. Porto Alegre: L&PM, 2011.

DUHOT, Jean-Joël. *Epicteto e a sabedoria estoica*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

EPICTETO. O manual de Epicteto. In: BONJOUR, Laurence; BAKER, Ann. *Filosofia: textos fundamentais comentados*. Consultoria e revisão técnica de Maria C. dos Santos Rocha e Roberto Hofmeister Dich. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

ÉSQUILO. *Oréstia; Agamemnon; Coéforas; Eumênides*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

EURÍPIDES. *Medeia; Hipólito; As troianas*. Tradução do grego e apresentação de Mário Gama Kury. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

FERACINI, Luiz. *Sêneca: o filósofo estoico preceptor e assessor de Nero*. São Paulo: Lafonte, 2011.

FERRAZ, Salma. *Dicionário de personagens da obra de José Saramago*. Blumenau: Edifurb, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Tradução de Araújo Nabuco. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Tradução de Maria Helena Martins. 2. ed. São Paulo: Globo, 1998.

FORSCHNER, Maximilian. Epicuro – Esclarecimento e serenidade. In: ERLER, Michael; GRAESER, Andreas. (Orgs.) *Filósofos da Antiguidade: Do Helenismo à Antiguidade tardia*. Tradução de Nélío Schneider. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alvez da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 3*: o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREDE, Dorothea. Determinismo estoico. In: WOOD, Brad (org.). *Os estoicos*. Tradução de Paulo F. T. Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editores, 2006. p. 199 – 227

GAGNEBIN, Jeanne Marie. As formas literárias da filosofia. In: DUARTE, Rodrigo; SOUZA, Ricardo Timm de. (Orgs.). *Filosofia e Literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-20.

GARRET, Almeida. *Frei Luís de Sousa*. 5. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1975.

GAZOLLA, Rachel. *Ofício do filósofo estoico*: o duplo registro do discurso da Stoa. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GOMES, Daniel Oliveira. *Poder e espaço em Saramago: acerca dos romances e mal-estar na modernidade*. Ponta Grossa-PR: Estúdio Texto, 2011.

GOURINAT, J. B.; BARNES, J. *Ler os estoicos*. Tradução de Paula S. R. C. Silva. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HIRSCHBERGER, Johannes. *História da filosofia na antiguidade*. Tradução e prefácio de Alexandre Correia. São Paulo: Herder, 1965.

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. Tradução e notas de Célia Berrettini. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

- ILDEFONSE, Frédérique. *Os estóicos I: Zenão; Cleantes; Crísipo*. Tradução de Mauro Pinheiro. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- KANT, Immanuel. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Tradução de Rodrigo Naves e Ricardo Terra. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2007.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LAERTIUS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário Gama Cury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.
- LA FONTAINE. *Fábulas*. Tradução de Filinto Elísio; Curvo Semedo. Portugal: Europa-América, S.D.
- LÉVY, Carlos. Filo de Alexandria – Fé e filosofia. In: ERLER, Michael; GRAESER, Andreas. (Orgs.) *Filósofos da Antiguidade: Do Helenismo à Antiguidade tardia*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2002.
- LINS, Ronaldo Lima. *A indiferença pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- LONG, Antony A. *La filosofía helenística: estóicos, epicúreos, escépticos*. Madrid: Alianza Universidad, 1984.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como detsino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.



MALLARMÉ, Stéphane. *Textos de Mallarmé*. Tradução e notas de Haroldo de Campos; Augusto de Campos e Décio Pignatari. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. *Cem anos de solidão*. Tradução de Eric Nepomuceno. 80. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

MEIRELES, Cecília. *Viagem e vaga música*. Apresentação de Marisa Lajolo. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Tradução, prefácio e notas lingüísticas e interpretativas de Sérgio Milliet. Porto Alegre: Editora Globo, 1962. V. II.

\_\_\_\_\_. *Ensaaios*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001. V. III

MOSER, Fernando de Melo. Introdução. In: SHAKESPEARE. William. *Hamlet*. Tradução de Ricardo Albery. Introdução e notas de Fernando de Melo Moser. Lisboa: Verbo, 1975.

NAPARSTEK, Ben. *Encontros com 40 grandes autores*. Tradução Elisa Nazarian. São Paulo: Leya, 2010.

NERUDA, Pablo. *Cem sonetos de amor*. Tradução de Carlos Nejar. Porto Alegre: L&PM, 2007.

\_\_\_\_\_. *O rio invisível: poesia e prosa da juventude*. Tradução de Rolando Roque da Silva. 2. e.d. São Paulo: DIFEL, 1982.

NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na idade trágica dos gregos*. Tradução de Maria Inês Vieira de Andrade. Lisboa: Edições 70, 2002.

\_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; seleção de textos de Gérard Lebrun. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

OLIVEIRA, Luizir de. *Sêneca: uma vida dedicada à filosofia*. São Paulo: Paulus, 2010.

OZELAME, Josiele K. Corso. *O duplo, a lucidez e a morte*. [Tese]: olhares críticos; orientadora, Salma Ferraz Azevedo de Oliveira. (UFSC) Florianópolis, 2010.

PAIS, Amélia Pinto. *Para compreender Fernando Pessoa: uma aproximação a Fernando Pessoa e seus heterônimos*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática, 1978.

\_\_\_\_\_. Formas e usos da negação na ficção histórica de José Saramago. In: CARVALHAL, Tânia Franco; TUTIKIAN, Jane. *Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. 6º reimpressão. Organização Richard Zenith. São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Poesia completa de Ricardo Reis*. 1º reimpressão. Organização Manuela Parreira da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Obras em prosa*. Organização, apresentação e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Poesia completa de Álvaro de Campos*. Edição de Teresa Rita Lopes. São Paulo. Companhia das Letras, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Antologia Poética*. Organização, apresentação e ensaios de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

\_\_\_\_\_. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. Edição e posfácio de Richard Zenith. Traduções de Manuela Rocha. São Paulo: A Girafa Editora, 2006c.

\_\_\_\_\_. *Poesias*. Organização de Sueli Tomazini Cassal. Porto Alegre: L&PM, 1996.

\_\_\_\_\_. *Mensagem*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2005.

\_\_\_\_\_. *A educação do estoico*. São Paulo: A Girafa Editora, 2006a.

\_\_\_\_\_. *Poemas completos de Alberto Caeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

\_\_\_\_\_. Ficções do interlúdio. In: *Poemas completos de Alberto Caeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011a.

PINHEIRO, Eula. *José Saramago: tudo, provavelmente são ficções; mas a literatura é vida*. São Paulo: Musa Editora, 2012.

PINZANI, Alessandro. Existem romances filosóficos? Sobre a relação entre filosofia e obra narrativa. In: O'SHEA, José R.; BORGES, Maria de Lourdes (Orgs.) *Filosofia e literatura*. Florianópolis: Bernúncia Editora, 2010.

PIRANDELLO, Luigi. *Seis personagens à procura de autor: comédia a ser criada*. Tradução de Sérgio Flaksman. São Paulo: Peixoto Neto, 2004. (Os grandes dramaturgos).

PLATÃO. *A república*. Tradução de Eduardo Menezes. São Paulo: Hemus, 1970.

\_\_\_\_\_. *O Banquete; Fédon; O Sofista; O Político*. Tradução de José Cavalcanti de Sousa e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

- QUEIRÓS, Eça de. *A ilustre casa de Ramires*. São Paulo: Editora Escala, s.d.
- QUENTAL, Antero. *Odes modernas*. Prefácio de Nuno Júdice. 2. ed. Lisboa: ULMEIRO, 1989.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. Tradução de Marcelo Perine; Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1994. Vol. III.
- \_\_\_\_\_. *História da Filosofia Antiga*. Tradução de Marcelo Perine; Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1994a. Vol.IV.
- \_\_\_\_\_. *Estoicismo, ceticismo, ecletismo: História da filosofia grega e romana*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- RIST, J. M. *La filosofia estoica*. Barcelona: Crítica, 1995.
- ROHDEN, Valério. Viver segundo a ideia de natureza. In: BORGES, Maria de Lourdes; HECK, José. *Kant: liberdade e natureza*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. p. 233 – 248.
- SARAIVA, Maurício. *Ética a Saramago: individualismo e valor humano na ética contemporânea*. Lisboa: Chiado Editora, 2012.
- SCHOFIELD, Malcolm. Ética estoica. In: WOOD, Brad (org.). *Os estoicos*. Tradução de Paulo F. T. Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editores, 2006. p. 259-284.
- SCHWARTSMAN, Hélio. Semana difícil. In: *Folha de São Paulo*. 09-03-2012. p. A2.
- SCHWARTZ, Adriano. *O abismo invertido: Pessoa, Borges e a inquietude do romance em O ano da morte de Ricardo Reis* de José Saramago. São Paulo: Globo, 2004.

SIACCA, Michele Federico. História da Filosofia I: Antiguidade e Idade Média. Tradução de Luís Washington Vita. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1967.

SEDLEY, David. A escola, de Zenon a Ário Dídimos. In: WOOD, Brad (org.). *Os estoicos*. Tradução de Paulo F. T. Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editores, 2006. p. 7 – 34

\_\_\_\_\_. Os deuses e os homens. Tradução do inglês por Christelle Veillard. In: GOURINAT, J. B.; BARNES, J. *Ler os estoicos*. Tradução de Paula S. R. C. Silva. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 95 - 116

SEIXO, Maria Alzira. Saramago e o tempo da ficção. In: CARVALHAL, Tânia Franco; TUTIKIAN, Jane. *Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

\_\_\_\_\_. *Lugares da ficção em José Saramago: o essencial e outros ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999.

SÊNECA. Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

\_\_\_\_\_. *As relações humanas: a amizade, os livros, a filosofia, o sábio e a atitude perante a morte*. Tradução de Renata M. P. Cordeiro. 2. ed. São Paulo: Landy Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. *Tratados filosóficos*. Tradução de Pedro Fernández de Navarrete. Buenos Aires: El Ateneo Editorial, 1952.

\_\_\_\_\_. *Sobre a brevidade da vida*. Tradução, notas e introdução de William Li. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

\_\_\_\_\_. Da tranquilidade da alma. In: *Antologia de textos*. Traduções e

- notas de Agostinho da Silva et al. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- SHAKESPEARE. William. *Hamlet*. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O sonho de uma noite de Verão; O mercador de Veneza*. Tradução de Carlos de Almeida C. Medeiros e Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1978a.
- \_\_\_\_\_. *Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, o príncipe da Dinamarca; Otelo, o mouro de Veneza*. Traduções de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes; sinopse, dados históricos e notas de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Do jeito que você gosta*. Tradução de Rafael Raffaeli. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Júlio César*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Trabalhos de amor perdidos*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, s.d. V. II.
- \_\_\_\_\_. *O conto de inverno*. Tradução, notas e bibliografia de José Roberto O'Shea. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A megera domada*. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2010a.
- \_\_\_\_\_. *Rei Lear*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Ricardo III*. Tradução de Ana Amélia de Queiroz C. de Mendonça; Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

- \_\_\_\_\_. *Os dois cavalheiros de Verona; Trabalhos de amor perdidos*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, s.d. (Obras completas de Shakespeare – V. II).
- \_\_\_\_\_. *Péricles*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Edições Melhoramentos, s.d. p. 161 – 272. (Obras completas de Shakespeare – V. XII).
- \_\_\_\_\_. *A vida do rei Henrique V*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Edições Melhoramentos, s.d. p. 9 – 146. (Obras completas de Shakespeare – V. XVIII).
- \_\_\_\_\_. *Henrique VI*: II parte. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Edições Melhoramentos, s.d. p. 9 – 143 (Obras completas de Shakespeare – V. XIX).
- \_\_\_\_\_. Coriolano. In: *Teatro completo*: tragédias e comédias sombrias. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. p. 1111- 1265.
- \_\_\_\_\_. Antônio e Cleópatra. In: *Teatro completo*: tragédias e comédias sombrias. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006a. p. 953-1110.
- \_\_\_\_\_. Timon de Atenas. In: *Teatro completo*: tragédias e comédias sombrias. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006b. p. 1267-1375.
- \_\_\_\_\_. Medida por medida. In: *Teatro completo*: tragédias e comédias sombrias. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006c. p. 1503-1622.

\_\_\_\_\_. Bom é o que acaba bem. In: *Teatro completo: tragédias e comédias sombrias*. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006d. p. 1379-1501.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. Na crise do histórico, a aura da história. In: CARVALHAL, Tânia Franco; TUTIKIAN, Jane. *Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa*. Porto Alegre: Ed. Universidade – UFRGS, 1999.

\_\_\_\_\_. Espaços concentracionários e as crises da utopia. Sartre e Saramago. In: BUENO, Aparecida de Fátima; FERNANDES, Annie G. (Orgs.). *Literatura Portuguesa: história, memória e perspectivas*. São Paulo: Alameda, 2007. p. 357- 364.

SILVEIRA, Francisco Maciel. *Saramago: Eu próprio, o Outro?* Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007.

SÓFOCLES. *Rei Édipo*. Tradução de Ordep Serra. São Paulo: Peixoto Neto, 2004.

\_\_\_\_\_. *Antígona*. Introdução, versão do grego e notas de M. H. da Rocha Pereira. 6. ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, s.d.

\_\_\_\_\_. *Édipo Rei; Édipo em Colono; Antígona*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário Gama Kury. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 1991.

SUETÔNIO. *Calígula e Nero*. Tradução de Sadi-Garibaldi. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2009.

TÁCITO. *Anais*. Tradução de J. L. Freire de Carvalho. W. M. Jackson Editores: Rio de Janeiro/ São Paulo/ Porto Alegre, s/d.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Estoicismo romano: Sêneca, Epicteto, Marco Aurélio*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.



VENÂNCIO, Fernando. *José Saramago, a luz e o sombreado*. Porto: Campo das Letras, 2000.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Revisão e adaptação de Frederico Ozanam Pessoa de Barros; supervisão de Padre Antônio Charbel e de A. Della Nina; introdução e supervisão técnica de Luiz Felipe Baêta Neves. Erechim: EDELBRA, 1998. Vol. XI

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Revisão e adaptação de Frederico Ozanam Pessoa de Barros; supervisão de Padre Antônio Charbel e de A. Della Nina; introdução e supervisão técnica de Luiz Felipe Baêta Neves. Erechim: EDELBRA, 1998a. Vol. IV

VOLTAIRE. Cândido ou o optimismo. In: \_\_\_\_\_. *Contos e novelas*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Editora Globo, s.d.

\_\_\_\_\_. *Zadig ou o destino*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2014.

WHITE, Michael J. Filosofia natural estoica (Física e Cosmologia). In: WOOD, Brad (org.). *Os estoicos*. Tradução de Paulo F. T. Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editores, 2006. p. 139 – 169

WOOLF, Virgínia. *Mrs. Dalloway*. Tradução de Mário Quintana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

XENOFONTE. *Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.